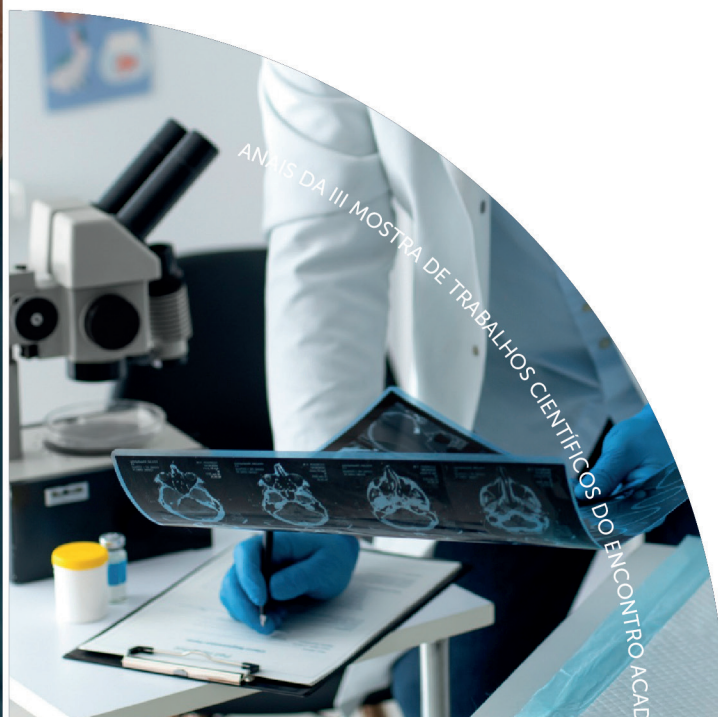


EAVET 2025



Anais da III Mostra de Trabalhos Científicos do Encontro Acadêmico da Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras

8 A 11 DE SETEMBRO DE 2025

ANALIS DA III MOSTRA DE TRABALHOS CIENTÍFICOS DO ENCONTRO ACADÊMICO DA MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE DE VASSOURAS

**Anais da III Mostra de Trabalhos Científicos do Encontro
Acadêmico da Medicina Veterinária da Universidade de
Vassouras**

8 a 11 de Setembro de 2025

**Anais da III Mostra de Trabalhos Científicos do Encontro
Acadêmico da Medicina Veterinária da Universidade de
Vassouras**

8 a 11 de Setembro de 2025

Organização

Ana Paula Martinez de Abreu

Érica Cristina Rocha Roier

Mário dos Santos Filho

Editora da Universidade de Vassouras

Vassouras/RJ

2026

© 2026 Universidade de Vassouras

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)

Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Marco Antonio Soares de Souza

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Capacitação Profissional da UniVassouras

Prof^ª. Dr^ª. Cristiane de Souza Siqueira Pereira

Coordenadora Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária

Prof^ª. Dr^ª. Otávia Reis e Silva

Editor-Chefe das Revistas Online da UniVassouras

Prof. Dr. Bernardo Cunha Senra Barros

Editora Executiva das Produções Técnicas da UniVassouras

Profa. Dra. Paloma Martins Mendonça

Projeto Gráfico

Mariana Moss

Editoração e Edição

Prof. Dr. Mário dos Santos Filho

Mostra de Trabalhos Científicos do Encontro Acadêmico da Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras (3: 2026: Vassouras, RJ)

M8559 Anais da III Mostra de Trabalhos Científicos do Encontro Acadêmico da Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras. / Organização de Ana Paula Martinez de Abreu; Érica Cristina Rocha Roier; Mário dos Santos Filho. – Vassouras, RJ : Universidade de Vassouras, 2026.
114 p.

Recurso eletrônico

Formato: E-book

Modo de acesso

ISBN: 978-65-83616-66-1

1. Ensino. 2. Extensão universitária. 3. Pesquisa. I. Abreu, Ana Paula Martinez de. II. Roier, Érica Cristina Rocha. III. Santos Filho, Mário dos. IV. Universidade de Vassouras. V. Título.

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica On-line – Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. O texto é de responsabilidade de seus autores. As informações nele contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras.

Prefácio

É com grande entusiasmo e profundo senso de realização que apresentamos os destaques da **III Mostra de Trabalhos**, realizada durante o **XII Encontro Acadêmico de Medicina Veterinária (EAVET)** da Universidade de Vassouras. O evento reafirma o compromisso institucional com a excelência acadêmica, a valorização do conhecimento aplicado e o incentivo à pesquisa científica no campo da Medicina Veterinária.

Nesta edição, foram submetidos **112 trabalhos**, dos quais **88 foram aprovados para apresentação oral**, demonstrando o elevado nível de engajamento da comunidade acadêmica. Os projetos contemplam uma ampla diversidade de temas, incluindo estudos clínicos, experimentais, diagnósticos, relatos de caso e revisões sistemáticas, refletindo a sólida formação teórica e prática dos participantes e a orientação cuidadosa de um corpo docente qualificado.

A Mostra ocorreu em **dois dias distintos**: no dia **10 de setembro de 2025**, com a apresentação de alunos da graduação, envolvendo pesquisas originais e relatos de caso; e no dia **11 de setembro de 2025**, com a participação dos alunos do mestrado e a apresentação de **revisões de literatura sistemáticas** em todas as categorias. Esse formato contribuiu para valorizar diferentes níveis de formação e integrar experiências acadêmicas complementares.

O caráter dinâmico e interativo da Mostra favoreceu o diálogo entre estudantes, docentes e profissionais da área, promovendo a troca de saberes e reforçando a importância da construção coletiva do conhecimento científico.

Esperamos que esta coletânea de trabalhos seja uma fonte de inspiração para novas iniciativas de pesquisa e que contribua para a disseminação do conhecimento técnico-científico na Medicina Veterinária. Que os frutos desta Mostra continuem a florescer nos corredores da academia, nos laboratórios, nas clínicas e no campo, fortalecendo o compromisso de todos com o avanço da ciência e o bem-estar animal.

A todos os envolvidos — estudantes, professores, orientadores, avaliadores e colaboradores —, nossos sinceros parabéns e agradecimentos por fazerem deste evento um marco no fortalecimento da pesquisa veterinária.

Ana Paula Martinez de Abreu
Érica Cristina Rocha Roier
Mário dos Santos Filho
Coordenadores da Mostra de Trabalhos

COMISSÃO ORGANIZADORA (Docentes)

Ana Paula Martinez de Abreu
Erica Cristina Rocha Roier
Mário dos Santos Filho

COMISSÃO ORGANIZADORA (Discentes)

Anna Carolina Benício Fernandes
Helena Bianco Rosas
Ingrid Rocha Silva Nascimento
Jeniffer da Costa Genuíno
Juliana de Amorim Penha da Silva
Kamila de Andrade Firmino
Kívia da Silva Ferreira
Tamara Cristina Sobreira Duarte
Vitória Santos de Oliveira
Yasmin Krepk Martins

MEMBROS DO COMITÊ CIENTÍFICO

(Avaliadores de Resumos e Pôsteres)

Aline Maria Andrade da Silva
Ana Júlia Vasconcelos Rodrigues Rivello
Ana Paula Martinez de Abreu
Daniel Carvalho Hainfellner
Eduardo Butturini de Carvalho
Elouise Cristine Barbosa de Souza
Erica Cristina Rocha Roier
Fabiana Alves Ezidio
Fábio Sartori
Guilherme Alexandre Soares Monteiro
Iara Karise Mendes
Isabella Danon Martins
Jackeline Faria Souza
Júlia Morelli Jucá
Juliana das chagas santos
Larissa da Costa Peres Alvim
Larissa Magalhães de Castro
Leila Cardozo Ott
Leonardo Freire Quintanilha
Letícia Patrão de Macedo Gomes
Lívia Maria Souza de Andrade
Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino
Mário dos Santos Filho
Mário Tatsuo Makita
Marya Eduarda de Souza Silva
Mayara Ornelas Pereira
Olivia Soledade Junqueira Silva
Otavia Reis e Silva
Pedro Henrique Evangelista Guedes
Priscila Faber D'Amato
Priscilla Nunes dos Santos
Renata Fernandes Ferreira de Moraes
Sandrine Isolde Duchemin
Sara Elisa Ribeiro Ramos Landim Carvalho
Thaynná Kelly de Souza
Thays Motta Campos
Thiago Furtado Granadeiro

Política Editorial e de Avaliação

Todos os resumos submetidos a esta coletânea passaram por um rigoroso processo de avaliação, baseado na revisão por pares e no anonimato, assegurando imparcialidade, qualidade científica e integridade acadêmica.

Os avaliadores foram escolhidos conforme sua área de especialização, permitindo uma análise criteriosa e técnica. Cada trabalho foi avaliado por, no mínimo, dois revisores independentes, que consideraram critérios como mérito científico, originalidade, relevância dos dados, coerência metodológica e alinhamento com os temas do evento.

Além da avaliação escrita, os trabalhos também foram pontuados com base na apresentação oral realizada durante o evento. Nessa etapa, aspectos como clareza da exposição, domínio do conteúdo, objetividade e qualidade das respostas à banca e ao público foram considerados.

Somente os trabalhos que atenderam a elevados padrões em todas as etapas foram aprovados e incluídos nesta publicação, refletindo o compromisso do evento com a excelência acadêmica, o incentivo à pesquisa científica de qualidade e à formação crítica dos participantes.

Política Antiplágio e Direitos Autorais

Esta obra está protegida pela Lei nº 9.610/1998, que regula os direitos autorais no Brasil. Todo o conteúdo, incluindo ideias, textos e materiais, é de responsabilidade dos respectivos autores, salvo indicação em contrário.

Os autores garantem que o material é original, seguindo os princípios éticos da pesquisa e conduta acadêmica. Os textos foram revisados e passaram por verificação com softwares antiplágio, assegurando a originalidade e o respeito às normas técnicas da ABNT.

Citações e referências de outros autores foram devidamente identificadas e creditadas. É vedada qualquer reprodução, adaptação, distribuição ou uso comercial do conteúdo desta publicação sem autorização expressa dos autores. Qualquer violação está sujeita às penalidades legais.

Responsabilidade pelo Conteúdo

Todo o conteúdo apresentado é de responsabilidade exclusiva dos autores. Eles se comprometeram a seguir critérios científicos e éticos na coleta, análise e divulgação das informações, assumindo a responsabilidade por eventuais erros ou omissões.

Em caso de suspeita de plágio ou uso indevido de fontes, providências serão tomadas conforme as políticas institucionais e diretrizes do corpo editorial. O objetivo é preservar a integridade acadêmica, reforçando os princípios de honestidade e transparência científica.

Direitos de Citação e Referência

As citações de obras de terceiros foram realizadas conforme as normas estabelecidas, com a devida atribuição de autoria. O uso de trechos desta publicação, especialmente para fins acadêmicos ou comerciais, exige citação adequada ou autorização formal dos autores.

Os autores reconhecem a importância da contribuição coletiva para o avanço da ciência, mas reiteram o respeito aos direitos autorais de todos os envolvidos, incluindo coautores e colaboradores.

Em caso de dúvidas, os leitores podem entrar em contato diretamente com os autores.

Uso de Animais em Pesquisa e Consentimento Livre e Esclarecido

Toda pesquisa envolvendo animais seguiu rigorosamente os princípios éticos e legais vigentes, com aprovação do Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA). As intervenções foram justificadas por objetivos científicos relevantes, priorizando sempre a redução, substituição e refinamento no uso de animais.

Procedimentos foram realizados com o menor grau de desconforto possível, e a necessidade do uso de animais foi previamente avaliada.

Consentimento dos Tutores

Os tutores dos animais foram plenamente informados sobre os objetivos, métodos e possíveis riscos das pesquisas, conforme exigido pelas normas éticas. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo que a participação dos animais ocorreu de forma consciente e voluntária.

Caso qualquer tutor optasse por retirar seu animal da pesquisa, essa decisão foi integralmente respeitada, com retirada imediata e garantia de acompanhamento adequado.

Compromisso dos Pesquisadores

Os pesquisadores seguiram integralmente as diretrizes do CEUA em todas as fases do estudo. O bem-estar animal e o respeito aos direitos dos tutores foram observados em sua totalidade, assegurando a conformidade com os regulamentos nacionais sobre o uso de animais em pesquisa científica.

**“PREMIAÇÃO DA III MOSTRA DE TRABALHOS CIENTÍFICOS DO
XII ENCONTRO ACADÊMICO DA MEDICINA VETERINÁRIA DA
UNIVERSIDADE DE VASSOURAS”**

Melhores Trabalhos do Evento

MENÇÃO HONROSA - PÓS-GRADUAÇÃO

**Produção de Carne Bovina: Benefícios da Castração para Rendimento e
Qualidade do Produto Final.**

Leonardo Freire Quintanilha & Leila Cardozo Ott.

PRIMEIRO LUGAR - TRABALHO DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO

**Percepção de conhecimento acerca de monitorização de pequenos animais
sob sedação ou anestesia por médicos veterinários no Brasil.**

Larissa Magalhães de Castro, Isabella Danon Martins, Gabriele Barbosa Brandão, Guilherme
Alexandre Soares Monteiro, Rafaela Pradel de Carvalho & Eduardo Butturini de Carvalho.

PRIMEIRO LUGAR - RELATO DE CASO DE PÓS-GRADUAÇÃO

**Ozonioterapia como estratégia complementar no tratamento do tétano em
equino - Relato de caso.**

Marya Eduarda de Souza Silva, Thays Motta Campos, Sara Elisa Ribeiro Ramos Landim,
Mário dos Santos Filho & Erica Cristina Rocha Roier.

MENÇÃO HONROSA - GRADUAÇÃO

Cardiotoxicidade Induzida por Monocrotalina em Equinos: Revisão Sistemática da Literatura.

João Felipe Halfed Carraca, Melissa Quintella Santinon, Alice Vargas Peralta, Helena Bianco Rosas, Erica Cristina Rocha Roier & Mário dos Santos Filho.

PRIMEIRO LUGAR - TRABALHO DE PESQUISA DE GRADUAÇÃO

Gamificação no Ensino de Virologia Veterinária: Desenvolvimento de um jogo educativo em formato de palavras-cruzadas.

Caio Fachini Lopes de Almeida, Augusto Ramos Saar, Gabriel Ihmaid Avelino, Ana Paula Martinez de Abreu, Mário Tatsuo Makita & Renata Fernandes Ferreira de Moraes.

PRIMEIRO LUGAR - RELATO DE CASO DE GRADUAÇÃO

Osteomielite Crônica por *Nocardia spp.* em Cão Imunossuprimido: Desafio Diagnóstico e Terapêutico.

Lana Costa de Queiroz, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva, João Felipe Halfeld Carraca, Melissa Quintella Santinon, Helena Bianco Rosas & Mário dos Santos Filho.

Sumário

A importância do diagnóstico precoce e manejo das doenças endócrinas em pequenos animais: foco em hipotireoidismo e <i>Diabetes mellitus</i>.	17
Tamires dos Reis Lopes ¹ , Camila Figueira da Cruz ¹ , Ester Gomes da Rocha ¹ & Mário dos Santos Filho ² .	
Abordagem da terapia onservadora em tratamento de fixação dorsal de patela em muare: Relato de caso.	18
Leonardo Freire Quintanilha ¹ & Leila Cardozo Ott ² .	
Abordagem nutricional da doença renal crônica em cães e gatos: Evidências e aplicabilidade prática.	19
Manoela Helena de Souza ¹ ; Samuel Serdeira Caldas Mello ² & Mário dos Santos Filho ³ .	
Abordagens diagnósticas das hepatopatias em aves de companhia com ênfase em psitacídeos: Revisão de literatura.	20
Larissa dos Santos do Nascimento; Patrick Jordao Moledo Pecoraro; Mariana Quintanilha Eller Viana; Renata Garcia Rentes dos Santos; Mariana Cortes Alves & Alvaro Alberto Moura de Sá Passos.	
Achados histopatológicos de <i>Trypanossoma vivax</i> em bovinos: Revisão de literatura.....	21
Melissa Duarte Sobrinho, Izabel de Almeida Oliveira Ogando, João Henrique Oliveira Carvalho, Kívia da Silva Ferreira, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva, Tamara Cristina Sobreira Duarte, Ana Paula Martinez de Abreu & Fabio Sartori.	
Alterações hematológicas e bioquímicas de equinos intoxicados por monocrotalina.	22
Gustavo Augusto dos Santos Ferreira; Anna Júlia de Souza Brandão ¹ ; Gabriela Ferreira Mol Soares ¹ ; Lays da Silva Mendes ¹ ; Marcela Magno dos Reis Barcelos ¹ & Erica Cristina Rocha Roier ² .	
Alterações hepáticas, renais e circulatórias em necropsia de cão: Relato de caso.	23
Társila Nascimento Marcelino, Amanda de Souza Gomes, Ana Beatriz Gomes Assunção Braga, Emilly de Sousa Oliveira, Mile-na Melucci F. Siciliano & Fábio Sartori.	
Análise de eritrogramas em primatas mantidos sob cuidados humanos.	24
Maria Eduarda Gonçalves Barbosa; Sophya Vitória Esteves Rocha ¹ ; Ellen Caroline Costa Candido; Caio Fachini Lopes de Almeida ¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos.	
Análise de Poincaré da variabilidade da frequência cardíaca em 12 equinos saudáveis: Estudo retrospectivo.....	25
Melissa Quintella Santinon, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva, Lana Costa de Queiroz, João Felipe Halfeld Carraca, Mário dos Santos Filho & Erica Cristina Rocha Roier.	
Antibioticoterapia na meningoencefalite bacteriana em cães: Revisão de literatura.	26
Thaynná Kelly de Souza; Fabiana Alves Ezidio & Leila Cardozo Ott.	
Aplicabilidade do eletrocardiograma na determinação do aumento de câmaras cardíacas em cães: Uma revisão sistemática.....	27
Monique Prado Vasconcellos ¹ , Alice Vargas Peralta ¹ , Helena Bianco Rosas ¹ , Victória Cristina de Almeida Menezes ¹ , Eduardo Butturini de Carvalho ² & Mário dos Santos Filho ² .	
Aplicação da ultrassonografia torácica (VetBLUE e TFAST) no diagnóstico e manejo da efusão pleural em felino com linfoma mediastinal associado à FeLV.	28
Ryan de Oliveira Ferreira ¹ , Isabela Vitória de Souza Ferreira ¹ , Laryssa Nunes Cardoso de Oliveira ¹ , Leonardo Maziero de Souza Cerqueira ¹ , Luan Moura Sá ¹ & Guilherme Alexandre Soares Monteiro ² .	
Aspectos Clínicos e Diagnósticos da Conjuntivite Infecciosa Equina Causada por <i>Pseudomonas aeruginosa</i>.	29
Andreza Beatriz Santos Lima de Marins, Gustavo Vieira de Souza Barros, Laysa Emanuelle Ribeiro Palhares, Samira Aline Silva Muniz, Tamara Cristina Cristovam da Silva & Renata Ferreira Fernandes de Moraes.	
Associação de dexmedetomidina, cetamina e butorfanol para sedação em grandes felinos: Revisão de literatura (2020–2025).	30
Mariana Cortes Alves, Patrick Jordao Moledo Pecoraro, Mariana Quintanilha Eller Viana, Renata Garcia Rentes dos Santos, Maria Fernanda Barbosa Soares & Alvaro Alberto Moura de Sá Passos.	
Avaliação de sintomas e fatores de risco da Leishmaniose Visceral Canina no município de Vas-souras.	31

Bruna Marinho de Sousa Santos¹, Andreza Beatriz Santos Lima de Marins¹, Bruna Ribeiro Luiz Braga¹, Adriana Silva de Paula Oliveira Wildhagen² & Priscilla Nunes dos Santos³.

Avaliação placentária pós-parto na espécie equina: Relato de caso. 32
Livia Thurler Pires¹, Gustavo Augusto dos Santos Ferreira¹, Bernardo Paiva Sevidanes¹, Gabriela Maia Godinho¹, Nathalia de Oliveira Silva Santos¹ & Letícia Patrão de Macedo Gomes².

Avanços no diagnóstico e tratamento das doenças cardíacas em cães e gatos: Uma revisão atualizada. 33
Camila Figueira da Cruz, Ester Gomes da Rocha, Tamires dos Reis Lopes & Mário dos Santos Filho.

Benefícios da cirurgia a laser em braquiocéfálicos. 34
Ana Júlia de Carvalho Pires¹, Emanuela de Sousa Domingos¹, Raphaely Andrade Camargo¹, Nathália de Oliveira Silva Santos¹, Nicolas Couto Pinho¹ & Mário dos Santos Filho².

Brucelose Bovina: Sua importância econômica e em saúde pública. 35
Andreza Beatriz Santos Lima de Marins, Gustavo Vieira de Souza Barros, Laysa Emanuelle Ribeiro Palhares, Samira Aline Silva Muniz, Tamara Cristina Cristovam da Silva & Fábio Sartori.

Capillaria boehmi nasal em Cão - Relato de Caso. 36
Tiago Figueiredo Guedes¹, Júlia de Souza Pontes Barbosa¹, Emily de Souza Oliveira¹, Anna Carolina Benício Fernandes¹, Priscilla Nunes dos Santos² & Mário dos Santos Filho².

Cardiotoxicidade induzida por monocrotalina em equinos: Revisão sistemática da literatura. 37
João Felipe Halfed Carraca¹; Melissa Quintella Santinon¹; Alice Vargas Peralta¹; Helena Bianco Rosas¹; Mário dos Santos Filho² & Erica Cristina Rocha Roier².

Correlação entre cardiopatias crônicas e doenças endócrinas em cães: estudo retrospectivo de achados clínicos e laboratoriais. 39
Giovanna Doval Wergles Rodrigues, Lara dos Santos Gomes, Luiza Amorim Gonçalves, Dimitri da Silva Alves, Bruna Pereira Gonçalves & Mário dos Santos Filho.

Correlação entre pressão arterial sistólica e pressão intraocular em cães com doença renal crônica: Estudo retrospectivo baseado nos estágios da IRIS. 40
Lara dos Santos Gomes¹, Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Luiza Amorim Gonçalves¹, Bruna Pereira Gonçalves², Karine Keller Rezende & Mário dos Santos Filho.

Dermatite à exposição solar associada à carcinoma de células escamosas: Relato de caso. 41
Helena Costa da Silva; Victória Cristina de Almeida Menezes; Mariana Quintanilha Eller Viana¹; Mariana Cortes Alves¹; Mariana Fernanda Barbosa Soares¹; Mário dos Santos Filho.

Desafios nutricionais para animais selvagens em zoológicos: uma revisão focada em dieta, forma de oferta e bemestar. 42
Mariana Cortes Alves, Alice Vargas Peralta, Victória Cristina de Almeida Menezes, Helena Bianco Rosas, Helena Costa da Silva & Renata Fernandes Ferreira de Moraes.

Detecção de antígeno de *Dirofilaria immitis* após aquecimento de soro: Relato de série de casos com 6 cães utilizando o teste 4dx®. 43
Luana Lavinas Gonçalves Rodrigues¹, Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Matheus Felipe Moreira de Carvalho¹, Mário Tatsuo Makita², Priscila Nunes dos Santos & Mário dos Santos Filho.

Diagnóstico precoce e monitoramento da doença respiratória bovina em bezerros por meio da ultrassonografia torácica. 44
Nathália de Oliveira Silva Santos; Ana Júlia de Carvalho Pires; Emanuela de Sousa Domingos; Raphaely Andrade Camargo & Leila Cardozo Ott.

Diarreia crônica associada à presença de *Cyniclomyces guttulatus* em um cão: Relato de caso... 45

Jade Moura Sá, Giulia Rubim Kessler, Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos, Mário Tatsuo Makita, Priscila Nunes dos Santos & Mário dos Santos Filho.

Diarreia crônica refratária em felino jovem associada à giardíase persistente e hipoplasia linfática intestinal. 46
Mariana Serra Alves, Ana Clara Ferreira Brandão, Maria Eduarda Dias Esmeraldo, Julia Soares Dinelli Maia, Bruna Pereira

Gonçalves & Mario dos Santos Filho.

Dieta natural balanceada para cães e gatos: Benefícios e desafios nutricionais..... 47

Ester Costadela do Valle, Mariana Cortes Alves, Helena Costa da Silva, Helena Bianco Rosas, Monique Prado Vasconcellos & Mario dos Santos Filho.

Dirofilariose felina: diagnóstico por imagem e desafios terapêuticos – Revisão sistemática e metanálise. 48

Caroline Fernandes de Andrade Faustino¹, Victória Cristina de Almeida Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Vitória Santos de Oliveira¹, Maria Eduarda Cabral de Oliveira Murat¹ & Mário dos Santos Filho².

Disponibilidade e confiabilidade de equipamentos de monitorização na sedação e anestesia de pequenos animais no Brasil: Resultados parciais. 49

Isabella Danon Martins, Larissa Magalhães de Castro, Gabriele Barbosa Brandão, Rafaela Pradel de Carvalho, Guilherme Alexandre Soares Monteiro & Eduardo Butturini de Carvalho.

Efetividade de estratégias reprodutivas assistidas em cães e gatos: Revisão sistemática e meta-análise das taxas de prenhez..... 50

Louise Pivetti do Valle de Moraes Oliveira, Jade Moura de Sá, Giulia Rodrigues Rubim Kessler, Pedro Henrique Evangelista Guedes, Erica Cristina Rocha Roier & Mário dos Santos Filho.

Eficácia e limitações do tramadol na analgesia veterinária: Uma revisão de evidências clínicas e experimentais. 51

Nicole Mattos de Souza Muniz, Giulia Rodrigues Rubim Kessler, Manuella Fonseca Mazzoto, Marcella Larissa de Almeida Costa, Monique Prado Vasconcellos & Eduardo Butturini de Carvalho

Endocardiose e gota úrica visceral em pinguim-africano (*Spheniscus demersus*) - Revisão de literatura. 52

Estudo crítico a respeito do manejo nutricional e físico em cães e gatos obesos..... 53

Júlia Aléxia Fernandes Barros Reis, Helena Fiorelli de Souza, Isabella Cristina Galdino Furtado & Mário dos Santos Filho.

Evidência radiográfica de esclerose metafisária secundária ao vírus da cinomose..... 54

Juliana Barros Oliveira¹, Letícia Aparecida Alves dos Reis¹, Melissa Duarte Sobrinho¹, Ana Paula Martinez de Abreu² de Abreu & Fábio Sartori².

Exames de imagem como ferramenta essencial para o diagnóstico, acompanhamento e definição da conduta clínica em obstrução ureteral em felino – Relato de caso..... 55

Mariana Lins Reis da Silva¹, Yasmin Baeta Viegas Moreira, Diana Carolina Novaes Cordeiro, Isabelly Cristina Duque de Oliveira & Carla Fernanda Paranhos de Moura Carvalho.

Exostose anular interfalângica (“Ringbone”) em equino de trabalho - Relato de caso.....57

Lays da Silva Mendes, Gustavo Augusto dos Santos Ferreira, Luana Lopes dos Santos, Marcela Magno dos Reis Barcelos, Alvaro Alberto Moura Sá dos Passos & Erica Cristina Rocha Roier.

Febre Potomac descrita em Botucatu – Revisão de literatura. 58

Melissa Duarte Sobrinho, Izabel de Almeida Oliveira Ogando, João Henrique Oliveira Carvalho, Kívia da Silva Ferreira, Letícia Aparecida Alves dos Reis, Tamara Cristina Sobreira Duarte, Ana Paula Martinez de Abreu & Fabio Sartori.

Fisioterapia preventiva como ferramenta de longevidade em cavalos atletas - Revisão de literatura. 59

Marya Eduarda de Souza Silva, Isabella Danon Martins, Thays Motta Campos, Sara Elisa Ribeiro Ramos Landim³, Mário dos Santos Filho & Erica Cristina Rocha Roier,

Fraudes em produtos de origem animal: Detecção, legislação e impactos na saúde pública..... 60

Marcela Magno dos Reis Barcelos, Lívia Maria Souza de Andrade, Eloisa Chaves Figueiredo, Caian Romero Paiva, Anna Júlia Brandão de Souza & Mayara Ornelas Pereira.

Gamificação no ensino de virologia veterinária: Desenvolvimento de um jogo educativo em formato de palavras-cruzadas.....61

Caio Fachini Lopes de Almeida, Augusto Ramos Saar, Gabriel Ihmaid Avelino, Ana Paula Martinez de Abreu, Mário Tatsuo Makita & Renata Fernandes Ferreira de Moraes.

Gangrena gasosa em cães: Aspectos clínicos e terapêuticos de infecções por *Clostridium perfringens* – Revisão de Literatura..... 62

Izabel de Almeida Oliveira Ogando, Giulia Bisighini de Barros Bella Cunha, Juliana Barros Oliveira, Melissa Duarte Sobrinho,

Milena Melucci Fonseca Siciliano & Mário Tatsuo Makita.

Gota úrica visceral em *Tyto alba* de vida livre no Brasil - Revisão de Literatura. 63

Mariana Quintanilha Eller Viana, Patrick Jordão Moledo Pecoraro, Mariana Cortes Alves, Renata Garcia Rentes dos Santos, Maria Fernanda Barbosa Soares & Alvaro Alberto Moura de Sá Passos.

Hemangiossarcoma esplênico e cardíaco em cão da raça golden retriever: Relato de caso..... 64

Ana Julia Criva da Cunha Manso¹, Emanuella de sousa domingos¹, Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Juliana De Amorim Penha da Silva¹, Ana Carolina de Souza Campos² & Mário dos Santos Filho².

Hepatite grave secundária à leptospirose canina: Relato de caso clínico..... 65

Bruna Mattos de Lima e Silva¹, Fellipe Bonatti de Medeiros Teixeira¹, Hugo Rodrigues Dias¹, Juan Lopes Ferreira¹, Renata Fernandes Ferreira de Moraes² & Mário dos Santos Filho².

Hidrocefalia congênita em Cães - Diagnóstico e abordagem cirúrgica: Revisão de literatura... 66

Helena Fiorelli de Souza¹; Isabella Cristina Galdino Furtado¹; Júlia Aléxia Fernandes Barros¹ & Mário dos Santos Filho²

Hiperparatireoidismo nutricional secundário em gecko-leopardo: Relato de caso. 67

Letícia Bilches Esteves Scramin, Ellen Caroline Costa Candido¹, Juan Lopes Ferreira¹, Raphaely Andrade Camargo¹, Sophya Vitória Esteves Rocha¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

Hipoplasia de traqueia em cães braquicefálicos: Estudo retrospectivo em serviço de cardiologia veterinária. 68

Monique Prado Vasconcellos¹, Caroline Fernandes de Andrade Faustino¹, Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Vitória Santos de Oliveira¹, Maria Eduarda Cabral de Oliveira Murat¹, Vitória Santos de Oliveira¹ & Mário dos Santos Filho².

Identificação de marcadores microsatélites para o tubarão-tigre (*Galeocerdo cuvier*) utilizando sequenciamento de segunda geração e seu impacto na medicina veterinária de animais marinhos..... 70

Mariana Quintanilha Eller Viana, Nicole Mattos de Souza Muniz, Renata Garcia Rentes dos Santos, Leandro Marques Gomes & Alvaro Alberto Moura de Sá Passos.

Importância da higienização dos tetos das éguas no pós-parto para a saúde neonatal. 71

Ana Júlia Vasconcelos Rodrigues Rivello, Larissa de Castro Magalhães, Bruna Pereira Gonçalves, Marina Lima Gianastácio & Érica Cristina Rocha Roier.

Influência do DMSO na viabilidade de retalhos cutâneos randômicos e reparo de feridas cirúrgicas em ratos. 72

Juan Lopes Ferreira¹, Letícia Bilches Esteves Scramin¹, Hugo Rodrigues Dias¹, Bruna Mattos de Lima e Silva¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹ & Álvaro Alberto Moura dos Sá Passos².

Infusão alvo-controlada e bloqueio locorregional como estratégias para estabilidade anestésica em cirurgia orofaríngea: Relato de caso. 73

Milena de Oliveira Cruz¹, Lara dos Santos Gomes¹, Monique Prado Vasconcellos¹, Caio da Silva Afonso¹, Daniel Sacchi de Souza² & Eduardo Butturini de Carvalho.

Insuficiência adrenal primária em cão com hiponatremia, hipercalcemia e bradicardia relativa: relato de caso clínico. 75

Alice Vargas Peralta, Helena Bianco Rosas, Monique Prado Vasconcellos, Victoria Cristina de Almeida, Julia soares Dinelli Maia&Mário dos Santos Filho.

Intoxicação por xilitol em cão com evolução para insuficiência hepática. 76

Beatriz de Andrade Reis, Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha, Manuella Fonseca Mazzoto, Manoela Helena de Souza, Maria Fernanda Barbosa Soares & Mário dos Santos Filho.

Leucemia Felina (FeLV) e avanços terapêuticos: Uma revisão sobre o uso do Raltegravir. 77

Isabella Cristina Galdino Furtado, Helena Fiorelli de Souza, Júlia Aléxia Fernandes Barros Reis& Mário Tatsuo Makita.

Leucemia mielóide aguda em um felino de 2 anos: Relato de Caso..... 78

Manuella Fonseca Mazzoto¹, Giulia Rodrigues Rubim Kessler¹, Nicole Mattos de Souza Muniz¹ & Mário dos Santos Filho².

Linfoma alimentar de baixo grau em gato geriátrico com vômitos crônicos e perda de peso: Relato de caso. 79

Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha¹, Maria Elisia Pereira Rangel¹, Luiza Amorim Gonçalves¹, Bruna Pereira Gonçalves², Julia Soares Dinelli Maia² & Mário dos Santos Filho³.

Mieloencefalite protozoária Equina: O papel de <i>Neospora hughesi</i> na ocorrência da doença. .	80
Andreza Beatriz Santos Lima de Marins, Gustavo Vieira de Souza Barros, Laysa Emanuelle Ribeiro Palhares, Samira Aline Silva Muniz, Tamara Cristina Cristovam da Silva & Priscilla dos Santos Nunes.	
Neoplasia e metástase pulmonar em cão: Um relato de caso.	81
Leonardo Canedo de Magalhães Dias, Pedro Henrique Christo Fernandes, Matheus Machado Vieira de Miranda Corrêa & Letícia Patrão de Macedo Gomes.	
Neurocisticercose e sua relevância para a Saúde Pública: Uma revisão de literatura.	82
Milena Melucci F. Siciliano, Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha, Melissa Duarte Sobrinho, Társila Nascimento Marcelino, Thallys Bastos Biaggi S. Santos & Fábio Sartori.	
O papel do ‘bit seat’ no conforto bucal e no desempenho de equinos atletas: uma revisão de literatura.	83
Helena Bianco Rosas ¹ ; Mariana Cortes Alves ¹ ; Monique Prado Vasconcellos ¹ ; Juliana de Amorim Penha da Silva ¹ ; João Felipe Halfeld Carraca ¹ & Erica Cristina Rocha Roier ² .	
Obstrução uretral secundária a neoplasia prostática em cão idoso: Relato de caso.....	84
Cecília Torres Alves ¹ , Luana Lopes dos Santos ¹ , Luiza Tomé Faria ¹ , Mariana Silva de Souza ¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes ² .	
Osteomielite crônica por <i>Nocardia spp.</i> em cão imunossuprimido: Desafio diagnóstico e terapêutico.....	85
Lana Costa de Queiroz, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva, João Felipe Halfeld Carraca, Melissa Quintella Santinon, Helena Bianco Rosas & Mário dos Santos Filho.	
Osteossarcoma em ulna de <i>Agapornis roseicollis</i> com metástase pulmonar: Relato de caso. ..	86
Luana Costa Ferreira ¹ ; Caio Fachini Lopes de Almeida ¹ ; Mel da Matta do Carmo ¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos ² .	
Osteossarcoma mamário em cadela SRD: Relato de caso e abordagem terapêutica.	87
Anna Júlia Brandão de Souza ¹ ; Cecília Torres Alves ¹ ; Lays da Silva Mendes ¹ ; Luana Lopes dos Santos ¹ ; Mariana Silva de Souza ¹ & Mário dos Santos Filho ² .	
Ozonioterapia como estratégia complementar no tratamento do tétano em equino: Relato de caso.....	88
Marya Eduarda de Souza Silva, Thays Motta Campos, Sara Elisa Ribeiro Ramos Landim, Mário dos Santos Filho & Erica Cristina Rocha Roier.	
Percepção de conhecimento acerca de monitorização de pequenos animais sob sedação ou anestesia por médicos veterinários no Brasil.	89
Larissa Magalhães de Castro ¹ ; Isabella Danon Martins ¹ ; Gabriele Barbosa Brandão ¹ ; Guilherme Alexandre Soares Monteiro ² ; Rafaela Pradel de Carvalho ² & Eduardo Butturini de Carvalho ³ .	
Percepção de médicos veterinários sobre atenção e práticas na monitorização de pequenos animais no Brasil.	91
Gabriele Barbosa Brandão ¹ , Isabella Danon Martins ¹ , Larissa Magalhães de Castro ¹ , Rafaela Pradel; Eduardo Butturini de Carvalho ³ & Guilherme Alexandre Soares Monteiro ³ .	
Pielonefrite bacteriana com evolução para sepse em cadela idosa: Relato de caso.	93
Maria Clara de Souza Freitas ¹ , Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha ¹ , Giovanna Doval Wergles Rodrigues ¹ , Júlia Alécia Fernandes Barros Reis ¹ , Ester Costadela do Valle & Mário dos Santos Filho ² .	
Pneumotórax espontâneo associado a bolhas enfisematosas em cão jovem sem comorbidades respiratórias - Relato de caso.....	94
Vitória Cristina de Almeida Menezes ¹ ; Helena Bianco Rosas ¹ ; Helena Costa da Silva; Alice Vargas Peralta ¹ ; Mariana Cortes Alves ¹ & Mário dos Santos Filho ² .	
Produção de carne bovina: Benefícios da castração para rendimento e qualidade do produto final.....	95
Leonardo Freire Quintanilha ¹ & Leila Cardozo Ott ² .	
Pseudo-obstrução ureteral por cistite polipoide com hidronefrose unilateral em felino: Relato de caso.....	96
Diana Ivanov Pedroso; Bruna Mattos de Lima e Silva; Clara Marques Barros; Julia Soares Dinelli Maia; Bruna Pereira Gonçalves ² & Mário dos Santos Filho.	

Retenção de ovo em periquito-australiano (<i>Melopsittacus undulatus</i>) - Relato de caso.....	97
Júlia de Souza Pontes Barbosa ¹ , Tiago Figueiredo Guedes ¹ , Marina Lima Gianastacio ² , Larissa Magalhães de Castro ² , Erica Cristina Rocha Roier ³ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes ³ .	
Revisão crítica da histoplasmosse cutânea em felinos: Novas ferramentas diagnósticas e abordagens integradas.	98
Gustavo Vieira de Souza Barros; Fernanda Cristina de Oliveira Lopes; Samira Aline Silva Muniz; Suzana Barbosa Macedo; Tamara Cristina Cristovam da Silva & Mário dos Santos Filho.	
Rinite linfoplasmocitária crônica em gato com estenose nasal parcial – Relato de caso.....	99
Vitória Cristina de Almeida Menezes ¹ ; Juliana de Amorim Penha da Silva ¹ ; Ellen Caroline Costa Candido ¹ ; Emanuelle Carvalho Guerra Carneiro ¹ ; Monique Prado Vasconcellos ¹ & Mário dos Santos Filho ² .	
Temperamento de receptoras e matrizes em criações de equinos.	100
Ana Júlia Vasconcelos Rodrigues Rivello ¹ ; João Felipe Halfeld Carraca ² ; Renata Gonçalves da Fonseca Bonatti ² ; Ana Júlia Brandão de Souza ² & Érica Cristina Rocha Roier.	
Tratamento cirúrgico de paciente reptiliano com prolapso peniano: Relato de caso.....	101
Mel da Matta do Carmo; Caio Fachini Lopes de Almeida; Cecília Torres Alves; Helena Fiorelli de Souza; Luana Costa Ferreira & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos ² .	
Úlcera de córnea refratária em cão da raça shih-tzu: desafio diagnóstico e terapêutico na clínica oftálmica veterinária: Relato de caso.	102
Maria Clara da Silva Arruda Pereira ¹ ; Ana Clara Ferreira Brandão ¹ ; Ana Livia Pereira Oliveira ¹ ; Isabella Esteves Silveira ¹ ; Karine Keller Rezende ² & Mário dos Santos Filho ³ .	
Uso da aloe vera no tratamento de feridas em membros de equinos: evidências, limitações e perspectivas: Revisão de literatura.	103
Patrick Jordão Moledo Pecoraro, Mariana Quintanilha Eller Viana, Mariana Cortes Alves, Renata Garcia Rentes dos Santos, Mario dos Santos Filho & Erica Cristina Rocha Roier.	
Uso da termografia infravermelha no diagnóstico de afecções musculoesqueléticas em cães atletas.	104
Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha, Beatriz de Andrade Reis, Giovanna Doval Wergles Rodrigues, Júlia Alexia Fernandes Barros Reis, Maria Clara de Souza Freitas & Mário dos Santos Filho.	
Uso de antidepressivos no manejo da dor em cães: Revisão de literatura.	105
Fellipe Bonatti de Medeiros Teixeira ¹ ; Ana Clara Lima de Oliveira ¹ ; Ayssa Miranda dos Santos Ramos ¹ ; Lavínia Alzeman Dias Delfino ¹ ; Letícia Bilches Esteves Scramin ¹ & Mário dos Santos Filho ² .	
Uso de interferons no tratamento de retrovíroses felinas.	106
Isabella Cristina Galdino Furtado; Helena Fiorelli de Souza; Júlia Aléxia Fernandes Barros Reis & Mário dos Santos Filho.	
Uso de lactato sanguíneo como marcador prognóstico em cães com choque séptico.....	107
Manuella Fonseca Mazzoto; Caroline Fernandes de Andrade Faustino; Jeniffer da Costa Genuíno; Manoela Helena de Souza; Yasmin Krepk Martins & Mário dos Santos Filho.	
Uso de soro hiperimune em cães com doenças virais: Revisão sistemática.	108
Ana Clara Lima de Oliveira ¹ ; Ayssa Miranda dos Santos Ramos ¹ ; Bruna Mattos de Lima e Silva ¹ ; Lavínia Alzeman Dias Delfino ¹ ; Letícia Bilches Esteves Scramin ¹ & Mário dos Santos Filho² .	
Utilização da miltefosina no tratamento de leishmaniose canina: Revisão de literatura.	109
Fabiana Alves Ezídio; Thaynná Kelly de Souza & Leila Cardozo Ott.	
Utilização do tacrolimus tópico 0,1% para tratamento de lúpus eritematoso discóide em cão: Relato de caso.	110
Lays da Silva Mendes; Anna Júlia Brandão de Souza; Caio da Silva Afonso; Lucas Pereira de Moura Jorge; Yasmin Severo Pullig Sad Coelho & Raphaela Fernandes Coelho.	

A importância do diagnóstico precoce e manejo das doenças endócrinas em pequenos animais: foco em hipotireoidismo e *Diabetes mellitus*.

Tamires dos Reis Lopes¹, Camila Figueira da Cruz¹, Ester Gomes da Rocha¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As doenças endócrinas, como o hipotireoidismo e o diabetes mellitus, são comumente diagnosticadas na rotina veterinária de pequenos animais, especialmente em cães e gatos. O diagnóstico precoce dessas condições é essencial para prevenir complicações graves e melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Nos últimos anos, avanços no diagnóstico laboratorial e no manejo dessas doenças têm permitido um controle mais eficaz e melhor prognóstico. O hipotireoidismo é a doença endócrina mais comum em cães, caracterizada pela diminuição da produção de hormônios tireoidianos. O diagnóstico é baseado na avaliação clínica e na confirmação laboratorial, principalmente através da dosagem de T4 total, TSH canino e, em alguns casos, T4 livre. Testes mais específicos, como o TRH (hormônio liberador de tireotrofina), têm sido utilizados para aumentar a acurácia diagnóstica. O tratamento consiste na reposição de levotiroxina sódica, com monitoramento regular dos níveis hormonais para ajustes de dose. O diagnóstico precoce é crucial para evitar complicações como alterações neurológicas e cardiovasculares, além de melhorar a resposta ao tratamento. O diabetes mellitus é uma das principais endocrinopatias em pequenos animais, especialmente em cães e gatos. Em cães, é geralmente do tipo 1 (insulino-dependente), enquanto nos gatos, o tipo 2 (resistência à insulina) é mais comum. O diagnóstico é baseado na combinação de sinais clínicos (poliúria, polidipsia, perda de peso) e exames laboratoriais, como hiperglicemia persistente e glicosúria. O manejo do diabetes mellitus envolve a administração de insulina e o controle rigoroso da dieta. Em gatos, a remissão do diabetes é possível em alguns casos, especialmente com o uso de insulinas de longa duração e dietas ricas em proteínas e pobres em carboidratos. O monitoramento contínuo dos níveis de glicose no sangue é essencial para prevenir complicações, como cetoacidose diabética e hipoglicemia. O uso de dispositivos de monitoramento contínuo da glicose (CGM) tem revolucionado o manejo do diabetes em pequenos animais, permitindo o controle mais preciso e a redução da frequência de episódios de hipoglicemia ou hiperglicemia. Estudos recentes estão investigando o uso de terapias imunomoduladoras e intervenções com células-tronco para o manejo do diabetes mellitus em cães e gatos. Embora ainda em fase experimental, essas abordagens podem representar uma mudança significativa no tratamento da doença. O diagnóstico precoce e o manejo adequado das doenças endócrinas são fundamentais para melhorar a sobrevivência e a qualidade de vida de cães e gatos. A introdução de novas tecnologias de monitoramento e a evolução nas terapias, especialmente no controle do diabetes mellitus, têm facilitado o manejo dessas condições. No entanto, a adesão ao tratamento por parte dos tutores e o monitoramento contínuo são desafios frequentes na prática clínica. O avanço nas ferramentas diagnósticas e nos tratamentos de doenças endócrinas como o hipotireoidismo e o diabetes mellitus tem contribuído significativamente para a melhoria do prognóstico em pequenos animais. A detecção precoce e o manejo adequado são essenciais para prevenir complicações graves e melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

Palavras-chave: *Diabetes mellitus*; Doenças endócrinas; Hipotireoidismo; Prognóstico; Qualidade de vida.

Abordagem da terapia conservadora em tratamento de fixação dorsal de patela em muares: Relato de caso.

Leonardo Freire Quintanilha¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

Resumo

A fixação dorsal de patela em muares é uma patologia que acomete a articulação femorotíbio-patelar, evidenciada pela hiperextensão do membro pélvico, onde o ligamento patelar medial se prende à crista da tróclea medial do fêmur durante o movimento, essa condição pode estar ligada a vários fatores predisponentes, como tônus muscular, baixo escore corporal, e irregularidade nos aprumos. O objetivo desse presente trabalho é relatar a abordagem da terapia conservadora com uso de anti-inflamatório associado a fisioterapia como tratamento em casos de fixação dorsal de patela em muares. Uma fêmea de muar com aproximadamente 10 anos de idade foi atendida em uma fazenda localizada em Andrade Pinto, Vassouras-RJ. O animal apresentou quadro clínico de desconforto, dificuldade ao caminhar e instabilidade no membro posterior esquerdo. Após uma rigorosa anamnese e um exame clínico de palpação, o diagnóstico de fixação dorsal da patela foi estabelecido e o tratamento adotado foi uma terapia conservadora, com fisioterapia (exercícios leves e moderados em subidas leves e ducha com água gelada) e administração de anti-inflamatório injetável (Meloxicam 2%) e (Firocoxibe – 1g), o protocolo de tratamento com os fármacos de eleição para esse tratamento teve a duração de 5 dias com aplicação de 10 ml de Meloxicam 2% por via endovenosa uma vez ao dia (período inicial do dia), e aplicação de 4 gramas do Firocoxibe por via oral uma vez ao dia (na parte da tarde) assim evitando-se procedimentos cirúrgicos invasivos. Ao longo do acompanhamento, observou-se uma melhora progressiva na mobilidade do membro afetado, redução da dor e recuperação funcional, demonstrando que essa abordagem terapêutica pode ser eficaz em casos de fixação dorsal de patela em equinos e muares. Este relato reforça a importância do procedimento clínico alternativo e do acompanhamento criterioso na recuperação de patologias ortopédicas em equinos e muares, especialmente quando as opções cirúrgicas podem representar riscos ou limitações. O tratamento conservativo, usando fisioterapia e tratamento com anti-inflamatório mostra-se uma alternativa à cirurgia em casos de fixação dorsal de patela.

Palavras-chave: Fisioterapia; Patologia ortopédica; Reabilitação; Tróclea.

Abordagem nutricional da doença renal crônica em cães e gatos: Evidências e aplicabilidade prática.

Manoela Helena de Souza¹; Samuel Serdeira Caldas Mello² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médico-veterinário autônomo – Três Rios-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A doença renal crônica é uma das enfermidades mais prevalentes na clínica de pequenos animais, especialmente em cães e gatos com idade avançada. Trata-se de uma condição irreversível e progressiva, em que a intervenção terapêutica visa sobretudo retardar a evolução do quadro, reduzir a intensidade dos sinais clínicos e manter a qualidade de vida do paciente. Nesse contexto, a abordagem nutricional representa a estratégia mais consolidada, acessível e eficaz, configurando-se como o padrão de cuidado não farmacológico em cães e gatos com doença renal crônica. Dietas renais comerciais específicas demonstraram de forma consistente a capacidade de aumentar a sobrevida, reduzir crises urêmicas e proporcionar maior bem-estar quando comparadas a dietas de manutenção convencionais. O controle da progressão da doença renal crônica por meio da alimentação envolve múltiplos aspectos, sendo a restrição de fósforo o ponto central, capaz de reduzir a hiperfosfatemia, a progressão da nefroesclerose e as complicações metabólicas associadas. Em relação à proteína dietética, a recomendação atual não é a restrição indiscriminada, mas sim a manutenção de níveis adequados de proteína de alta qualidade, suficientes para preservar a massa muscular e evitar desnutrição, ao mesmo tempo em que se minimiza a sobrecarga renal. A modulação do sódio, por sua vez, contribui para o controle da hipertensão, frequentemente presente nesses pacientes. Outros componentes de destaque incluem os ácidos graxos essenciais ômega-3, com potencial anti-inflamatório e nefroprotetor, e os antioxidantes, que ajudam a reduzir o estresse oxidativo relacionado à progressão da doença. Estratégias complementares, como o uso de prebióticos, probióticos, fitoterápicos e quelantes de fósforo, vêm ganhando espaço como coadjuvantes, embora com resultados ainda em consolidação. Evidências clínicas longitudinais demonstram que gatos em dieta renal podem viver o dobro do tempo em comparação àqueles alimentados com dietas convencionais, enquanto cães apresentam redução significativa na mortalidade e melhora de parâmetros bioquímicos quando submetidos ao manejo dietético adequado. Na prática clínica, a prescrição nutricional deve ser individualizada, considerando estágio da doença, escore de condição corporal, aceitação da dieta e perfil metabólico de cada paciente. Em situações de recusa alimentar, formulações caseiras balanceadas podem ser utilizadas como alternativa às comerciais, quando prescritas e supervisionadas pelo médico-veterinário. O monitoramento periódico do fósforo sérico, ureia, creatinina, peso corporal e massa muscular é fundamental para o sucesso terapêutico. Em conclusão, a nutrição direcionada é a principal ferramenta de intervenção não farmacológica na doença renal crônica de cães e gatos, com forte evidência de eficácia clínica. Seu uso deve ser encarado como parte essencial do protocolo terapêutico, proporcionando maior longevidade, estabilidade clínica e qualidade de vida aos pacientes renais.

Palavras-chave: Dieta Renal; Nefropatia; Nutrição; Pequenos Animais; Qualidade de Vida; Sobrevida.

Abordagens diagnósticas das hepatopatias em aves de companhia com ênfase em psitacídeos: Revisão de literatura.

Larissa dos Santos do Nascimento¹; Patrick Jordao Moledo Pecoraro¹; Mariana Quintanilha Eller Viana¹; Renata Garcia Rentes dos Santos¹; Mariana Cortes Alves¹ & Alvaro Alberto Moura de Sá Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As hepatopatias são causa frequente de morbidade em aves de companhia, sobretudo psitacídeos, porém o diagnóstico precoce ainda é desafiador pela inespecificidade clínica e limitações de testes isolados. Esta revisão sintetiza evidências atuais para orientar uma abordagem diagnóstica prática, integrando anamnese (dieta rica em sementes, histórico de obesidade ou exposição a toxinas), exame físico (perda de massa peitoral, diátese hemorrágica, coloração de mucosas), exames laboratoriais e de imagem. Marcadores séricos clássicos, como AST e ácidos biliares, auxiliam, mas exibem baixa sensibilidade em doença não avançada; relatos demonstram ácidos biliares normais em parcela significativa de psitacídeos com lesão confirmada por histopatologia, reforçando a necessidade de interpretar painéis em conjunto e considerar eletroforese proteica. A radiografia em projeções ortogonais permite estimar hepatomegalia (contorno hepático além da junção hepatocárdica e redução do “triângulo” de ar), enquanto a ultrassonografia contribui com avaliação de ecotextura e margens, além de guiar citologia/biópsia quando indicada, com risco controlado e alto valor confirmatório. Entre as principais etiologias, destacam-se a lipidose hepática associada a dietas hiperlipídicas e sedentarismo, infecções sistêmicas como *Chlamydia psittaci* e herpesvírus (Doença de Pacheco), além de processos granulomatosos (p.ex., micobacteriose) e causas tóxicas. Para a prática clínica, propõe-se um fluxo: (1) triagem clínica-nutricional e ajuste imediato de manejo; (2) painel laboratorial básico com ênfase em AST, CK (para interpretar AST), ácidos biliares e eletroforese; (3) radiografia e ultrassonografia para dimensão e ecotextura; (4) quando persistir suspeita ou para estadiamento, amostragem guiada do fígado (citologia/biópsia) e testes específicos conforme diferenciais (PCR para *C. psittaci*; sorologia/PCR para herpesvírus; baciloscopia/cultura para micobactérias). Conclui-se que a acurácia diagnóstica decorre menos de um “teste ideal” e mais da integração sequencial de dados clínicos, laboratoriais e de imagem, reservando a biópsia para confirmação e direcionamento terapêutico. A adoção de protocolos padronizados, educação nutricional dos tutores e monitoração com o mesmo teste que confirmou a doença aumentam a chance de intervenção precoce e melhoram o prognóstico.

Palavras-chave: Ácidos biliares; *Chlamydia psittaci*; Hepatopatia; Lipidose hepática; Psitacídeos; Ultrassonografia.

Achados histopatológicos de *Trypanossoma vivax* em bovinos: Revisão de literatura.

Melissa Duarte Sobrinho¹, Izabel de Almeida Oliveira Ogando¹, João Henrique Oliveira Carvalho¹, Kívia da Silva Ferreira¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Tamara Cristina Sobreira Duarte¹, Ana Paula Martinez de Abreu² & Fabio Sartori².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A tripanossomíase bovina, causada por protozoários do gênero *Trypanosoma*, especialmente *T. vivax*, tem ganhado relevância na pecuária leiteira e de corte da América do Sul, provocando perdas econômicas e apresentando sinais clínicos e histopatológicos variados conforme a fase da infecção. Entre os principais fatores de risco para a disseminação do agente em rebanhos, destacam-se: aquisição de animais sem histórico sanitário, compartilhamento de agulhas (por exemplo, na aplicação de ocitocina), vetores mecânicos como *Tabanus* sp. e *Stomoxys calcitrans*, além do contato entre animais de diferentes origens durante o transporte. Os sinais clínicos são inespecíficos e semelhantes a outras doenças hemoparasitárias, como babesiose e anaplasmoze, o que dificulta o diagnóstico e exige métodos laboratoriais complementares. Técnicas parasitológicas (esfregaço e teste de Woo) são indicadas na fase aguda; já o ELISA é útil em infecções subagudas ou crônicas. A PCR, por sua vez, oferece alta sensibilidade ao detectar o DNA do parasita em tecidos. Achados histopatológicos são fundamentais na avaliação de casos subclínicos ou crônicos, nos quais o parasita pode não ser visível no sangue. As lesões em órgãos como coração, rins, fígado, baço e sistema nervoso central (SNC) auxiliam no diagnóstico diferencial frente a outras parasitoses com sinais semelhantes. Casos de necropsia ilustram a diversidade das alterações teciduais. Em geral, os achados histopatológicos são lesões linfoplasmocitárias e hiperplasia linfóide encontrados no baço e no linfonodo, e lesões inflamatórias multifocais em órgãos como o rim, fígado e coração. É possível observar bronco-pneumonia crônica, lesões vasculares como trombose e dano endotelial e necrose tecidual. Os achados citados são frequentemente inespecíficos isoladamente, exigindo assim confirmação laboratorial. Manifestações neurológicas tem sido relatadas com frequência em regiões como no Nordeste, tornando-se foco de estudos patológicos nacionais. A enfermidade também representa uma ameaça econômica, com prejuízos decorrentes de queda na produção, descarte precoce de animais e gastos com contenção. O diagnóstico precoce e preciso é crucial para minimizar tais impactos. Apesar dos avanços, ainda há lacunas importantes na compreensão da doença. Estudos futuros com imunohistoquímica e análise molecular em tecidos específicos, como sistema nervoso e órgãos reprodutivos, podem aprofundar o entendimento do tropismo tecidual do parasita e auxiliar no desenvolvimento de estratégias terapêuticas e preventivas mais eficazes.

Palavras-chave: Bovinos; Diagnóstico; Histopatologia; PCR.

Alterações hematológicas e bioquímicas de equinos intoxicados por monocrotalina.

Gustavo Augusto dos Santos Ferreira¹; Anna Júlia de Souza Brandão¹; Gabriela Ferreira Mol Soares¹; Lays da Silva Mendes¹; Marcela Magno dos Reis Barcelos¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Resumo

Nunca se registrou, na história da nutrição animal brasileira, um episódio de contaminação de ração comercial de equídeos com tamanha letalidade como o ocorrido em meados de 2025, com um surto envolvendo produtos e uma empresa de Nutrição Animal que levou a centenas de mortes de equídeos em vários estados do país, demonstrando fragilidades no processo produtivo e no controle de qualidade. A investigação foi conduzida pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) que identificou a presença de alcaloides pirrolizidínicos, especialmente a monocrotalina, substância tóxica presente em plantas do gênero crotalária, utilizadas como adubo verde e fixadoras de nitrogênio. Para compreender os impactos clínicos dessa intoxicação em equinos, foram avaliados os casos de 5 equinos, oriundos de diferentes propriedades, submetidos a exames hematológicos e bioquímicos. No animal 1 (fêmea, 7 anos de idade) o achado mais significativo foi a elevação expressiva da enzima Gama Glutamil Transferase (GGT) (198,5 U/L, referência 6,0–32,0), indicativo de lesão hepática grave. No animal 2 (fêmea, 2 anos e 9 meses de idade) apresentou elevação da enzima Creatina quinase (CK) (776 U/L, referência 145 - 380 UI/L), alteração da Aspartato Aminotransferase (AST) (325 U/L, referência 226 - 366 U/I) e da fosfatase alcalina (489 U/L, referência 143 - 395 U/I), sugerindo comprometimento muscular associado a dano hepático, além da elevação de GGT (19 U/L, referência 4,3 - 13,4). O animal 3 (macho 18 anos) apresentou elevação de AST (302,1 U/L, referência 60,0 - 366,0), fosfatase alcalina (599 U/L, referência 143,0 - 395,0), associadas a linfopenia, trombocitopenia e presença de neutrófilos hipersegmentados no hemograma, achados compatíveis com processo hepatotóxico e inflamatório crônico. O animal 4 (macho, 12 anos) apresentou Aminotransferase (AST) discretamente elevada (245 U/L, referência 60,0 a 366,0), bilirrubina total próximo ao limite (1,19 mg/dL, referência 0,00 a 2,0) e albumina dentro dos valores de referência, (3,4g/dL referência 2,6 - 3,7), compatível com o quadro de insuficiência hepática em evolução. O animal 5 (fêmea, 8 anos) foi possível identificar AST próxima ao limite superior (359,2 U/L referência 60,0 - 366,0), fosfatase alcalina aumentada (411,2 U/L, referência 143,0 - 395,0), hipoalbuminemia (3,8 g/dL referência 2,6 - 3,7) e globulinas reduzidas, (2,2g/dL referência 2,6 - 4,0), quadro sugestivo de lesão hepatocelular associada a resposta inflamatória sistêmica. Em conjunto, os achados laboratoriais estão alinhados aos mecanismos fisiopatológicos descritos na literatura científica sobre intoxicações por monocrotalina, onde a bioativação hepática gera metabólitos reativos capazes de gerar quadro de necrose hepatocelular e hipertensão pulmonar, resultando em sinais clínicos graves e evolução fatal. Conclui-se que este surto representou um marco trágico na equideocultura, reforçando a necessidade de monitoramento rigoroso das matérias-primas utilizadas na produção de rações comerciais, de protocolos de rastreabilidade eficazes e de maior vigilância toxicológica, com objetivo de evitar novos episódios trágicos de intoxicação de impacto cruel e catastrófica.

Palavras-chave: Crotalária, Equinos, Intoxicação alimentar, Monocrotalina.

Alterações hepáticas, renais e circulatórias em necropsia de cão: Relato de caso.

Társila Nascimento Marcelino¹, Amanda de Souza Gomes¹, Ana Beatriz Gomes Assunção Braga¹, Emilly de Sousa Oliveira¹, Milena Melucci F. Siciliano¹ & Fábio Sartori².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A necropsia é um procedimento fundamental na medicina veterinária, permitindo a identificação das causas de morte e a avaliação de alterações patológicas que acometeram o animal em vida. Além de confirmar ou complementar diagnósticos clínicos, esse exame fornece informações relevantes para pesquisas, ensino e prática clínica, contribuindo para o entendimento dos processos fisiopatológicos envolvidos. No presente relato, descreve-se o exame necroscópico de um cão macho, sem raça definida e castrado, que apresentou alterações multissistêmicas de caráter crônico, evidenciando lesões compatíveis com insuficiência hepática, insuficiência renal crônica e falência circulatória, culminando em falência múltipla de órgãos. O exame necroscópico iniciou-se com a avaliação física externa, incluindo mucosas e membros, não sendo identificadas fraturas ou alterações relevantes. Na sequência, procedeu-se à incisão mento-pubiana para análise da musculatura, a qual não apresentou alterações significativas. À abertura da cavidade torácica, não foram observados líquidos livres ou hemorragias. Os pulmões não apresentaram alterações macroscópicas, entretanto, o coração apresentava líquido avermelhado no saco pericárdico, caracterizando hemopericárdio, além de aumento moderado de volume cardíaco. Na avaliação da cavidade abdominal, constatou-se esplenomegalia com congestão esplênica, evidenciada por metade da superfície do órgão de coloração escura. O fígado apresentou hepatomegalia, presença de lama biliar, microcálculos e coloração intensificada, sugestiva de congestão hepática. Nos rins, observou-se a presença de cálculos na pelve renal, uretra e bexiga, caracterizando um quadro de urolitíase obstrutiva crônica. O animal apresentava quadro multissistêmico crônico e terminal, com lesões compatíveis com insuficiência hepática, insuficiência renal crônica e falência circulatória, caracterizando um caso de falência múltipla de órgãos com comprometimento hepático, renal e circulatório.

Palavras-chave: Hepatomegalia; Lama biliar; Necropsia; Nefrolitíase; Urolitíase.

Análise de eritrogramas em primatas mantidos sob cuidados humanos.

Maria Eduarda Gonçalves Barbosa¹; Sophya Vitória Esteves Rocha¹; Ellen Caroline Costa Candido¹; Caio Fachini Lopes de Almeida¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

¹Discente – Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil;

²Docente – Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

Resumo

Uma avaliação nacional apontou que mais de 40% das espécies de primatas neotropicais estão ameaçadas de extinção, fato que evidencia os zoológicos como peças fundamentais para a conservação, pesquisa e educação, além do entretenimento e influência em políticas públicas (IUCN, 2021; MMA, 2022; Carvalho et al., 2022). Nesse contexto, a saúde dos primatas não humanos (PNH) sob cuidados humanos assume relevância estratégica, sendo o sistema hematopoiético um dos principais indicadores clínicos. Este sistema é responsável pela diferenciação celular por meio de um ciclo contínuo de células-tronco hematopoiéticas pluripotentes, que originam as células sanguíneas funcionais (Junqueira et al., 2012). Com o intuito de ampliar a compreensão sobre a saúde hematológica desses animais, dois estudos foram realizados em diferentes contextos. O primeiro analisou 145 hemogramas e prontuários clínicos de 138 PNH mantidos sob cuidados humanos entre 2004 e 2024, distribuídos em oito famílias e 15 espécies. Os resultados demonstraram que 54,84% dos eritrogramas apresentaram alterações hematológicas, sendo as principais: anemia (25,20%), policitemia (16,26%), trombocitose (14,63%) e hiperproteinemia (12,20%). Casos de trombocitopenia (5,69%) e hipoproteinemia (2,44%) foram menos frequentes. As anemias absolutas representaram 93,55% das ocorrências, predominando as formas normocíticas normocrômicas, embora também tenham sido observadas microcíticas e macrocíticas. Espécies como *Callithrix* sp. e *Leontopithecus* sp. apresentaram maior prevalência de anemia absoluta. Já a trombocitose foi identificada em diferentes gêneros, frequentemente associada a outras alterações hematológicas, refletindo possíveis padrões fisiológicos ou patológicos (Carobbio et al., 2019). Complementarmente, um segundo estudo avaliou 10 indivíduos de *Macaca fascicularis* criados em cativeiro ex situ em Dramaga, Bogor, diagnosticados com infecção natural por *Plasmodium inui* em 2023, por exames microscópicos e moleculares. Os macacos foram mantidos em recintos semiabertos com enriquecimento ambiental, e apresentaram alterações hematológicas compatíveis com a literatura, já que a anemia e a trombocitopenia são achados comuns na malária. Nesse grupo, o indivíduo M10 apresentou anemia e trombocitopenia concomitantemente, enquanto o M4 demonstrou apenas anemia, possivelmente devido a diferenças no grau de parasitemia. Em todos os animais, foram observados valores reduzidos de hemoglobina, volume corpuscular médio e hemoglobina corpuscular média, caracterizando uma anemia hipocrômica microcítica, marcada por eritrócitos menores e com níveis reduzidos de hemoglobina. De forma integrada, os resultados evidenciam que, embora múltiplas espécies de primatas sob cuidados humanos apresentem prevalência significativa de anemias, policitemia e alterações plaquetárias, infecções parasitárias como as causadas por *Plasmodium inui* podem intensificar esse quadro, resultando em manifestações específicas como a anemia hipocrômica microcítica e a trombocitopenia. Tais achados reforçam a importância do monitoramento hematológico contínuo em PNH, tanto em zoológicos quanto em centros de pesquisa, para subsidiar o manejo clínico, a triagem de anemias e o entendimento das interações entre processos infecciosos e parâmetros hematológico.

Palavras-chave: Eritrócitos; Hematologia; Primatas; Trombócitos; Zoológico.

Análise de Poincaré da variabilidade da frequência cardíaca em 12 equinos saudáveis: Estudo retrospectivo.

Melissa Quintella Santinon¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Lana Costa de Queiroz¹, João Felipe Halfeld Carraca¹, Mário dos Santos Filho² & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A variabilidade da frequência cardíaca (VFC) reflete a interação simpato-vagal sobre o nó sinusal. Em equinos, tem aplicação em medicina esportiva e bem-estar, permitindo acompanhar treinamento, fadiga e estresse. O gráfico de Poincaré plota cada intervalo RR (RR_n) contra o subsequente (RR_{n+1}), a nuvem resultante é sumarizada por SD1 (dispersão transversal – variação batimento-a-batimento, vagal) e SD2 (dispersão longitudinal – tendências de longo prazo, modulação lenta). Em animais hígidos e em repouso, espera-se elipse estável, com $SD2 > SD1$. O presente trabalho tem como objetivo caracterizar o padrão autonômico cardíaco de equinos saudáveis em repouso pelo gráfico de Poincaré e sumarizar SD1, SD2 e SD1/SD2. O estudo, de caráter retrospectivo, observacional e descritivo, incluiu doze equinos adultos entre quatro e dezessete anos, de diferentes raças e ambos os sexos, considerados saudáveis após exame físico, hemograma e eletrocardiograma basal. Foram excluídos animais com cardiopatias, doenças sistêmicas ativas, uso recente (últimos quatorze dias) de fármacos cronotrópicos, inotrópicos ou vasoativos, e registros com mais de 5% de artefatos nos intervalos RR. Os eletrocardiogramas foram registrados em repouso por cinco minutos, após aclimação de dez minutos, com taxa mínima de amostragem de 500 Hz, e processados para detecção de picos R, correção de ectopias e artefatos, gerando o taquograma RR. A análise de Poincaré forneceu SD1, SD2 e a razão SD1/SD2, juntamente com inspeção visual das nuvens e do diagrama SD1 por SD2. A estatística foi descritiva, considerando médias, desvios-padrão e valores extremos, comparando com padrões da literatura. A análise da variabilidade da frequência cardíaca revelou valores médios de $62,4 \pm 5,2$ ms para SD1, variando entre 54,4 e 68,8 ms, de $139,7 \pm 17,6$ ms para SD2, variando entre 113,6 e 173,2 ms, e de $0,45 \pm 0,07$ para a razão SD1/SD2, com mínima de 0,32 e máxima de 0,57. Os gráficos evidenciaram elipses regulares, com SD2 maior que SD1 em todos os casos, sem padrões em forma de cometa, torpede irregular ou nuvens multimodais. Observou-se dispersão interindividual moderada em SD2, compatível com diferenças de tônus basal, temperamento e adaptação ao ambiente. Visualizações gráficas e boxplots confirmaram SD2 consistentemente maior que SD1, indicando predominância de modulação lenta em repouso. O estudo demonstra que a fisiologia autonômica de equinos em repouso se caracteriza por elipse estável com $SD2 > SD1$, valores médios próximos de 60 ms para SD1 e 140 ms para SD2, consistentes com referências anteriores. Clinicamente, esses achados podem apoiar triagem e acompanhamento de cavalos atletas, monitorando adaptação ao treinamento, fadiga, recuperação e sinais de estresse crônico, além de servir como parâmetro comparativo em diferentes populações. Limitações incluem número reduzido de animais, desenho retrospectivo, ausência de controle ambiental e comportamental, falta de padronização da classe atlética e ausência de medidas complementares em outros domínios da VFC. Em 12 equinos saudáveis, o gráfico de Poincaré mostrou padrão elíptico regular e $SD2 > SD1$, com médias SD1 62,4 ms e SD2 139,7 ms, sugerindo equilíbrio simpato-vagal com predominância de variabilidade lenta em repouso. A abordagem é prática, reprodutível e agrega valor na clínica esportiva e no monitoramento de bem-estar.

Palavras-chave: Equinos; Gráfico de Poincaré; Sistema nervoso autonômico; Variabilidade da frequência cardíaca.

Antibioticoterapia na meningoencefalite bacteriana em cães: Revisão de literatura.

Thaynná Kelly de Souza¹; Fabiana Alves Ezidio¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A meningoencefalite é uma infecção rara onde há inflamação da meninge e do parênquima cerebral, não sendo uma doença única, mas um grupo de síndromes. O objetivo do presente resumo é descrever a antibioticoterapia como parte do tratamento da meningoencefalite em cães. As fontes consultadas foram livros de Medicina Veterinária e artigos disponíveis em plataformas como PubMed e Google Acadêmico. O tratamento definitivo para meningoencefalite depende do isolamento do microrganismo a partir da análise do líquido cefalorraquidiano (LCR) e a determinação da sensibilidade antibiótica, mas na pendência dos resultados, a antibioticoterapia inicial é baseada nos achados clínicos de infecção concomitante e no agente causal presente mais provável. As bactérias aeróbicas mais comumente encontradas compreendem as Gram-positivas *Staphylococcus intermedius*, *Staphylococcus epidermidis*, *Streptococcus* spp., *Actinomyces* spp. e *Nocardia* sp., assim como as Gram-negativas *Escherichia coli* e *Pasteurella multocida*. Raramente se encontram as Gram-negativas *Proteus*, *Pseudomonas*, *Salmonella* e *Klebsiella*, já que esses são agentes causais comuns em infecções nosocomiais. Com relação as anaeróbicas encontram-se os *Bacteroides* spp., *Fusobacterium*, *Peptostreptococcus* e *Eubacterium*. Ocasionalmente ocorre ainda a infecção sistêmica por *Brucella canis*. Os antibióticos empregados devem preferencialmente ser de amplo espectro, bactericidas, que penetrem na barreira hematoencefálica e atinjam altas taxas no LCR. A atividade bactericida de um fármaco no LCR depende de sua concentração local e sua atividade intrínseca no fluido infectado. Devem ser administrados via intravenosa por 3 a 5 dias para obtenção de altas concentrações no LCR e a terapia oral deve ser mantida por mais 4 semanas após a recuperação. Os princípios ativos utilizados variam e as recidivas são comuns. Os antibióticos que atravessam a barreira com ótima penetração são trimetoprim, metronidazol, cloranfenicol e sulfanamidas. Com intermediária penetração, as penicilinas, ampicilinas, oxacilina, carbenicilina, ceftriaxone, moxalactam e tetraciclinas e, com baixa penetração, as cefalosporinas de primeira geração, aminoglicosídeos e clindamicina. As combinações de sulfonamida-trimetoprim e enrofloxacin são boas escolhas iniciais para Gram-negativas; já as cefalosporinas de terceira geração (cefotaxima, ceftriaxone e ceftazidima) são eficazes contra Gram-negativas resistentes e anaeróbios. Para Gram-positivas as aminopenicilinas (amoxicilina) associadas ao ácido clavulânico e penicilinas como a meticilina ou a oxacilina possuem melhor efeito. Portanto, conclui-se que o tratamento para meningoencefalite bacteriana em cães necessita de uma antibioticoterapia agressiva, tendo maior eficiência quando baseada no isolamento, identificação do agente causador e da sua sensibilidade antibiótica.

Palavras-chave: Bactérias; Inflamação; Meninges; Neurologia; Sistema Nervoso Central.

Aplicabilidade do eletrocardiograma na determinação do aumento de câmaras cardíacas em cães: Uma revisão sistemática.

Monique Prado Vasconcellos¹, Alice Vargas Peralta¹, Helena Bianco Rosas¹, Victória Cristina de Almeida Menezes¹, Eduardo Butturini de Carvalho² & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

A avaliação das câmaras cardíacas em cães é essencial para o diagnóstico de doenças cardiovasculares. Embora a radiografia torácica e a ecocardiografia sejam os métodos principais, o eletrocardiograma (ECG) tem sido proposto como ferramenta complementar na detecção de aumentos atriais e ventriculares. Apesar de amplamente usado para detectar arritmias, sua precisão na estimativa do tamanho das câmaras ainda é controversa. Esta revisão sistemática avaliou a aplicabilidade do ECG na detecção desses aumentos, considerando sensibilidade, especificidade e correlação com exames de imagem. A busca foi realizada nas bases PubMed, Scopus, Web of Science e Google Scholar, com descritores relacionados ao ECG e aumento de câmaras cardíacas em cães, abrangendo estudos de 2010 a 2024. Incluíram-se estudos com comparação entre achados eletrocardiográficos e exames de imagem. Foram excluídos relatos de caso, estudos focados apenas em arritmias e revisões sem análise quantitativa. Dados extraídos incluíram padrões eletrocardiográficos, métodos diagnósticos, sensibilidade, especificidade e correlação estatística. A qualidade metodológica foi avaliada pelo QUADAS-2. Dos 312 artigos iniciais, 24 foram incluídos. Achados: Átrio Esquerdo: Onda P alargada ("P mitral"), correlação moderada ($r=0,58$), sensibilidade 70-85%, especificidade 65-80%; Átrio Direito: Onda P apiculada ("P pulmonale"), correlação fraca ($r=0,42$), sensibilidade 55-70%, especificidade 60-75%; Ventrículo Esquerdo: QRS aumentado e desvio de eixo, correlação boa ($r=0,72$), sensibilidade 75-90%, especificidade 70-85%; Ventrículo Direito: Eixo desviado à direita e onda S profunda em DI, correlação fraca ($r=0,48$), sensibilidade 50-65%, especificidade 60-80%. A correlação foi superior com ecocardiografia para ventrículo e átrio esquerdos; com radiografia, os dados foram menos consistentes. Limitações incluíram amostras pequenas, falta de cegamento e critérios não padronizados. Apenas 37,5% dos estudos usaram ecocardiografia padronizada. O ECG mostrou-se mais eficaz para aumento do ventrículo esquerdo, sendo útil como triagem quando a ecocardiografia não está disponível. Para outras câmaras, a acurácia foi limitada. Conclui-se que o ECG não deve ser usado isoladamente para diagnóstico. Estudos futuros devem padronizar critérios eletrocardiográficos e validá-los em populações maiores.

Palavras-chave: Cardiomiopatia; Eletrocardiograma; Endocardiose; Hipertensão pulmonar.

Aplicação da ultrassonografia torácica (VetBLUE e TFAST) no diagnóstico e manejo da efusão pleural em felino com linfoma mediastinal associado à FeLV.

Ryan de Oliveira Ferreira¹, Isabela Vitória de Souza Ferreira¹, Laryssa Nunes Cardoso de Oliveira¹, Leonardo Maziero de Souza Cerqueira¹, Luan Moura Sá¹ & Guilherme Alexandre Soares Monteiro².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Relata-se o caso clínico de um felino macho, sem raça definida, aproximadamente oito anos de idade, positivo para o vírus da leucemia felina (FeLV) e portador de linfoma mediastinal, que desenvolveu episódios recorrentes de efusão pleural. O paciente foi admitido em clínica veterinária com dispneia inspiratória aguda e desconforto respiratório intenso, apresentando intolerância ao decúbito lateral e mantendo-se apenas em decúbito esternal, condição na qual foram realizados exame físico detalhado e avaliação ultrassonográfica torácica. Utilizaram-se as técnicas de point-of-care ultrasonography, VetBLUE (Veterinary Bedside Lung Ultrasound Examination) e TFAST (Thoracic Focused Assessment with Sonography for Trauma), que confirmaram a presença de líquido livre entre o parênquima pulmonar e a parede torácica, caracterizando a efusão pleural. As imagens ultrassonográficas prévias à toracocentese evidenciaram a separação das pleuras, enquanto as imagens pós-drenagem mostraram a coaptação fisiológica entre parênquima pulmonar e pleura parietal. O procedimento resultou em melhora clínica imediata, com estabilização da respiração e consequente liberação do paciente para acompanhamento domiciliar. O caso ilustra a aplicabilidade prática da ultrassonografia torácica no diagnóstico rápido e monitoramento da toracocentese, ressaltando seu valor como ferramenta acessível, precisa e de grande utilidade em situações emergenciais em medicina veterinária, especialmente em felinos oncológicos com comprometimento respiratório decorrente de neoplasias associadas à FeLV.

Palavras-chave: Efusão pleural; FeLV; Linfoma mediastinal; Toracocentese; Ultrassonografia torácica.

Aspectos Clínicos e Diagnósticos da Conjuntivite Infecciosa Equina Causada por *Pseudomonas aeruginosa*.

Andreza Beatriz Santos Lima de Marins¹, Gustavo Vieira de Souza Barros¹, Laysa Emanuelle Ribeiro Palhares¹, Samira Aline Silva Muniz¹, Tamara Cristina Cristovam da Silva¹ & Renata Ferreira Fernandes de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras- RJ

Resumo

A conjuntivite infecciosa equina é uma enfermidade ocular de relevância clínica e econômica, podendo comprometer o bem-estar e o desempenho atlético dos animais. Dentre os agentes bacterianos envolvidos, destaca-se *Pseudomonas aeruginosa*, um bacilo Gram-negativo oportunista, aeróbio estrito, amplamente distribuído no ambiente. Essa bactéria apresenta diversos fatores de virulência, como produção de exotoxinas, biofilmes e enzimas degradativas, que contribuem para o estabelecimento e manutenção do processo infeccioso. Em equinos, a infecção conjuntival por *P. aeruginosa* frequentemente está associada a condições predisponentes, como traumas oculares, presença de corpos estranhos, estresse, manejo inadequado ou uso indiscriminado de colírios antibióticos e corticoides. A enfermidade tem como fatores de risco a associação da presença da bactéria a ambientes úmidos e acúmulo de matéria orgânica junto com falhas no manejo higiênico-sanitário e práticas inadequadas de biossegurança. Portanto, medidas preventivas, como a manutenção da higiene dos estábulos, inspeção frequente dos olhos dos animais e uso racional de fármacos oftálmicos, são essenciais para reduzir a incidência da doença. Do ponto de vista clínico, a conjuntivite infecciosa causada por *P. aeruginosa* pode se manifestar de forma aguda ou crônica. Os sinais mais comuns incluem hiperemia conjuntival, epífora intensa, blefaroespasma, secreção serosa que evolui para mucopurulenta, edema conjuntival (quemoses) e, em casos mais graves, úlcera de córnea. A dor local e o prurido induzem o animal a coçar os olhos, intensificando as lesões. A progressão da infecção pode comprometer estruturas mais profundas do globo ocular, resultando em ceratite ulcerativa e risco de perda visual parcial ou total, além de prejudicar significativamente o desempenho esportivo dos equinos. O diagnóstico da conjuntivite por *P. aeruginosa* requer uma abordagem clínica detalhada, incluindo exames laboratoriais específicos. O exame oftalmológico, realizado com auxílio de lâmpada de fenda e fluoresceína, permite identificar a extensão da inflamação e possíveis ulcerações na córnea. A citologia de conjuntiva fornece informações sobre o processo inflamatório e a presença de bactérias. Contudo, a confirmação diagnóstica depende do isolamento do agente com posterior identificação. O teste de susceptibilidade aos antimicrobianos (TSA) é fundamental, visto que *P. aeruginosa* exibe resistência intrínseca a diversos antibióticos comumente empregados na clínica veterinária, como tetraciclina, sulfonamidas e fluoroquinolonas. Esse perfil de multirresistência reforça a necessidade do diagnóstico laboratorial para o tratamento adequado. A reação em cadeia da polimerase (PCR) tem sido utilizada como ferramenta rápida e precisa, permitindo a detecção direta do DNA bacteriano em amostras conjuntivais. A utilização desses métodos moleculares auxilia não apenas no diagnóstico, mas também na compreensão da epidemiologia da infecção em diferentes tropas e regiões. Em síntese, a conjuntivite infecciosa equina associada à *P. aeruginosa* é de difícil manejo clínico, cujo prognóstico depende do reconhecimento precoce da doença, do diagnóstico laboratorial preciso e da adoção de estratégias terapêuticas direcionadas. A compreensão dos aspectos clínicos e diagnósticos dessa condição é fundamental para garantir a saúde ocular dos equinos, preservar seu desempenho esportivo e minimizar prejuízos econômicos.

Palavras-chave: Equinos; Conjuntivite; Oftalmologia veterinária; *Pseudomonas aeruginosa*; Diagnóstico ocular.

Associação de dexmedetomidina, cetamina e butorfanol para sedação em grandes felinos: Revisão de literatura (2020–2025).

Mariana Cortes Alves¹, Patrick Jordao Moledo Pecoraro¹, Mariana Quintanilha Eller Viana¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹, Maria Fernanda Barbosa Soares¹ & Alvaro Alberto Moura de Sá Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A sedação balanceada é crucial para contenção segura de grandes felinos (*Panthera spp.*) em manejo clínico, diagnóstico e procedimentos de campo, minimizando estresse e riscos a pacientes e equipe. A combinação de Dexmedetomidina (agonista α_2 -adrenérgico), Cetamina (dissociativo) e Butorfanol (agonista-antagonista opióide) tem sido descrita como alternativa atrativa por oferecer sedação de qualidade, analgesia multimodal e possibilidade de reversão seletiva. Foi realizada uma revisão narrativa, pesquisando em bases de dados como PubMed, SciELO Brasil, PubVet e Google Scholar entre 2020 e 2025. Foram utilizados descritores em português e inglês, como “dexmedetomidina”, “cetamina”, “butorfanol”, “sedação”, “anestesia”, “felinos selvagens”, “*Panthera*”, “tiger”, “lion”, “jaguar” e “leopard”. Incluíram-se estudos originais, séries de casos, relatos e revisões envolvendo felídeos de grande porte que empregasse a tríade Dexmedetomidina+Cetamina+Butorfanol ou protocolos análogos com agonista α_2 , Cetamina e Butorfanol, avaliando qualidade da contenção, parâmetros cardiorrespiratórios, intercorrências e recuperação. Foram excluídos estudos duplicados, trabalhos de opinião, teses e aqueles sem dados clínicos ou focados em espécies não felídeas, embora estes últimos tenham subsidiado a discussão fisiológica. Dois revisores selecionaram títulos, resumos e textos completos de forma independente, resultando em 34 artigos analisados qualitativamente. A literatura específica para grandes felinos mostra que protocolos com agonista α_2 , Cetamina e Butorfanol promovem contenção previsível e tempo útil adequado para procedimentos curtos a moderados, com recuperação mais tranquila quando comparados a associações sem opioide, e que o uso de atipamezole reduz o tempo de recuperação e a agitação. Em leões, imobilizações com essa combinação exigem atenção ventilatória, já que hipoventilação e hipoxemia são frequentes, havendo benefício consistente do uso de oxigênio suplementar, monitorização com capnografia e pulsioximetria e, quando necessário, ventilação assistida. Em tigres e leopardos, séries de casos sugerem sedação estável e analgesia satisfatória, com intercorrências como bradicardia e hipertensão transitória respondendo a oxigênio, manejo posicional e antagonistas de α_2 . Essa associação oferece sinergia farmacodinâmica (sedação, analgesia e amnésia) com margem de segurança ampliada pela reversibilidade dos α_2 , e o Butorfanol parece reduzir disforia emergencial associada à Cetamina. As principais limitações dos estudos são amostras pequenas, heterogeneidade de doses e de contextos (zoológico versus vida livre) e escassez de dados comparativos diretos com ou sem Butorfanol. Ainda persistem lacunas para protocolos padronizados por espécie, condição corporal e ambiente térmico. A evidência entre 2020 e 2025 respalda a associação Dexmedetomidina, Cetamina e Butorfanol como opção eficaz e prática para sedação e contenção de grandes felinos, desde que acompanhada de monitorização cardiorrespiratória, oxigênio suplementar e planejamento de reversão, sendo recomendada a padronização de relatos e o desenvolvimento de estudos comparativos randomizados entre protocolos com e sem opioide para gerar diretrizes específicas por espécie.

Palavras-chave: Butorfanol; Cetamina; Contenção química; Dexmedetomidina; Grandes felinos; Sedação.

Avaliação de sintomas e fatores de risco da Leishmaniose Visceral Canina no município de Vassouras.

Bruna Marinho de Sousa Santos¹, Andreza Beatriz Santos Lima de Marins¹, Bruna Ribeiro Luiz Braga¹, Adriana Silva de Paula Oliveira Wildhagen² & Priscilla Nunes dos Santos³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médico(a) veterinário(a) – Secretaria Municipal de Saúde de Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A Leishmaniose Visceral Canina (LVC) é uma doença causada pelo protozoário da espécie *Leishmania chagasi*, transmitido pela picada das fêmeas do inseto vetor infectado, o flebotomíneo *Lutzomyia longipalpis*, comumente conhecido como “mosquito palha”. No meio urbano, um dos principais reservatórios do agente infeccioso é o cão. Com isso, este estudo tem como objetivo descrever os fatores associados à ocorrência da leishmaniose em cães no município de Vassouras, levando em consideração variáveis como manifestações clínicas observadas e as condições ambientais que esses animais viviam. Foram realizadas visitas domiciliares em bairros do município com histórico de casos positivos anteriormente. Foram obtidas informações através de um questionário apresentado aos tutores, com perguntas que englobassem informações sobre o animal e o ambiente em que estava inserido. Foi avaliado se o animal apresentava sinais clínicos. Para avaliar a positividade e negatividade dos animais, foi realizado o teste de triagem DPP e os animais positivos eram submetidos ao Teste Confirmatório ELISA (Ensaio de Imunoabsorção enzimático). Dos animais testados, 94,4% (17/18) apresentaram resultado negativo e sem qualquer sintoma. Entretanto, 5,6% (1/18), percentual correspondente a um animal, apresentava resultado positivo e blefarite. No que diz respeito às características ambientais, quanto à vegetação no entorno, 88,8% (8/9) tinham matas próximas, 22,2% (2/9) apresentavam pastos próximos, 44,4% (4/9) possuíam plantação próxima; 44,4% (4/9) residências mostraram um ambiente limpo e 55,6% (5/9) apresentavam ambiente favorável ao vetor; 11,1% (1/9) residências possuíam galinheiro, 44,4% (4/9) possuíam canil, 77,7% (7/9) com árvores frutíferas, 55,5% (5/9) com bananeiras, 11,1% (1/9) com adubo e 11,1% (1/9) com entulho; e quanto ao destino dos dejetos dos animais, 33,3% (3/9) descartavam em esgoto público, 11,1% (1/9) descartava a céu aberto, 44,4% (4/9) descartavam pela via pública e 11,1% (1/9) alegou que o cachorro defecava na rua. Os principais sinais clínicos da LVC são lesões de pele, onicogrifose, blefarite, hipotricose, hiperqueratose de focinho e coxins, anemia, aumento de baço e de fígado. O animal com resultado positivo neste estudo apresentou blefarite, mas frequentemente os animais positivos para LVC se apresentam assintomáticos, indicando a importância de realizar os inquéritos epidemiológicos em áreas de risco. Quanto às características ambientais, a presença de vegetação no entorno e no imóvel, como matas, plantação, jardim, horta, árvores frutíferas, galinheiros e entulho, configuram condições ideais para a proliferação do vetor. A limpeza do ambiente da residência também é essencial, uma vez que o inseto exige condições de umidade e oferta de matéria prima para a realização da postura. Isto indica a importância de manter a vigilância nestas áreas. Portanto, embora o estudo tenha evidenciado uma baixa ocorrência de cães positivos, foi observado que as condições ambientais observadas nas residências e em seus entornos favorecem a proliferação e permanência do vetor, fator que reforça a necessidade e importância da vigilância no ambiente e em possíveis reservatórios, mesmo em cães assintomáticos.

Palavras-chave: Cão doméstico; Fatores ambientais; *Lutzomyia longipalpis*; Reservatório; Transmissão vetorial.

Avaliação placentária pós-parto na espécie equina: Relato de caso.

Livia Thurler Pires¹, Gustavo Augusto dos Santos Ferreira¹, Bernardo Paiva Sevidanes¹, Gabriela Maia Godinho¹, Nathalia de Oliveira Silva Santos¹ & Letícia Patrão de Macedo Gomes².

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

A placenta equina desempenha um papel vital no desenvolvimento fetal, sendo responsável pela troca de nutrientes, gases e excreção de resíduos entre a égua e o feto. O uso do ultrassom trans-retal permite a investigação completa do útero e da placenta ao início da gestação e ao decorrer do desenvolvimento gestacional, a investigação torna-se limitada a região do colo do útero e da junção útero-placentária. Uma égua de 11 anos, Mangalarga Marchador, múltipara, sem alterações vulvares, gerou um potro dismaturo, nascido a termo com 358 dias de gestação com sinais de prematuridade, apresentava baixo peso, letárgico e com dificuldade de ficar em estação quadrupedal, que veio a óbito. Sua placenta apresentou alterações macroscópicas. Não houve acompanhamento gestacional contínuo, somente um exame de ultrassom feito no 6º mês de gestação. Na avaliação ultrassonográfica realizada no 6º mês, a junção útero-placentária estava íntegra com espessura normal, sem alteração na ecogenicidade dos fluidos fetais e sem hemorragias ou exsudato. Quando ocorre alteração da espessura da junção útero-placentária configura-se placentite, onde ocorre a separação prematura da placenta da área do colo do útero, chamada de estrela cervical. De acordo com a proprietário houve o protocolo de vacinação adequada para éguas gestantes, incluindo vacinas para raiva, tétano, encefalomielite, influenza, rinopneumonite (herpesvírus) e leptospirose anuais. O parto foi acompanhado pela médica veterinária responsável da propriedade e observações macroscópicas revelaram uma placenta mais espessa, pesada e menor do que o esperado, com manchas e alteração de coloração vermelho-escura intensa e exsudato marrom mucoide, sugerindo insuficiência placentária e, conseqüentemente, um desenvolvimento fetal comprometido. Diante do quadro, a égua recebeu tratamento imediato com antibióticos e anti-inflamatórios, associados a um lavado uterino, a fim de reduzir a inflamação e prevenir complicações puerperais. A dismaturidade ocorre quando um potro nasce dentro do tempo gestacional correto, mas com sinais de imaturidade, o que geralmente está associado a problemas placentários durante a gestação. Os sinais de imaturidade são: baixo peso, testa abaulada, relaxamento tendíneo, pelagem fina e sedosa. Essa condição pode levar a complicações sérias, incluindo dificuldades respiratórias e metabólicas, que exigem cuidados intensivos. Este caso exemplifica como a avaliação placentária pode ser uma ferramenta diagnóstica essencial para identificar problemas gestacionais que não são detectáveis por outros meios. A partir da análise placentária, o médico veterinário pode tomar medidas diagnósticas, aumentando as chances de sobrevivência e saúde do potro. Portanto, a avaliação placentária na espécie equina não deve ser negligenciada, especialmente em casos onde há suspeita de complicações gestacionais. Além de fornecer informações valiosas sobre a saúde do feto e da égua, essa prática pode prevenir o nascimento de potros com condições como a dismaturidade, garantindo uma melhor qualidade de vida para a espécie equina.

Palavras-chave: Dismaturidade; Gestação; Placenta; Vacinação.

Avanços no diagnóstico e tratamento das doenças cardíacas em cães e gatos: Uma revisão atualizada.

Camila Figueira da Cruz¹, Ester Gomes da Rocha¹, Tamires dos Reis Lopes¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do Curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As doenças cardíacas em pequenos animais, especialmente em cães e gatos, são uma das principais causas de morbidade e mortalidade. Com o avanço da medicina veterinária, novas ferramentas diagnósticas e abordagens terapêuticas têm sido desenvolvidas, permitindo diagnósticos mais precisos e tratamentos mais eficazes. As cardiopatias mais comuns incluem a doença valvar degenerativa mitral (DVM) em cães e a cardiomiopatia hipertrófica (CMH) em gatos, que exigem manejo especializado. A ecocardiografia é o método padrão-ouro para avaliação de cardiopatias. Nos últimos anos, houve avanços significativos no uso de ecocardiografias tridimensionais (3D) e de técnicas como o strain imaging, que avalia a deformação miocárdica, melhorando a capacidade de detecção precoce de disfunções cardíacas subclínicas. Biomarcadores cardíacos como o NT-proBNP e a troponina cardíaca I (cTnI) tornaram-se ferramentas complementares úteis para o diagnóstico e o monitoramento de doenças cardíacas. O NT-proBNP, por exemplo, tem sido utilizado para diferenciar causas cardíacas e não cardíacas de dispneia, especialmente em gatos com cardiomiopatia. Novos métodos de análise eletrocardiográfica, como o Holter de 24 horas e o mapeamento eletrofisiológico, permitem a identificação de arritmias complexas, que são comuns em cardiopatias graves, como a cardiomiopatia dilatada (CMD) em cães. Nos últimos anos, o manejo farmacológico de cardiopatias evoluiu significativamente. Medicamentos como a pimobendana, um inodilatador, têm se mostrado eficazes no tratamento de insuficiência cardíaca congestiva (ICC) associada à DVM e CMD em cães. Estudos recentes também sugerem que a pimobendana pode ter benefícios em gatos com cardiomiopatia dilatada. Procedimentos cirúrgicos como a reparação valvar mitral e técnicas minimamente invasivas, como o implante de dispositivos para correção de defeitos cardíacos congênitos (ex. ducto arterioso persistente), estão cada vez mais disponíveis e são realizados com maior segurança e eficácia. Embora ainda em estágio experimental, as terapias com células-tronco e a terapia gênica têm mostrado potencial no tratamento de doenças cardíacas degenerativas, como a cardiomiopatia dilatada em cães. As análises obtidas informam que os avanços no diagnóstico precoce e no manejo das doenças cardíacas em pequenos animais têm proporcionado melhores prognósticos e maior qualidade de vida para os pacientes. A integração de novas tecnologias com tratamentos farmacológicos otimizados está redefinindo a forma como as cardiopatias são abordadas na medicina veterinária. No entanto, ainda há desafios, como o alto custo de alguns procedimentos e a necessidade de maior acesso às tecnologias avançadas em clínicas de rotina. Em conclusão, os avanços no diagnóstico e tratamento de doenças cardíacas em cães e gatos têm transformado o prognóstico dessas condições, permitindo diagnósticos mais precoces e tratamentos mais eficazes. O desenvolvimento contínuo de novas tecnologias e terapias promete melhorar ainda mais a prática veterinária cardiológica nos próximos anos.

Palavras-chaves: Avanços em diagnósticos; Biomarcadores cardíacos; Doenças cardíacas em cães e gatos; Ecocardiografia; Eletrocardiografia.

Benefícios da cirurgia a laser em braquiocefálicos.

Ana Júlia de Carvalho Pires¹, Emanuela de Sousa Domingos¹, Raphaely Andrade Camargo¹, Nathália de Oliveira Silva Santos¹, Nicolas Couto Pinho¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A Síndrome dos braquiocefálicos é caracterizada por alterações anatômicas e fisiológicas que provocam obstrução significativa das vias aéreas superiores e afetam predominantemente cães de raças braquiocefálicas como Pug, Bulldog Francês, Bulldog Inglês, shih Tzu e Pequínês. Os animais braquiocefálicos nascem com o focinho achatado e o crânio encurtado devido a intervenção humana através da seleção artificial e do cruzamento de raças com características esteticamente desejadas, sem considerar as graves consequências para a saúde do animal. Essas alterações anatômicas podem ser classificadas em primárias como: Estenose de narina, prolongamento de palato mole e hipoplasia de traqueia, e secundárias, geralmente ocasionadas pelo aumento da turbulência e resistência ao ar como: Eversão de sáculos laríngeos, edema, inflamação da nasofaringe, paralisia e colapso de laringe. Com o avanço da idade, essas alterações podem evoluir, resultando em agravamento progressivo da obstrução e desenvolvimento de doenças respiratórias secundárias graves. O diagnóstico definitivo é realizado por meio de exames de imagem, como a radiografia torácica e avaliação direta das vias aéreas superiores, incluindo laringoscopia e rinofaringoscopia, sendo que estes devem ser realizados imprescindivelmente antes da submissão do procedimento cirúrgico, considerado o tratamento de escolha para a correção definitiva da obstrução. A cirurgia a laser em braquicefálicos apresenta vantagens relevantes para a respiração desses animais através da correção das anomalias causadas pela síndrome. Essas alterações comprometem de forma significativa os sistemas respiratório, cardiovascular e digestório, reduzindo substancialmente o bem-estar e a qualidade de vida dos animais. A correção cirúrgica a laser das deformidades anatômicas responsáveis pela obstrução é a principal forma de tratamento da síndrome, pois em comparação com procedimentos cirúrgicos convencionais a cirurgia a laser traz mais benefícios ao paciente proporcionando um menor tempo de cirurgia, hemostasia eficiente, o que diminui sangramentos e a necessidade de suturas, possui menores índices de edema, inflamação e dor no trans e pós-operatório, acelera a cicatrização tecidual além de uma recuperação mais rápida para o pacientes. Na cirurgia o laser é usado para ressecar o tecido ao redor da narina, que pode estar parcialmente selada em braquicefálicos ou fazer a remoção do palato mole alongado evitando qualquer tipo de bloqueio das vias aéreas na parte posterior da garganta. A escolha do tipo de laser utilizado varia de acordo com as características individuais de cada paciente, podendo ser escolhido o laser de CO₂ ou de diodo. Após o procedimento é necessário que os animais sejam cuidadosamente monitorados para evitar complicações pós cirúrgicas visto que toda cirurgia tem riscos. Portanto, podemos concluir que a cirurgia a laser em animais com a síndrome braquicefálica é muito eficaz e proporciona mais conforto e uma qualidade de vida prolongada ao animal que foi submetido a tal procedimento. A base de dados da pesquisa foi o google scholar (google Acadêmico) e PubMed. Além disso, foram considerados artigos publicados em português e inglês, com o foco voltado para a síndrome braquicefálica dando ênfase a cirurgia a laser em animais com essa síndrome.

Palavras-chave: Braquiocefálico; Cirurgia; Síndrome; Tratamento.

Brucelose Bovina: Sua importância econômica e em saúde pública.

Andreza Beatriz Santos Lima de Marins¹, Gustavo Vieira de Souza Barros¹, Laysa Emanuelle Ribeiro Palhares¹, Samira Aline Silva Muniz¹, Tamara Cristina Cristovam da Silva¹ & Fábio Sartori².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras- RJ.

Resumo

A brucelose bovina, causada principalmente pela bactéria *Brucella abortus*, é uma das enfermidades infectocontagiosas mais relevantes que acometem o rebanho bovino em diversas regiões do mundo. Trata-se de uma zoonose de grande impacto, tanto econômico quanto em saúde pública, pois além de comprometer a produtividade do rebanho, representa risco direto à população humana que consome produtos de origem bovina contaminada. Por essa razão, deve ser compreendida não apenas como uma questão veterinária, mas também como um desafio global de saúde coletiva. O gênero *Brucella* compreende diversas espécies, cada qual associada a hospedeiros específicos. Embora existam variantes que acometem caprinos, ovinos, suínos e cães como *B. melitensis*, *B. suis* e *B. canis*, a *Brucella abortus* se destaca pela alta prevalência em bovinos e bubalinos, sendo responsável pela maioria dos prejuízos econômicos no setor pecuário. Essa predominância faz com que os programas de controle e erradicação priorizem, quase de forma exclusiva, essa espécie bacteriana. Do ponto de vista econômico, os efeitos da brucelose são amplos e persistentes. Animais infectados podem apresentar queda de até 25% na produção de leite, abortamentos recorrentes em fêmeas gestantes, aumento da mortalidade de bezerros, esterilidade em parte dos casos e perda de peso. Esses fatores comprometem a eficiência produtiva e reprodutiva do rebanho, afetando diretamente a oferta de carne e leite, bases essenciais para a dieta humana. Além disso, a presença da doença gera impactos indiretos, como restrições comerciais, perda de competitividade no mercado internacional e dificuldades para pequenos pecuaristas que dependem economicamente da atividade. Sob a perspectiva da saúde pública, a brucelose é reconhecida como uma zoonose de importância mundial. A transmissão para humanos ocorre principalmente pelo contato com animais infectados, fluidos corporais, restos de placenta ou pelo consumo de leite e derivados não pasteurizados. Nos indivíduos acometidos, a doença provoca sintomas debilitantes: febre prolongada, sudorese intensa, dores articulares, calafrios e fadiga extrema, resultando em incapacidade parcial ou até integral para o trabalho. Isso compromete a qualidade de vida e representa um problema social, sobretudo em regiões rurais onde trabalhadores, médicos veterinários e demais profissionais agropecuários se encontram mais expostos. Além das consequências individuais, a brucelose impõe custos coletivos elevados. Governos e instituições de saúde pública destinam recursos significativos para campanhas de vacinação, medidas de biossegurança, monitoramento sanitário e indenizações de animais sacrificados em casos confirmados. No Reino Unido, por exemplo, os produtores recebem compensação calculada com base no valor de mercado dos animais abatidos compulsoriamente. Embora onerosa, essa prática é necessária para manter a credibilidade do sistema pecuário e garantir a proteção da saúde coletiva. Portanto, a brucelose bovina configura-se como uma enfermidade de grande impacto econômico e social. A redução da produtividade compromete a renda dos produtores e a oferta de alimentos, enquanto a condição zoonótica ameaça o bem-estar humano e sobrecarrega os sistemas de saúde. O controle efetivo exige políticas integradas entre medicina veterinária e saúde pública, apoiadas em prevenção, educação sanitária, vacinação e vigilância contínua. Apenas com essa abordagem conjunta será possível mitigar perdas econômicas, reduzir riscos à saúde coletiva e assegurar maior sustentabilidade para a agropecuária em nível global.

Palavras-chave: Brucelose bovina; Impacto econômico; Pecuária; Saúde pública; Zoonose.

Capillaria boehmi nasal em Cão - Relato de Caso.

Tiago Figueiredo Guedes¹, Júlia de Souza Pontes Barbosa¹, Emilly de Souza Oliveira¹, Anna Carolina Benício Fernandes¹, Priscilla Nunes dos Santos² & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A *Capillaria boehmi* é um nematódeo de distribuição mundial que parasita a mucosa nasal e os seios paranasais de cães, causando sinais respiratórios crônicos. É uma parasitose pouco diagnosticada, possivelmente devido à semelhança clínica com outras doenças respiratórias crônicas e à baixa suspeita clínica. O ciclo de *C. boehmi* inicia com a ingestão de ovos embrionados. Após a eclosão, as larvas migram e completam seu desenvolvimento, estabelecendo-se como parasitos adultos na mucosa nasal e nos seios frontais dos cães, causando inflamação, secreção, espirros, corrimento nasal e prurido. O presente relato descreve um caso em cão adulto, com diagnóstico confirmado por exame parasitológico direto de secreção nasal e tratamento bem-sucedido com antiparasitário específico. Um cão sem raça definida, macho, com cinco anos e pesando 18 kg, foi atendido com histórico de espirros frequentes, descarga nasal serossanguinolenta unilateral direita e prurido nasal a cerca de três meses, sem melhora após tratamentos prévios com antibióticos e anti-inflamatórios. Ao exame físico, observou-se discreta secreção nasal, sem sinais de dispneia, com linfonodos não reativos e auscultação pulmonar e cardíaca normais. O hemograma e o perfil bioquímico estavam dentro da normalidade. A rinoscopia evidenciou secreção mucosa associada a leve hiperemia da mucosa nasal, sendo coletado material por lavagem nasal para exame parasitológico, que revelou ovos alongados, com extremidades opostas achatadas e casca com estriações superficiais finas, medindo cerca de 50-60 µm de comprimento, característicos de *C. boehmi*. Não foram identificadas outras estruturas parasitárias ou fúngicas. O tratamento consistiu na administração de milbemicina oxima em dose única (0,5 mg/kg por via oral, repetida após 21 dias), além de orientações de higienização ambiental e restrição do contato com solo possivelmente contaminado. Após sete dias da primeira dose, houve redução acentuada dos sinais clínicos e, ao término de 30 dias, o animal apresentava-se sem alterações, com novo exame de lavado nasal negativo para presença de ovos em microscopia. O diagnóstico de *C. boehmi* requer suspeita clínica, especialmente em cães com rinite crônica não responsiva a terapias convencionais. É essencial diferenciá-la de *Eucoleus aerophilus*, que parasita vias respiratórias inferiores, apresentando discreta diferença morfológica. A confirmação pode ser feita por exame parasitológico de secreção nasal ou fezes, por técnica de flotação em solução de alta densidade. Estudos sugerem que milbemicina oxima, moxidectina ou fenbendazol apresentam eficácia contra *C. boehmi*. A reinfeção pode ocorrer em ambientes contaminados, justificando a higiene ambiental e demais medidas de prevenção. A *C. boehmi* deve ser incluída no diagnóstico diferencial de rinite crônica em cães, e sua identificação precoce e o tratamento adequado resultam em prognóstico favorável. A conscientização de clínicos sobre a ocorrência desta parasitose é fundamental para evitar tratamentos prolongados e ineficazes.

Palavras-chave: Cães; Capilariose; Diagnóstico parasitológico, Parasitose nasal; Rinite crônica.

Cardiotoxicidade induzida por monocrotalina em equinos: Revisão sistemática da literatura.

João Felipe Halfed Carraca¹; Melissa Quintella Santinon¹; Alice Vargas Peralta¹; Helena Bianco Rosas¹; Mário dos Santos Filho² & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária- Universidade de vassouras, Vassouras- RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária- Universidade de vassouras, Vassouras- RJ.

Resumo

A monocrotalina, um alcaloide pirrolizidínico do gênero *Crotalaria*, é reconhecida por seus efeitos tóxicos no fígado e pulmão. No entanto, suas implicações no sistema cardiovascular, especialmente em equinos, têm sido cada vez mais investigadas. A exposição ocorre principalmente em regiões tropicais, onde a *Crotalaria* cresce espontaneamente em pastagens. Esta revisão sistemática teve como objetivo identificar e analisar evidências sobre os efeitos cardiotoxícos da monocrotalina em equinos, com foco em dados experimentais e casos clínicos. A busca foi conduzida nas bases PubMed, Scopus, ScienceDirect, Web of Science e Google Scholar, utilizando os descritores “monocrotaline”, “cardiotoxicity” e “horses”, considerando publicações entre 1990 e 2025, em inglês, português e espanhol. Os resultados revelaram que a monocrotalina pode provocar hipertensão pulmonar em equinos, levando à sobrecarga e hipertrofia do ventrículo direito. Em alguns casos, a progressão culmina em insuficiência cardíaca direita, descrita como cor pulmonale. Além disso, observou-se congestão hepática, ascite, dispnéia e cianose de mucosas. Exames histopatológicos revelaram fibrose miocárdica, necrose de fibras cardíacas e congestão crônica de vasos pulmonares. A intensidade dessas alterações esteve relacionada ao tempo de exposição, idade e quantidade ingerida. Dentre os estudos incluídos, a hipertensão pulmonar foi relatada em 75%, a hipertrofia do ventrículo direito em 62%, a fibrose cardíaca em 44% e a mortalidade em 38%. Os mecanismos fisiopatológicos envolvem a metabolização hepática da monocrotalina em derivados tóxicos que atuam no endotélio vascular pulmonar, desencadeando inflamação, espessamento da parede vascular e obstrução progressiva do leito capilar. Essa resistência vascular aumentada impõe sobrecarga de pressão ao ventrículo direito, que sofre remodelamento compensatório até evoluir para falência funcional. Em equinos, esse processo tende a ocorrer de forma mais insidiosa que em modelos com roedores, dificultando o diagnóstico precoce. Os dados indicam que a fibrose cardíaca pode estar associada ao estresse oxidativo e ativação de vias inflamatórias, com comprometimento da contratilidade miocárdica. Embora a monocrotalina seja conhecida por causar hepatopatia veno-oclusiva em diferentes espécies, a análise evidencia que o envolvimento cardíaco em equinos intoxicados é consistente e possivelmente subdiagnosticado. Os achados reforçam a necessidade de atenção de clínicos e patologistas veterinários para a cardiotoxicidade dessa toxina, especialmente em regiões onde a *Crotalaria* é comum. O diagnóstico pode ser complementado com exames de imagem, como ecocardiografia, e avaliação de biomarcadores, como troponina I e NT-proBNP. Não há antídoto para monocrotalina, e o tratamento consiste em medidas de suporte cardiovascular e retirada imediata da fonte tóxica. Conclui-se que a monocrotalina representa risco à saúde cardiovascular de equinos, especialmente quando ingerida cronicamente em pastagens contaminadas. Os dados demonstram que a toxina induz hipertensão pulmonar, remodelamento e falência do ventrículo direito, além de promover alterações histológicas compatíveis com cardiomiopatia fibrosante. Esses efeitos justificam o monitoramento toxicológico de propriedades rurais, programas de controle de plantas tóxicas e a inclusão da intoxicação por *Crotalaria* como diagnóstico diferencial em casos de insuficiência cardíaca direita. Apesar das evidências, ainda há lacunas na literatura quanto ao uso de biomarcadores cardíacos e estratégias terapêuticas, o que reforça a necessidade de novos estudos experimentais e clínicos voltados ao tema.

Palavras-chave: Cavalos; *Crotalaria* spp.; Disfunção sistólica; Hipertensão pulmonar; Monocro-

talina.

Correlação entre cardiopatias crônicas e doenças endócrinas em cães: estudo retrospectivo de achados clínicos e laboratoriais.

Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Lara dos Santos Gomes¹, Luiza Amorim Gonçalves¹, Dimitri da Silva Alves¹, Bruna Pereira Gonçalves² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do Curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

Resumo

Cardiopatias crônicas, como a doença valvar degenerativa da mitral (DVDV), representam a principal causa de insuficiência cardíaca em cães adultos e idosos. Frequentemente, essas enfermidades coexistem com distúrbios endócrinos, como síndrome de Cushing (hiperadrenocorticism), hipotireoidismo e diabetes mellitus, formando um quadro clínico complexo que pode impactar o prognóstico e a resposta terapêutica. A relação entre o sistema cardiovascular e o endócrino é multifatorial e envolve alterações hemodinâmicas, metabólicas e inflamatórias. Este estudo teve como objetivo analisar retrospectivamente a presença de comorbidades endócrinas em cães com diagnóstico de cardiopatia crônica, identificando possíveis correlações entre os achados clínicos, laboratoriais e ecocardiográficos. Trata-se de um estudo retrospectivo, observacional e analítico, realizado a partir de prontuários de cães atendidos entre janeiro de 2020 e dezembro de 2023 em um hospital veterinário universitário. Foram incluídos cães com diagnóstico confirmado de cardiopatia crônica (principalmente DVDV, segundo critérios da ACVIM), que também apresentavam diagnóstico laboratorial de endocrinopatias (cortisol basal e ACTH para Cushing; T4 livre e TSH para hipotireoidismo; glicemia e frutossamina para diabetes mellitus). Variáveis analisadas incluíram idade, sexo, raça, estágio da cardiopatia, presença de sinais clínicos compatíveis, dados laboratoriais e exames de imagem. Foram analisados 92 cães com cardiopatia crônica, sendo 58% machos e 42% fêmeas, com idade média de $10,3 \pm 2,5$ anos. Desses, 34,7% apresentaram pelo menos uma endocrinopatia concomitante: 17 casos de hiperadrenocorticism (18,4%), 10 de hipotireoidismo (10,9%) e 5 de diabetes mellitus (5,4%). A presença de endocrinopatias foi mais comum nos estágios C e D da doença cardíaca. Cães com Cushing apresentaram maior frequência de arritmias ventriculares e hipertrofia atrial esquerda no ecocardiograma. Já os cães hipotireoideados apresentaram tendência a bradicardia e letargia acentuada, além de possível subdiagnóstico clínico da cardiopatia. Casos de diabetes foram associados à elevação da pressão arterial sistêmica e maior espessamento da parede ventricular. Os resultados sugerem que a coexistência de doenças endócrinas em cães cardiopatas não é incomum, principalmente nos estágios avançados da insuficiência cardíaca. A interação entre essas patologias pode agravar a condição cardiovascular e mascarar sinais clínicos importantes, dificultando o manejo terapêutico. Ainda que os achados apontem para correlações clínicas e eletrocardiográficas relevantes, o caráter retrospectivo do estudo e a ausência de padronização no acompanhamento limitam a inferência causal. Conclui-se que cães com cardiopatia crônica devem ser cuidadosamente avaliados para possíveis endocrinopatias concomitantes, uma vez que a identificação e o controle dessas condições podem contribuir significativamente para o prognóstico. Novos estudos prospectivos são necessários para estabelecer com maior precisão os impactos fisiopatológicos dessa associação e guiar condutas terapêuticas integradas.

Palavras-chave: Cães; Cardiopatia crônica; Comorbiades; DVDV; Endocrinopatias; Estudo retrospectivo.

Correlação entre pressão arterial sistólica e pressão intraocular em cães com doença renal crônica: Estudo retrospectivo baseado nos estágios da IRIS.

Lara dos Santos Gomes¹, Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Luiza Amorim Gonçalves¹, Bruna Pereira Gonçalves², Karine Keller Rezende³ & Mário dos Santos Filho⁴.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Médico(a) veterinário(a) autônomo(a) – Resende-RJ.

⁴Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A Doença Renal Crônica (DRC) é uma enfermidade comum em cães idosos, caracterizada por perda progressiva da função renal e consequências sistêmicas significativas, como a hipertensão arterial sistêmica (HAS). A pressão arterial elevada pode atuar como agente lesivo em órgãos-alvo, incluindo os olhos, provocando alterações como hemorragias retinianas, descolamento de retina e potencial aumento da pressão intraocular (PIO). A avaliação oftálmica em cães nefropatas ainda é subvalorizada na rotina clínica, apesar de sua importância diagnóstica e prognóstica. Este estudo teve como objetivo investigar a correlação entre pressão arterial sistólica (PAS) e pressão intraocular (PIO) em cães com DRC, segundo a classificação por estágios da IRIS, além de identificar alterações oftálmicas associadas à hipertensão. Trata-se de um estudo retrospectivo, observacional e analítico, conduzido com base em prontuários clínicos de cães atendidos entre janeiro de 2021 e dezembro de 2023 em um hospital veterinário universitário. Foram incluídos cães com diagnóstico de DRC baseado em exames laboratoriais (ureia, creatinina, densidade urinária) e estadiamento IRIS (estágios 1 a 4), com medições simultâneas de PAS (método Doppler) e PIO (tonometria rebound). Foram excluídos animais com glaucoma primário, uveíte, diabetes mellitus ou doenças sistêmicas concomitantes. Foram analisados 65 cães, com idade média de $10,2 \pm 2,9$ anos. Os valores médios de PAS por estágio da IRIS foram: estágio 1 (132 ± 8 mmHg), estágio 2 (144 ± 10 mmHg), estágio 3 (156 ± 14 mmHg) e estágio 4 (168 ± 16 mmHg). A PIO acompanhou essa tendência: estágio 1 ($15,3 \pm 2,1$ mmHg), estágio 2 ($16,8 \pm 2,4$ mmHg), estágio 3 ($18,5 \pm 3,2$ mmHg) e estágio 4 ($19,6 \pm 3,7$ mmHg). A análise estatística demonstrou correlação positiva moderada entre PAS e PIO ($r = 0,52$; $p = 0,004$). Alterações retinianas, como hemorragias, tortuosidade vascular e descolamento de retina, foram observadas em 29% dos casos, principalmente nos estágios 3 e 4. Apesar dos resultados sugerirem que cães com DRC avançada tendem a apresentar aumento tanto da PAS quanto da PIO, não se pode estabelecer uma relação causal direta. A natureza retrospectiva do estudo, aliada à presença de múltiplos fatores intervenientes — como uso de fármacos anti-hipertensivos, alterações eletrolíticas e desidratação — limita a generalização dos dados. Ainda assim, os achados reforçam a importância da aferição periódica da pressão arterial e da avaliação oftálmica em cães com DRC. Conclui-se que há indícios de associação entre a progressão da doença renal crônica, a elevação da pressão arterial e o comprometimento ocular em cães. A implementação de protocolos de triagem oftálmica pode contribuir para a detecção precoce de complicações hipertensivas. Novos estudos prospectivos, com maior controle das variáveis clínicas, são necessários para confirmar e aprofundar essa relação.

Palavras-chave: Doença renal crônica; Hipertensão arterial; Oftalmologia veterinária Pressão intraocular.

Dermatite à exposição solar associada à carcinoma de células escamosas: Relato de caso.

Helena Costa da Silva^{1*}; Victória Cristina de Almeida Menezes¹; Mariana Quintanilha Eller Viana¹; Mariana Cortes Alves¹; Maria Fernanda Barbosa Soares¹; Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A pele é um dos maiores sistemas do organismo animal, desempenhando funções cruciais e apresentando diversas alterações que frequentemente levam os donos de animais domésticos a buscar atendimento veterinário. A dermatite solar felina é uma doença ambiental que afeta principalmente gatos brancos ou aqueles com áreas despigmentadas, especialmente nas orelhas e no nariz. Essa condição, causada pela exposição da pele despigmentada à radiação ultravioleta, pode evoluir para carcinoma epidermoide em casos de exposição prolongada. A lesão geralmente começa com um eritema intenso na orelha, progredindo para descamação da pele e formação de crostas nas bordas. Foi realizada a revisão de diversos estudos dedicados a esse tema, permitindo estabelecer sua importância clínica. A doença pode se manifestar de duas formas: a proliferativa, caracterizada por massas irregulares, e a erosiva, marcada por ulcerações dolorosas. A precocidade no diagnóstico tem efeito fundamental no prognóstico. Casos clínicos demonstram a gravidade da enfermidade. Em um relato frequente, gatos que vivem em áreas litorâneas, expostos diariamente ao sol, apresentam lesões nas bordas das orelhas que inicialmente parecem simples feridas, mas que evoluem para úlceras de difícil cicatrização. Em outro exemplo, um gato doméstico de pelagem branca, mantido em quintal sem áreas de sombra, desenvolveu carcinoma de células escamosas avançado, necessitando de ressecção parcial das orelhas. O tutor só percebeu a gravidade após notar sangramentos recorrentes, o que reforça a importância da educação dos proprietários quanto à prevenção. O diagnóstico deve ser baseado na anamnese e no exame físico, considerando lesões compatíveis, mas a confirmação só pode ser feita por citologia ou histopatologia. A avaliação citológica permite identificar alterações neoplásicas precocemente, aumentando as chances de intervenção eficaz. As opções terapêuticas incluem cirurgia, radiação ionizante, quimioterapia, terapia fotodinâmica, eletroquimioterapia e criocirurgia. Em casos iniciais, a remoção cirúrgica das orelhas afetadas costuma trazer bons resultados, além de proporcionar maior qualidade de vida ao animal. Em estágios avançados, a resposta ao tratamento é mais limitada. Um exemplo positivo foi descrito em um gato que passou por cirurgia associada à terapia fotodinâmica, apresentando remissão da doença e boa recuperação funcional. A prevenção continua sendo a melhor estratégia. O uso de filtros solares veterinários, restrição da exposição ao sol nos horários de maior radiação e a observação frequente da pele do animal são medidas eficazes. Além disso, gatos com lesões envolvendo apenas a orelha apresentam prognóstico mais favorável do que aqueles com lesões no plano nasal, devido à maior possibilidade de excisão completa. A dermatite solar felina e suas complicações representam um desafio importante para a medicina veterinária. O diagnóstico precoce, a conscientização dos tutores e a adoção de estratégias terapêuticas adequadas são determinantes para o sucesso no tratamento e para a melhoria da qualidade de vida dos animais acometidos.

Palavras-chave: Carcinoma; Dermatite; Despigmentação; Felino; Pele.

Desafios nutricionais para animais selvagens em zoológicos: uma revisão focada em dieta, forma de oferta e bemestar.

Mariana Cortes Alves¹, Alice Vargas Peralta¹, Victória Cristina de Almeida Menezes¹, Helena Bianco Rosas¹, Helena Costa da Silva¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A nutrição de animais selvagens em cativeiro envolve equilibrar exigências específicas de cada espécie com limitações logísticas, sanitárias e comportamentais, impactando diretamente saúde e bemestar. Esta revisão sintetiza evidências recentes sobre desafios e soluções no manejo alimentar em zoológicos, com ênfase em herbívoros navegadores e insetívoros especializados. A busca foi conduzida nas bases PubMed, SciELO, Google Scholar e periódicos da área (2010–2025), utilizando combinações de descritores em português e inglês, priorizando revisões, estudos aplicados e documentos orientadores. Os achados indicam uma evolução conceitual do manejo alimentar em quatro etapas: da oferta de itens de fácil aceitação e suplementação mínima para a substituição por itens nutricional e estruturalmente mais adequados, culminando na apresentação espécieapropriada para atingir metas comportamentais e de bemestar como por exemplo, a redução de estereotípias e promoção do forrageio. Em herbívoros, a provisão de *browse* (ramos/folhagens) emerge como estratégia-chave para atender necessidades funcionais de mastigação/ruminação, aumentar saciedade e oferecer oportunidade de escolha, com efeitos consistentes sobre comportamento e indicadores de bemestar. Em espécies altamente especializadas, como o tamanduábandeira, persistem lacunas na replicação da dieta natural mirmecófaga; estudos descrevem formulações práticas, como gruel, dietas comerciais para insetívoros e dietas completas, mas alertam para riscos de excessos de vitaminas lipossolúveis e desbalanços minerais, exigindo monitoramento clínicolaboratorial e ajustes graduais. De forma transversal, a forma de oferta (textura, tamanho de partícula, posição/altura, dispositivos de forrageio) e o enriquecimento alimentar potencializam o valor comportamental do alimento e mitigam problemas de bemestar, reforçando a integração entre nutrição e manejo. Conclui-se que protocolos nutricionais em zoológicos devem ser espécieespecíficos, dinâmicos e integrados a metas de comportamento e saúde, com ênfase em evidências aplicadas, rastreabilidade da composição das dietas e validação por indicadores objetivos de bemestar.

Palavraschave: Bemestar animal; Enriquecimento alimentar; Herbívoros; Nutrição; Zoológicos.

Detecção de antígeno de *Dirofilaria immitis* após aquecimento de soro: Relato de série de casos com 6 cães utilizando o teste 4Dx®.

Luana Lavinas Gonçalves Rodrigues¹, Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Matheus Felipe Moreira de Carvalho¹, Mário Tatsuo Makita², Priscila Nunes dos Santos³ & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A dirofilariose canina é uma parasitose transmitida por mosquitos dos gêneros *Culex*, *Aedes* e *Anopheles*, através da inoculação de larvas infectantes (L3). A doença caracteriza-se pela presença de *Dirofilaria immitis* nas artérias pulmonares e câmaras direitas do coração, levando a distúrbios nos sistemas cardiovascular e respiratório, cuja severidade é variável. O diagnóstico de rotina é realizado, principalmente, por meio de testes de detecção de antígeno, que identificam proteínas específicas produzidas por fêmeas adultas de *D. immitis*. Entretanto, anticorpos presentes no soro podem formar imunocomplexos com esses antígenos, reduzindo a sensibilidade do teste. O pré-tratamento térmico do soro é descrito na literatura como método para dissociar esses complexos, aumentando a detecção do antígeno. Seis cães, com idades entre 3 e 9 anos, de diferentes raças e ambos os sexos, atendidos em clínica de pequenos animais, apresentavam sinais respiratórios crônicos (tosse, intolerância ao exercício e dispneia leve) ou alterações incidentais em exames de imagem compatíveis com hipertensão pulmonar. Todos foram submetidos inicialmente ao teste SNAP® 4Dx® (IDEXX Laboratories) para detecção de antígeno de *D. immitis*, além de anticorpos contra *Ehrlichia canis*, *Anaplasma spp.* e *Borrelia burgdorferi*. Os resultados iniciais foram negativos para *D. immitis* em todos os casos. Considerando a alta suspeita clínica e os achados ecocardiográficos sugestivos de vermes adultos nas artérias pulmonares em quatro dos animais, optou-se pelo pré-tratamento térmico do soro: aquecimento em banho-maria a 104 °C por 10 minutos, seguido de centrifugação a 1.600 g por 20 minutos. O sobrenadante foi novamente testado no 4Dx®. Após o aquecimento, todos os seis animais apresentaram resultado positivo para antígeno de *D. immitis*. Três deles também apresentaram sorologia positiva para *E. canis*, reforçando a possibilidade de resposta imune cruzada e formação de imunocomplexos. A formação de imunocomplexos ocorre quando anticorpos se ligam aos antígenos circulantes de *D. immitis*, especialmente em infecções crônicas ou em animais co-infectados por outros agentes. Esses complexos podem impedir a ligação do antígeno aos anticorpos monoclonais do teste rápido, resultando em falso-negativo. O aquecimento do soro desnatura os anticorpos, liberando os antígenos e permitindo sua detecção. Estudos prévios corroboram essa abordagem, indicando que até 7–14% dos cães infectados podem apresentar falso-negativo sem pré-tratamento. Nossos casos reforçam a relevância da técnica, sobretudo em regiões endêmicas ou diante de alta suspeita clínica associada a testes negativos. O pré-tratamento térmico do soro antes do teste de antígeno para *D. immitis* é uma estratégia simples e eficaz para aumentar a sensibilidade diagnóstica, especialmente em casos com suspeita clínica elevada ou co-infecções. A técnica deve ser considerada na rotina laboratorial de regiões endêmicas para minimizar diagnósticos falso-negativos e permitir intervenção terapêutica precoce.

Palavras-chave: Aquecimento de soro; Diagnóstico; *Dirofilaria immitis*; Imunocomplexos; Teste de antígeno; 4Dx®.

Diagnóstico precoce e monitoramento da doença respiratória bovina em bezerros por meio da ultrassonografia torácica.

Nathália de Oliveira Silva Santos¹; Ana Júlia de Carvalho Pires¹; Emanuela de Sousa Domingos¹; Raphaely Andrade Camargo¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A doença respiratória bovina (DRB) é uma comorbidade que acomete os bovinos, principalmente os bezerros que nascem com a imunidade consideravelmente deficiente. Sendo assim, o diagnóstico precoce através da ultrassonografia (US) é um fator importante para minimizar as possíveis perdas econômicas geradas pelo acometimento pulmonar, pois oferece a capacidade de detectar lesões pulmonares no seu estágio inicial, antes mesmo do aparecimento dos sinais clínicos. Por ser uma doença com causa multifatorial e frequentemente ter um diagnóstico e etiologia incertos, seu diagnóstico clínico tradicional geralmente é tardio. Além da alta mortalidade da DRB, os prejuízos econômicos se estendem a sequelas crônicas nos sobreviventes, como infertilidade, redução da produção leiteira e da carcaça, afetando também seu bem-estar. O objetivo deste trabalho é descrever o diagnóstico precoce de doenças respiratória em bezerros com uso da ultrassonografia. Essa revisão de literatura foi realizada com consulta a base de dados Google Acadêmico e os resultados mostraram que as manifestações clínicas são mais frequentes em bezerros, pois durante a gestação não ocorre a transferência de imunidade passiva da mãe para o feto bovino, o que contribui para uma deficiência de imunidade quando há uma má ingestão de colostro. A US se tornou uma tecnologia aliada na identificação de DRB, pois possui alta eficiência na detecção de casos subclínicos, além de permitir a identificação do tipo e extensão das lesões pulmonares ante mortem. Além disso, oferece métodos que podem facilitar e agilizar o monitoramento através de pontos estratégicos. Ao ser comparada a radiografia torácica, possui vantagens, pois há ausência de riscos de radiação e menor custo de investimento, embora dependa de uma mão de obra especializada. Um dos principais parâmetros avaliados na US torácica é a mensuração do grau de consolidação pulmonar, que é um processo que representa as áreas de inflamação no parênquima. Diversos estudos trazem diferentes métodos, desde a triagem do campo pulmonar completo até a avaliação de áreas específicas. Uma das áreas mais acometidas é o lobo cranial direito devido a uma característica anatômica particular. Essa estrutura é ventilada pelo brônquio traqueal, que tem origem cranialmente á bifurcação da traqueia. Apesar de ter benefícios em um diagnóstico precoce, a US tem suas limitações, já que lesões mais profundas no parênquima podem ser difíceis de serem identificadas, pois o alcance das ondas sonoras é prejudicado, além disso, a visualização de uma lesão não permite distinguir se é decorrente de quadro respiratório ativo ou de episódio anterior, o que reforça a importância do histórico do animal. Contudo, os estudos realizados mostraram resultados promissores devido à baixa massa muscular dos bezerros, facilitando o alcance das ondas sonoras da US, e assim, auxiliando no diagnóstico precoce e monitoramento para a decisão quanto a duração do tratamento da DRB. No entanto, o uso da US não descarta a necessidade de outros métodos de diagnóstico. Conclui-se que a US é uma ferramenta valiosa e complementar no diagnóstico precoce da DRB em bezerros e contribui diretamente para a redução de perdas econômicas e a melhoria do bem-estar animal.

Palavras-chave: Bovinocultura; Bovinos; Patologia pulmonar; Perdas econômicas.

Diarreia crônica associada à presença de *Cyniclomyces guttulatus* em um cão: Relato de caso.

Jade Moura Sá¹, Giulia Rubim Kessler¹, Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos ¹, Mário Tatsuo Makita², Priscila Nunes dos Santos³ & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de medicina veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

²Docente do curso de medicina veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

³Docente do programa de Mestrado Profissional em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras- RJ.

Resumo

Um cão macho, não castrado, da raça Poodle, com 4 anos de idade e peso corporal de 7kg, foi atendido em clínica veterinária apresentando diarreia pastosa a líquida com muco, há aproximadamente dez dias. O tutor relatou que o animal tinha apetite, mas apresentava leve perda de peso e aumento da frequência das evacuações. Foi relatado tratamento prévio com metronidazol por sete dias, sem melhora clínica. Ao exame físico, encontrava-se alerta, com mucosas normocoradas, moderada desidratação e temperatura corporal de 38,6°C e discreto desconforto abdominal a palpação, sem distensão ou timpanismo. Os exames laboratoriais incluíram hemograma sem alterações significativas, bioquímica com discreta hipoproteïnemia e parasitológico de fezes negativo para helmintos e protozoários. Contudo, a análise microscópica direta das fezes em solução salina revelou a presença de estruturas ovaladas, refringentes, vacuoladas e móveis, em grande quantidade por campo, compatíveis com leveduras do gênero *Cyniclomyces*. Para confirmação, foi realizada cultura em ágar Sabouraud com dextrose, resultando no crescimento de colônias brancas, úmidas e lisas, caracterizando positivo para *Cyniclomyces guttulatus*. Testes para *Giardia spp.* e parvovírus também deram negativos, assim como a avaliação coprológica para lipídeos e sangue oculto. Frente à ausência de outros patógenos entéricos e à elevada carga de *C. guttulatus* nas fezes, instituiu-se tratamento antifúngico com Anfotericina B por via oral, associada ao uso de probiótico multiespécie por dez dias, além de dieta gastrointestinal de alta digestibilidade e baixo resíduo. A hidratação foi restabelecida com solução eletrolítica oral por três dias. A partir do terceiro dia de tratamento observou-se melhora clínica, com redução da frequência e volume fecal. No sétimo dia, as fezes já apresentavam formato e coloração normais. O animal apresentou ganho de peso, maior vitalidade e permaneceu em acompanhamento por trinta dias sem recidivas. Este caso demonstra a possível associação entre a proliferação de *Cyniclomyces guttulatus* e quadros de diarreia crônica em cães, especialmente em pacientes submetidos a terapias antimicrobianas recentes ou com dieta inadequada. Embora geralmente descrita como levedura comensal do trato gastrointestinal, evidências indicam que *C. guttulatus* pode atuar como oportunista em situações de disbiose. O uso de antifúngicos em medicina veterinária requer individualização, sendo a Anfotericina B eficaz contra leveduras resistentes aos azólicos. A associação com probióticos e dieta de alta digestibilidade favorece o reequilíbrio da microbiota e a recuperação da barreira intestinal. Assim, *C. guttulatus* deve ser considerado como possível agente envolvido em enteropatias caninas, sobretudo quando identificado em grande quantidade e na ausência de outros agentes etiológicos.

Palavras-chave: Antifúngicos; Cães; *Cyniclomyces guttulatus*; Diarreia crônica; Enteropatias; Probióticos.

Diarreia crônica refratária em felino jovem associada à giardíase persistente e hipoplasia linfática intestinal.

Mariana Serra Alves¹, Ana Clara Ferreira Brandão¹, Maria Eduarda Dias Esmeraldo¹, Julia Soares Dinelli Maia², Bruna Pereira Gonçalves² & Mario dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A diarreia crônica em felinos jovens é um sintoma frequente na clínica de pequenos animais e pode estar associada a infecções persistentes, intolerâncias alimentares, disbiose intestinal ou imunodeficiências primárias. Este relato descreve um caso de enteropatia crônica refratária associada à giardíase persistente e hipoplasia do tecido linfóide intestinal em um felino jovem. Um gato da raça Ragdoll, macho, 1 ano e 8 meses, foi atendido com histórico de diarreia pastosa intermitente desde a adoção aos dois meses de idade, hiporexia esporádica e perda ponderal progressiva, apesar de diversos tratamentos sintomáticos e antiparasitários. O animal já havia sido submetido a dietas hipoalergênicas, administração empírica de metronidazol e probióticos, sem sucesso duradouro. O exame físico revelou desidratação moderada, escore corporal 2/5, pelagem ressecada e abdome com peristaltismo aumentado. Foram solicitados exames laboratoriais e coproparasitológicos. A coproflotação com sulfato de zinco associada ao teste de ELISA para *Giardia* spp. resultaram positivos, indicando carga parasitária elevada. Iniciou-se tratamento com fenbendazol (50 mg/kg VO SID por 5 dias) combinado a metronidazol (25 mg/kg VO BID por 7 dias), com melhora parcial dos sinais. No entanto, o quadro clínico se manteve recidivante. Novos exames revelaram hipoalbuminemia (<2,2 g/dL), linfopenia leve e persistência de alterações ultrassonográficas intestinais, com espessamento difuso da mucosa e perda de definição das camadas. Diante da refratariedade, optou-se pela realização de biópsia intestinal por laparotomia exploratória. As amostras de jejuno e íleo revelaram mucosa com atrofia das vilosidades, discreto infiltrado linfoplasmocitário e hipoplasia das estruturas linfóides intestinais (placas de Peyer), sugerindo imunodeficiência congênita associada a enteropatia crônica. Foi instituído tratamento com suporte nutricional intensivo, suplementação de vitamina B12, dieta digestível com alto teor proteico e uso de interferon felino ômega (2,5 MU/kg SC três vezes por semana, por 30 dias). Nas semanas subsequentes, o paciente apresentou ganho progressivo de peso, normalização da albumina sérica e consistência fecal dentro da normalidade. No controle de 90 dias, não houve recidiva clínica ou copropositividade para *Giardia*. Este caso reforça a importância do diagnóstico sistemático e aprofundado nos quadros de diarreia crônica em felinos, especialmente quando refratários ao tratamento convencional. A giardíase persistente pode mascarar ou coexistir com disfunções imunológicas primárias, como a hipoplasia linfóide intestinal, exigindo terapias imunomoduladoras e suporte clínico prolongado.

Palavras-chave: Diarreia refratária; Enteropatia crônica; Giardíase felina; Hipoplasia linfóide; Imunodeficiência intestinal; Interferon felino.

Dieta natural balanceada para cães e gatos: Benefícios e desafios nutricionais.

Ester Costadela do Valle¹, Mariana Cortes Alves¹, Helena Costa da Silva¹, Helena Bianco Rosas¹, Monique Prado Vasconcellos¹ & Mario dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Mestrado em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Mestrado em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O crescente interesse por dietas naturais balanceadas para cães e gatos reflete uma mudança significativa no perfil dos tutores, cada vez mais atentos à qualidade dos alimentos oferecidos, aos impactos da nutrição na saúde e ao bem-estar geral dos animais de companhia. Essa tendência acompanha o movimento de humanização dos pets, no qual há maior preocupação com a origem dos ingredientes, com a naturalidade da alimentação e com a possibilidade de personalização das dietas. As dietas naturais, elaboradas com alimentos frescos, como carnes, vísceras, vegetais e cereais integrais, podem ser adaptadas de acordo com as necessidades fisiológicas, idade, condição corporal e presença de doenças crônicas, o que representa um diferencial em relação às rações comerciais. Entre os benefícios relatados na literatura estão a maior digestibilidade, melhora da saúde dermatológica, redução de sensibilidades alimentares e impacto positivo no trato gastrointestinal. Apesar das vantagens, a implementação desse tipo de dieta exige conhecimento técnico específico e acompanhamento profissional, visto que a formulação inadequada pode trazer sérios riscos à saúde. Para compreender melhor esse cenário, foi realizada uma revisão sistemática da literatura científica publicada entre 2000 e 2024, utilizando os descritores em português e inglês nas bases PubMed, Scielo e Web of Science. Foram identificados 40 estudos relevantes que avaliaram os efeitos dessa abordagem nutricional. Os resultados demonstraram que a digestibilidade das dietas naturais é superior à das rações comerciais, resultando em melhor aproveitamento de nutrientes e consequente melhora na qualidade das fezes. Além disso, observou-se influência positiva na microbiota intestinal, com aumento da diversidade de microrganismos benéficos, como *Lactobacillus* e *Bifidobacterium*, o que sugere efeitos protetores sobre a saúde gastrointestinal e imunológica. Em contrapartida, a literatura alerta para riscos associados às dietas caseiras não supervisionadas. Estima-se que aproximadamente 80% delas apresentem deficiências nutricionais significativas, sobretudo de cálcio, ferro, zinco e vitaminas essenciais, podendo comprometer o desenvolvimento esquelético, a função metabólica e a imunidade, principalmente em filhotes e animais geriátricos. Outro ponto crítico diz respeito às dietas cruas, que podem representar risco microbiológico pela presença de patógenos como *Salmonella* e *Escherichia coli*, com potencial zoonótico, impactando tanto os animais quanto seus tutores. Diante desses achados, conclui-se que a alimentação natural balanceada pode representar uma estratégia nutricional promissora e benéfica, desde que elaborada de forma criteriosa, com base em evidências científicas, softwares específicos de formulação e acompanhamento contínuo por médicos veterinários nutrólogos. O tema se insere de maneira pertinente nas discussões contemporâneas sobre saúde e bem-estar animal, além de dialogar com os conceitos de sustentabilidade e segurança alimentar. Assim, reforça-se a necessidade de mais pesquisas e de uma maior conscientização dos tutores, a fim de garantir que os benefícios potenciais das dietas naturais sejam alcançados de forma segura, responsável e duradoura.

Palavras-chave: Bem-estar animal; Deficiências nutricionais em pets; Microbiota intestinal; Nutrição animal; Segurança alimentar veterinária.

Dirofilariose felina: diagnóstico por imagem e desafios terapêuticos – Revisão sistemática e metanálise.

Caroline Fernandes de Andrade Faustino¹, Victória Cristina de Almeida Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Vitória Santos de Oliveira¹, Maria Eduarda Cabral de Oliveira Murat¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras- RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras- RJ.

Resumo

A dirofilariose felina, causada por *Dirofilaria immitis*, apresenta menor prevalência e maior dificuldade diagnóstica em comparação aos cães, devido à baixa carga parasitária, infecções por machos apenas e alta taxa de infecções abortivas. Este estudo objetivou sintetizar o desempenho diagnóstico da radiografia torácica, ecocardiografia e testes sorológicos (antígeno e anticorpo), além de discutir implicações terapêuticas na espécie. Foram pesquisadas PubMed, Scopus e CAB Abstracts (2010–2024) utilizando os descritores “feline heartworm”, “*Dirofilaria immitis*”, “radiography”, “echocardiography”, “antigen”, “antibody”. Incluíram-se estudos originais com gatos naturalmente infectados, confirmados por referência (necropsia, PCR ou consenso multimodal) e com dados suficientes para sensibilidade (Se) e especificidade (Sp). Excluíram-se relatos isolados e experimentais sem braço clínico. Dois revisores extraíram dados e avaliaram risco de viés pelo QUADAS-2. A metanálise utilizou efeitos aleatórios (DerSimonian–Laird), com heterogeneidade avaliada por I^2 . Também se analisou o “rendimento diagnóstico combinado”. Foram elegíveis 17 estudos, totalizando 1.146 gatos de áreas endêmicas e mistas. A qualidade metodológica foi moderada, com vieses ligados ao espectro de caso-controle e referência imperfeita. A radiografia torácica ($k=11$) mostrou dilatação e tortuosidade de artérias lobares caudais, hipertensão pulmonar suspeita e padrão broncobrônquico/intersticial periférico. A Se foi 0,54 (IC95% 0,44–0,64) e a Sp 0,78 (0,69–0,85), com heterogeneidade moderada ($I^2=62\%$). A ecocardiografia ($k=9$) permitiu visualização direta de vermes como linhas hiperecogênicas paralelas em artérias pulmonares e sinais indiretos como dilatação do tronco pulmonar e ventrículo direito, além de regurgitação tricúspide. A Se foi 0,71 (0,60–0,81) e a Sp 0,92 (0,86–0,96), com $I^2=58\%$. O desempenho aumentou em gatos sintomáticos. Nos testes sorológicos, o antígeno ($k=12$) apresentou Se de 0,39 (0,31–0,48) e Sp de 0,98 (0,94–0,99), com melhora após tratamento térmico, mas risco de falsos positivos. O anticorpo ($k=10$) teve Se de 0,80 (0,71–0,87) e Sp de 0,74 (0,64–0,82), atuando como marcador de exposição. Estratégias combinadas ($k=8$) envolvendo ecocardiografia, antígeno e radiografia elevaram o rendimento diagnóstico para 0,89 (0,83–0,93). Nenhum teste isolado é suficiente, sendo algoritmos multimodais mais eficazes. Quanto ao tratamento, a terapia adulticida com melarsomina, usada em cães, não deve ser aplicada em felinos. O manejo é clínico e preventivo, com corticosteroides, broncodilatadores, oxigenioterapia e macrocíclicos para prevenção. Em casos de carga elevada, pode-se considerar remoção mecânica por cateter. O prognóstico varia: alguns gatos melhoram, mas há risco de morte súbita por tromboembolismo ou inflamação à morte do parasita. Conclui-se que a dirofilariose felina requer diagnóstico integrado. A ecocardiografia é o exame mais acurado isoladamente, mas a associação com radiografia e sorologia aumenta a detecção. No tratamento, predomina o manejo clínico e preventivo. São necessários estudos prospectivos com referências robustas para refinar algoritmos diagnósticos específicos da espécie.

Palavras-chave: Antígeno-Anticorpo; *Dirofilaria immitis*; Gato; Ecocardiografia; Radiografia.

Disponibilidade e confiabilidade de equipamentos de monitorização na sedação e anestesia de pequenos animais no Brasil: Resultados parciais.

Isabella Danon Martins¹, Larissa Magalhães de Castro¹, Gabriele Barbosa Brandão¹, Rafaela Pradel de Carvalho², Guilherme Alexandre Soares Monteiro² & Eduardo Butturini de Carvalho³.

¹Discente do curso de Mestrado em Diagnóstico na Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A monitorização é uma etapa imprescindível para a realização de um procedimento anestésico ou sedativo seguro e eficaz em pequenos animais. Diretrizes atuais ressaltam a importância de profissionais dedicados exclusivamente à tarefa, uso de métodos de monitorização específicos e outros fatores que visam a diminuição da mortalidade durante o período perioperatório. Alguns países vêm realizando pesquisas relacionadas à diversos fatores influenciadores em procedimentos anestésicos de forma geral, envolvendo distratores, disponibilidade de equipamentos, métodos de monitorização utilizados, presença de um anestesta especializado, e outros pontos de discussão. No Brasil, o CFMV determina que hospitais e clínicas possuam aparelhos de monitorização e registro da ficha anestésica em prontuário, além disso, o CBAV e o CRMV recomendam que exista em qualquer tipo de procedimento monitorizações básicas, como temperatura corpórea, frequência respiratória e cardíaca e pressão arterial. Contudo, no Brasil, não se sabe o real cumprimento dessas normas. O objetivo desse estudo foi caracterizar a disponibilidade e percepção de confiabilidade dos equipamentos de monitorização nas clínicas veterinárias ao longo do país. O trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa transversal aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Vassouras; o formulário foi enviado via redes sociais e grupos de Whatsapp de profissionais em Medicina veterinária e Anestesiologia veterinária. A participação foi voluntária e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes do início da pesquisa, que tomou data entre junho e julho de 2025. Os participantes envolvidos médicos veterinários formados, com dados pessoais anônimos, sendo coletado somente o estado de atuação da profissão. O atual trabalho envolve os resultados parciais da pesquisa, analisados até 21 de agosto de 2025. Dentre os 125 participantes, 65% foram mulheres e 35% homens, de 20 Estados brasileiros diferentes, onde 48% atuam como anestesta em mais de uma clínica veterinária e 39,8% atuam como Clínico geral ou outra especialidade que não Anestesiologia veterinária. A mediana com intervalo interquartil de idade entre os participantes foi entre 30 e 40 anos. A mediana do ano de formação dos respondentes foi 2020. Dentre os resultados gerais obtidos a partir da estatística descritiva dos dados tem-se que, mais da metade dos participantes que possuem um monitor multiparâmetro próprio, possuem mais de uma unidade, e que, cerca de 33,3% não possuem um monitor próprio, entretanto, na maior parte das clínicas onde trabalham os respondentes do formulário há ao menos um monitor multiparâmetro. Dentre a qualidade da monitorização ofertada pelos monitores disponíveis, tem-se que 48% dos correspondentes identificam o ECG de alta qualidade, a SPO₂ de média qualidade por 35,8%, termometria de alta qualidade por 56,9%, a pressão arterial sistêmica de média qualidade por 29,3% e capnografia de alta qualidade por 68,3%. De forma geral, dentre os métodos de monitorização o doppler vascular foi o equipamento mais disponível nas clínicas (87,8%).

Palavras-chave: Analgesia; Equipamentos; Monitorização; Pequenos animais; Sedação.

Efetividade de estratégias reprodutivas assistidas em cães e gatos: Revisão sistemática e meta-análise das taxas de prenhez.

Louise Pivetti do Valle de Moraes Oliveira¹, Jade Moura de Sá¹, Giulia Rodrigues Rubim Kessler¹, Pedro Henrique Evangelista Guedes², Erica Cristina Rocha Roier³ & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de medicina veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

²Docente do curso de medicina veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras- RJ.

Resumo

A reprodução assistida em cães e gatos tem evoluído bastante nas últimas décadas, com avanços em técnicas e inseminação artificial, manejo de sêmen e protocolos de indução de ovulação. Esse estudo avaliou a eficácia de diferentes estratégias reprodutivas assistidas em cães e gatos por meio de uma revisão sistemática e meta-análise. A pesquisa foi feita nas bases de dados PubMed/MEDLINE, Scopus e Web of Science, sem restrições de tempo, usando termos relacionados a cães, gatos, inseminação artificial, indução de ovulação, protocolos hormonais e taxa de prenhez. Foram incluídos estudos observacionais e ensaios clínicos que forneciam dados sobre prenhez por ciclo. Em cadelas, a meta-análise exploratória mostrou que a taxa de prenhez média para sêmen fresco foi de aproximadamente 82,4%. Para sêmen congelado, a taxa foi de cerca de 70,8% quando usado por via transcervical intrauterina (TCI). A via intrauterina apresentou melhores resultados para sêmen congelado, especialmente quando combinada com o momento da inseminação correto, baseado em dosagens de progesterona ou LH. O sêmen fresco, por sua vez, teve um desempenho superior independentemente da via, desde que o momento da inseminação fosse adequado. Fatores como idade, raça, qualidade e dose espermática, e a experiência do operador também influenciaram o sucesso da reprodução. Em gatas, a literatura mostrou altas taxas de ovulação quando a indução era feita hCH e GnRH, associada à estimulação vaginal e ao momento certo de IA. No entanto, a quantidade de dados disponíveis para comprar protocolos de indução e tipos de sêmen ainda é insuficiente para uma meta-análise robusta. O estudo sugere que o protocolo de anestesia pode interferir nos resultados se for usado junto com a administração de indutores gonadotróficos. A análise geral confirma que, em cães, a combinação de um momento preciso e a via intrauterina é essencial para otimizar os resultados com sêmen congelado, enquanto o sêmen fresco mantém taxas de prenhez mais altas. Para gatas, protocolos hormonais bem estruturados e um bom manejo técnico resultam em bons índices reprodutivos, mas há necessidade de mais estudos comparativos. A heterogeneidade de métodos encontrados no estudo indica a necessidade de cautela ao generalizar os dados e destaca a importância de padronizar os protocolos, especialmente para as felinas. Estes resultados são úteis para a prática clínica e para direcionar futuras pesquisas para melhorar a eficiência das biotécnicas reprodutivas em pequenos animais.

Palavras-chave: Indução de ovulação; Inseminação artificial; Reprodução; Sêmen congelado; Taxa de prenhez.

Eficácia e limitações do tramadol na analgesia veterinária: Uma revisão de evidências clínicas e experimentais.

Nicole Mattos de Souza Muniz¹, Giulia Rodrigues Rubim Kessler¹, Manuella Fonseca Mazzoto¹, Marcella Larissa de Almeida Costa¹, Monique Prado Vasconcellos¹ & Eduardo Butturini de Carvalho²

¹Discentes do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O tramadol é um analgésico amplamente utilizado em cães para tratar dor leve a moderada. Contudo, sua eficácia na espécie é motivo de debate, havendo resultados heterogêneos sobre seu efeito analgésico. Um estudo cego e randomizado comparou três intervenções (placebo, P; tramadol 1 mg/kg, T1; e tramadol 4 mg/kg, T4) em cães saudáveis, aferindo o limiar nociceptivo térmico e mecânico antes e até 24h após o tratamento, além de analisar as concentrações plasmáticas do metabólito M1. Apesar de o tramadol não haver atenuado a nocicepção térmica, a nocicepção mecânica foi atenuada em relação ao P em ambas as doses, sendo que T4 levou a concentrações plasmáticas maiores de M1 que T1. Não foi observada sedação, mas houve sinais de náusea e salivação leve a moderada. O estudo mais relevante acerca da questão foi uma meta-análise que reuniu 26 ensaios clínicos randomizados (RCTs), incluindo 848 cães. Os autores da meta-análise alertam para a baixa qualidade das evidências, portanto recomendam cautela quanto à interpretação dos resultados. O tramadol demonstrou reduzir a necessidade de analgesia de resgate comparado ao placebo (CoE – certeza de evidências - moderada; RR – risco relativo: 0,47), mas não foi mais eficaz que buprenorfina, codeína ou nalbufina. Comparado a outros analgésicos, como metadona e inibidores de COX, pode aumentar a necessidade de analgesia de resgate. Apesar de não ter apresentado diferença em relação à analgesia multimodal (CoE baixa), este resultado deve ser analisado de forma crítica. Além da baixa qualidade das evidências, a analgesia multimodal é amplamente reforçada na literatura como a estratégia mais eficaz. Eventos adversos foram relatados de forma inconsistente e a CoE geral foi baixa. A eficácia do tramadol para dor pós-operatória em cães foi considerada baixa ou muito baixa. Além disso, análises do metabolismo do tramadol mostraram que a formação de O-desmetiltramadol (M1), o principal metabólito ativo, é mais lenta em cães comparada a gatos, mas mais rápida do que em humanos. A formação de N-desmetiltramadol (M2) foi mais rápida nos cães. A baixa concentração de M1 em cães é atribuída à baixa formação de M1 e alta formação de M2. Em um estudo sobre a anestesia epidural com levobupivacaína isolada ou associada a tramadol, observou-se que a administração de tramadol reduziu a necessidade de propofol para manutenção anestésica, com menores taxas de infusão necessárias nos grupos com tramadol (0,5 mg/kg/min) comparado ao grupo com levobupivacaína isolada (0,7 mg/kg/min). A menor dose de tramadol também resultou em maior frequência cardíaca, sugerindo um efeito analgésico e anestésico. Todos os protocolos foram seguros e eficazes. Esses estudos revelam que, embora o tramadol possa oferecer algum efeito analgésico, sua eficácia clínica em cães é variável e muitas vezes questionada, especialmente em comparação com outras opções de analgesia.

Palavras-chave: Analgesia; Anestesia; Cão; Gato; Tramadol.

Endocardiose e gota úrica visceral em pinguim-africano (*Spheniscus demersus*) - Revisão de literatura.

Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Mariana Quintanilha Eller Viana¹, Matheus Felipe Moreira de Carvalho¹, Raphaely Andrade Camargo¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O coração das aves se assemelha ao coração de mamíferos, em quesito cavitário, entretanto se diferenciam por fatores relacionados às válvulas cardíacas. Apesar disso, pode-se encontrar, mesmo que não seja comum, endocardiose em aves, podendo ser causadas por ações secundária à outras doenças ou alterações. A endocardiose se caracteriza pelo espessamento do colágeno presente nos folhetos valvares e cordas tendíneas, além do surgimento de nódulos, interferindo na coaptação da válvula, gerando regurgitamento de sangue. Essa variação pode ocorrer em qualquer uma das válvulas, sendo mais comum na bicúspide. Essa alteração clínica pode ser agravada pela idade, ausência ou diminuição de exercícios, escassez nutricional, condições climáticas. Nas aves ainda se encontra hipertensão fisiológica, que, junto dos fatores agravantes favorece o desenvolvimento de cardiopatias. Além da endocardiose, o diagnóstico do caso apresentou gota úrica, definida pela deposição de cristais de urato e ácido úrico em órgãos viscerais, gerada pelo acúmulo dessas substâncias no organismo devido a falha na excreção renal ocasionada por diversas alterações, exceto em aves, que excretam proteínas com facilidade, logo a patologia nesses animais não são desenvolvidas devido ao distúrbio nutricional. O *Spheniscus demersus*, popularmente conhecido como pinguim-africano, é uma ave marinha que, no estudo revisado, apresentou ao longo de seus 23 anos diversos problemas de saúde que posteriormente foram resolvidos, incluindo infecção pelo fungo *Aspergillus sp.* e hepatite portal crônica com ductos biliares hiperplásicos, provavelmente desenvolvidos devido às condições desfavoráveis à saúde em que se encontrava no cativeiro, que, junto de outras alterações levaram ao estresse. Ao ser observado em cativeiro durante 4 dias, antes de vir a óbito, apresentou os seguintes sinais clínicos: postura ortopnéica, murmúrio cardíaco e sons pulmonares em todos os sacos aéreos nitidamente audíveis durante auscultação. Com o óbito do animal, foi possível realizar necropsia, encontrando evidências de endocardiose, sendo elas átrio e ventrículo direitos dilatados com sangue coagulado no interior, válvula tricúspide com nódulos distais e rins pálidos com diversos pontos focais. Além das evidências de gota úrica, onde observou-se espessamento, opacidade e pontos esbranquiçados em sacos aéreos próximos do fígado, rins, tórax e pericárdio. Na histopatologia encontrou-se acúmulo de células fusiformes formando nódulos subendoteliais na matriz mixomatosa da válvula atrioventricular e aórtica, fibrose no septo atrioventricular direito e pontos mineralizados ao redor do pericárdio. Visando a saúde, bem-estar e até mesmo a evolução dos estudos a respeito de cardiopatias em aves, é visto a enorme importância da observação e cuidado com esses animais, sejam eles em vida livre ou em cativeiro, sabendo que em *ex situ*, onde o animal se encontra fora do habitat natural para fins de conservação, é possível obter informações, sejam bióticas ou abióticas, permitindo tratamento controlado sem interferências ambientais externas.

Palavra-chave: Ácido úrico; Aves; Cardiopatia; Sacos aéreos; Valvas cardíacas.

Estudo crítico a respeito do manejo nutricional e físico em cães e gatos obesos.

Júlia Aléxia Fernandes Barros Reis¹, Helena Fiorelli de Souza¹, Isabella Cristina Galdino Furtado¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

²Docente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

Resumo

Atualmente, a obesidade é considerada uma das afecções nutricionais mais prevalentes em cães e gatos, caracterizando-se pelo acúmulo excessivo de gordura corporal que acarreta prejuízos sistêmicos à saúde dos animais. Trata-se de uma condição multifatorial, influenciada por predisposição genética, espécie, raça, fatores hormonais, castração, uso de medicamentos, ambiente em que o animal vive e, sobretudo, pelo manejo realizado pelo tutor. Além de reduzir a qualidade de vida e a longevidade, a obesidade predispõe ao desenvolvimento de diversas doenças. A principal causa dessa condição está relacionada à alimentação inadequada, uma vez que o ganho de peso resulta de um balanço energético positivo, quando a ingestão calórica excede o gasto energético diário. Esta revisão de literatura discute o manejo nutricional e físico em cães e gatos obesos, enfatizando estratégias adotadas pelos tutores e avaliando sua eficácia, destacando lacunas e desafios na implementação de medidas preventivas e terapêuticas. Foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed, Google Scholar e SciELO. O tutor exerce papel fundamental no processo de ganho ou perda de peso dos animais, pois é responsável pela escolha do alimento, quantidade ofertada e estímulo à prática de atividades físicas. O ambiente em que o animal vive também influencia seus hábitos comportamentais e alimentares, podendo favorecer o sedentarismo e, consequentemente, a obesidade. A condição impacta diretamente a saúde, predispondo a diversas doenças. Animais obesos apresentam ainda maiores riscos anestésicos, dificuldades na realização de exames físicos e redução na expectativa de vida. O diagnóstico é realizado principalmente por meio da Escala de Escore Corporal (EEC), que avalia a proporção de gordura em uma escala de 1 a 9, sendo valores acima de 6 indicativos de sobrepeso ou obesidade. O manejo terapêutico visa a perda de peso gradual e saudável por meio da indução de um balanço energético negativo, obtido com restrição calórica controlada associada a atividades físicas adaptadas à espécie e ao estado de saúde. Em gatos, devido ao comportamento mais sedentário, recomenda-se o estímulo por meio de brinquedos, enriquecimento ambiental e posicionamento estratégico de alimentos e fontes de água. Para cães, indicam-se caminhadas diárias, podendo evoluir para corridas e brincadeiras. A análise crítica desses métodos revela que o sucesso depende da personalização das estratégias de acordo com o perfil do animal e da adesão do tutor. Do ponto de vista nutricional, recomenda-se o uso de dietas de baixa densidade energética, com maior teor de proteínas e fibras, carboidratos de lenta absorção e suplementação adequada. O fracionamento da dieta em pequenas porções, de três a seis vezes ao dia, também é indicado. O sucesso do tratamento depende diretamente do engajamento do tutor, que deve compreender a importância da mudança alimentar, do controle de petiscos e da prática regular de exercícios físicos. A abordagem crítica do manejo multiprofissional garante não apenas a perda de peso, mas também melhora a saúde, a qualidade de vida e a longevidade de cães e gatos obesos.

Palavras-chave: Cães; Gatos; Manejo; Tutores; Obesidade.

Evidência radiográfica de esclerose metafisária secundária ao vírus da cinomose.

Juliana Barros Oliveira¹, Letícia Aparecida Alves dos Reis¹, Melissa Duarte Sobrinho¹, Ana Paula Martinez de Abreu² de Abreu & Fábio Sartori².

¹Discentes do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A cinomose canina (CD) é uma doença infecciosa de ampla distribuição, causada por um vírus do gênero *morbilivírus* da família Paramyxoviridae, que afeta os canídeos. A patogenia da CD apresenta um quadro clínico de sintomas que afetam a parte respiratória, gastrointestinal, neurológica e ocular, além de alterações cutâneas como hiperkeratose nasal e plantar. Em cães jovens, a doença representa uma causa importante de mortalidade, principalmente em animais não vacinados ou com imunização incompleta. Contudo, embora as lesões ósseas metafisárias secundárias serem associadas ao vírus da cinomose canina, foi um sintoma pouco documentado. Diante de achados radiográficos, histopatológicos e clínicos de um grupo de cães jovens infectados por CD, destaca-se a importância da esclerose metafisária como achado diferencial em animais com suspeita de doença infecciosa sistêmica. Clinicamente, os métodos utilizados para diagnósticos normalmente são exames físicos detalhados, hemogramas completos, radiografias torácicas e de membros, além de testes confirmatórios para CD, como Reação em Cadeia da Polimerase com Transcriptase Reversa (RT-PCR) em amostras de sangue, urina ou swabs conjuntivais. Sabe-se que em alguns testes pode haver a ocorrência de resultados falso-negativos em RT-PCR para CD, reforçando a importância da avaliação histopatológica e imuno-histoquímica em casos suspeitos. Porém, sucessivamente ocorrem resultados em que cães apresentaram esclerose metafisária multifocal e simétrica em ossos longos, principalmente nas metafises umerais proximais, observadas de forma secundária nas radiografias torácicas. Histologicamente as lesões ósseas podem ser lineares, homogêneas e sem evidência de lise ou proliferação periosteal, diferenciando dos achados da osteopatia metafisária. Além disso, na histopatologia, podem ser identificadas necrose de osteoblastos, osteoclastos e células da medula óssea, além da persistência das primeiras trabéculas ósseas formadas na metafise. Vale ressaltar que a esclerose metafisária secundária em CD deve ser reconhecida como uma manifestação distinta da osteopatia metafisária, o que reforça a necessidade de experiência do histopatologista. Alguns relatos apontam também a intensa inflamação neutrofílica e necrose com lise óssea, na esclerose observada com aumento homogêneo da radiopacidade óssea sem reação do periosteio. Os sinais neurológicos e respiratórios graves observados em cães, confirmam a característica sistêmica da cinomose, dificultando o tratamento e resultando em prognóstico reservado. Diante disto, conclui-se que a esclerose metafisária radiográfica em cães jovens deve ser considerada como um achado associado à cinomose, distinto da osteopatia metafisária, auxiliando no diagnóstico precoce e diferencial de doenças infecciosas em filhotes. Para minimizar seus impactos, é fundamental investir em campanhas de vacinação, ampliar a conscientização dos tutores sobre a prevenção e incentivar o uso combinado de exames clínicos, radiográficos e laboratoriais para garantir maior precisão diagnóstica.

Palavras-chave: Cães jovens; Cinomose; Esclerose metafisária; Radiografia.

Exames de imagem como ferramenta essencial para o diagnóstico, acompanhamento e definição da conduta clínica em obstrução ureteral em felino – Relato de caso.

Mariana Lins Reis da Silva¹, Yasmin Baeta Viegas Moreira¹, Diana Carolina Novaes Cordeiro², Isabelly Cristina Duque de Oliveira² & Carla Fernanda Paranhos de Moura Carvalho³.

¹Discente de Medicina Veterinária – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ.

²Médica Veterinária do Programa de Residência em Medicina Veterinária – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ.

³Docente do Departamento de Medicina e Cirurgia Veterinária – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ.

Resumo

O surgimento de ureterólitos em gatos é frequente na rotina clínica. Dieta, baixa ingestão hídrica, estresse, obesidade e manejo deficiente aumentam as chances de animais desenvolverem urólitos, que levam à obstrução ureteral total ou parcial. Essa afecção causa injúria renal aguda, podendo resultar em hipercalemia, arritmias cardíacas, acidose metabólica e óbito. Exames de imagem são cruciais no diagnóstico das obstruções ureterais, uma vez que grande parte dos animais não apresentam inicialmente sinais clínicos ou laboratoriais, sendo uma patologia silenciosa (SOUZA et al, 2015). O objetivo deste trabalho é relatar um caso de obstrução ureteral em felino e ressaltar os exames de imagem como ferramentas indispensáveis no diagnóstico, acompanhamento, tratamento e tomada de decisões clínicas. Uma paciente felina de 8 anos, pesando 6kg, castrada, SRD e FeLV+, deu entrada no Hospital Veterinário da UFRRJ para exames de check-up, sem apresentar alterações clínicas ou laboratoriais. O exame ultrassonográfico, no entanto, revelou obstrução ureteral esquerda por urólitos justapostos, hidroureter e hidronefrose, com pelve renal esquerda mensurando 1,35cm. O tratamento escolhido foi o medicamentoso, seguindo protocolo à base de Glucagon (GlucaGen®) na dose de 0,1mg/animal, diurético (Furosemida 2mg/Kg via intravenosa) e analgésico (Cloridrato de Tramadol 1mg/Kg via intramuscular) em diferentes momentos por sessões semanais, associado ao uso de Prazosina 0,25mg a cada 12 horas por via oral para relaxamento e desobstrução do ureter (SANTOS et al., 2017) e Cloridrato de Tramadol 100mg/ml, via oral para controle de dor. Imediatamente após cada sessão foram realizados exames radiográficos e ultrassonográficos para acompanhar o possível deslocamento dos cálculos e redução da hidronefrose. Ao fim da sexta sessão, os ureterólitos não haviam se deslocado e a pelve renal mensurava 1,69cm com acentuada compressão do parênquima renal, sendo interrompido o tratamento. A paciente passou a apresentar prostração e anorexia, fazendo-se necessária a colocação de sonda esofágica após ultrassonografia revelar também pancreatite, hepatopatia, pielonefrite, retroperitonite, ureterite e infecção urinária diagnosticada por cistocentese guiada. A paciente permaneceu com antibioticoterapia, analgesia e controle de náusea. Após outro exame ultrassonográfico a nefrologista optou pela realização de uma nefrectomia. Na internação pré-cirúrgica, uma nova ultrassonografia revelou importante redução da dilatação pélvica, mensurando 0,55cm. Córtex e medula renais esquerdos apresentavam apenas uma moderada diminuição da definição cortico-medular. Tais imagens foram cruciais para o cancelamento imediato da nefrectomia, e a paciente permaneceu sob acompanhamento. No mês que se seguiu, exames ultrassonográficos realizados semanalmente não revelaram aumento da dilatação da pelve renal, e sim redução da retroperitonite e pancreatite. O último exame ultrassonográfico revelou o deslocamento de um dos cálculos, não mais justapostos, permitindo a passagem parcial da urina. Seis meses após o diagnóstico de hidronefrose, a paciente veio a óbito subitamente, com as imagens radiográficas confirmando edema pulmonar agudo e efusão pleural. Esse relato permite observar a importância dos exames de imagem, essenciais para o diagnóstico, acompanhamento e observação da efetividade do tratamento instaurado e no direcionamento clínico e cirúrgico, permitindo uma conduta mais assertiva e adequada que atenda

às necessidades de cada paciente, principalmente felinos, que tendem a disfarçar sinais clínicos e compensar resultados laboratoriais.

Palavras-chave: Cálculo; Nefropatia; Radiologia; Ultrassom; Ureterólito.

Exostose anular interfalângica (“Ringbone”) em equino de trabalho - Relato de caso.

Lays da Silva Mendes¹, Gustavo Augusto dos Santos Ferreira¹, Luana Lopes dos Santos¹, Marcela Magno dos Reis Barcelos¹, Alvaro Alberto Moura Sá dos Passos² & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ

Resumo

A exostose anular, também denominada como ringbone, é uma enfermidade articular degenerativa caracterizada pela proliferação óssea periarticular que acomete, principalmente, as articulações interfalangeanas dos equinos, ocorrendo com maior frequência em equinos atletas adultos, que sofrem estresse repetitivo na região da quartela. Trata-se de uma condição progressiva e irreversível, frequentemente associada a dor intensa, claudicação de diferentes graus, alteração na biomecânica locomotora e perda da cartilagem entre as articulações, que compromete o desempenho e a qualidade de vida dos animais afetados. Essa alteração clínica pode estar relacionada a traumas contínuos, estresse repetitivo, conformações anatômicas predisponentes ou sobrecarga de trabalho. Os sinais clínicos variam desde alterações discretas na marcha até claudicação evidente, frequentemente acompanhada de aumento de volume, sensibilidade e rubor local. Apesar de não haver tratamento curativo, medidas terapêuticas de caráter paliativo, incluindo mudanças de manejo, uso de ferraduras corretivas e alguns fármacos, contribuem para a melhora do conforto e qualidade de vida do animal. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de ringbone em um equino fêmea, sem raça definida, com finalidade de trabalho e passeio, de 19 anos de idade, com histórico de claudicação crônica no membro torácico esquerdo há aproximadamente 5 meses, perceptível tanto ao passo quanto ao trote, e aumento de volume rígido na região do boleto. Segundo o relato do tutor, a égua apresentava um desvio biomecânico crônico, caracterizado pelo apoio irregular dos membros torácicos, evidenciado pelo desgaste e crescimento assimétrico dos cascos, condição que provavelmente contribuiu para o desenvolvimento da proliferação óssea periarticular. Durante o exame clínico foram realizados os testes de flexão da região do boleto e bloqueio anestésico do dígito, além da solicitação de exame radiográfico em projeções lateromedial e dorsopalmar. Os achados radiográficos evidenciaram artrose em primeira e segunda falange, bem como redução do espaço articular da articulação interfalangeana proximal. O tratamento instituído consistiu na administração de 15 mL de clodronato dissódico, em dose única por via intramuscular, divididos em dois pontos de aplicação, e 3 mL de neurolítico em cada ramo digital palmar, em dose única por via perineural. Ademais, como medida de manejo, a égua foi afastada totalmente das suas atividades e mantida em pastagem de terreno plano, uma vez que a claudicação se intensificava em áreas de relevo. Entretanto, o tratamento não apresentou melhora significativa. Ressalta-se que, embora a literatura mencione a ocorrência dos casos de ringbone com maior prevalência em equinos atletas, a enfermidade também pode acometer animais destinados a diferentes finalidades. Equinos que apresentam desvio biomecânico crônico mostram-se mais predispostos ao desenvolvimento da proliferação óssea periarticular. Dessa forma, ressalta-se a importância do exame de imagem para a confirmação de casos de exostose anular, uma vez que os sinais clínicos podem ser semelhantes a outras causas de claudicação em equinos. Ressalta-se ainda a necessidade da adoção de medidas de manejo e terapias paliativas capazes de reduzir a dor e do afastamento do animal de suas atividades como medida essencial para a garantia de melhor qualidade de vida do animal mesmo diante da limitação funcional imposta pela doença.

Palavras-chave: Artrose; Claudicação; Radiografia; Ringbone; Terapia paliativa.

Febre Potomac descrita em Botucatu – Revisão de literatura.

Melissa Duarte Sobrinho¹, Izabel de Almeida Oliveira Ogando¹, João Henrique Oliveira Carvalho¹, Kívia da Silva Ferreira¹, Letícia Aparecida Alves dos Reis¹, Tamara Cristina Sobreira Duarte¹, Ana Paula Martinez de Abreu² & Fabio Sartori³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente da Universidade de Vassouras - UniVassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

Resumo

A *Neorickettsia risticii* é uma bactéria gram-negativa, intracelular obrigatória, causadora da Erliquiose Monocítica Equina (EME) ou Febre do Cavalo Potomac. Trata-se de uma enfermidade potencialmente fatal em equinos, com tropismo pelo trato gastrointestinal. Identificada em 1979 ao longo do Rio Potomac (EUA), a EME tem distribuição endêmica e sazonal em regiões alagadiças, sendo relatada no Brasil, especialmente no Sul e Sudeste, com maior incidência entre novembro e janeiro. Segundo a FMVZ/UNESP, até julho de 2025, mais de 30 casos de Febre do Potomac foram confirmados na região de Botucatu (SP), com ao menos 5 óbitos relatados, evidenciando a importância do monitoramento da doença em áreas endêmicas. A *N. risticii* habita trematódeos presentes em caramujos e é transmitida por insetos aquáticos contaminados, ingeridos acidentalmente pelos equinos. Após a ingestão dos insetos, a bactéria se aloja no trato gastrointestinal, replicando-se no cólon e disseminando-se via monócitos para outros tecidos. Clinicamente, a infecção se manifesta por febre alta, diarreia aquosa que pode levar à desidratação grave, letargia, anorexia, laminite e, frequentemente, sinais de cólica associados à inflamação intestinal. O diagnóstico definitivo é realizado pela reação em cadeia da polimerase em tempo real (qPCR) de amostras de sangue e fezes, associado à avaliação dos sinais clínicos, histórico e da epidemiologia local. O tratamento inclui antibióticos como oxitetraciclina ou doxiciclina, além de suporte com fluidoterapia, anti-inflamatórios e analgésicos. O prognóstico é geralmente bom quando o diagnóstico e o tratamento são realizados precocemente. As medidas preventivas envolvem a redução do contato dos equinos com insetos aquáticos, como *efemerópteros* e *caddisflies*. Recomenda-se a higienização diária de bebedouros, drenagem de áreas úmidas, controle de iluminação noturna próxima aos estábulos e o uso de telas protetoras. Embora existam vacinas comerciais nos Estados Unidos contra a *Neorickettsia risticii*, elas ainda não estão disponíveis no Brasil. Além disso, a eficácia da imunização é variável, o que reforça a importância das medidas de biossegurança e do diagnóstico precoce. A Febre do Potomac representa não apenas uma ameaça à saúde equina, mas também prejuízos econômicos relevantes, especialmente em haras de reprodução ou propriedades voltadas à equitação esportiva. O óbito de animais de alto valor genético ou desempenho pode gerar perdas diretas e indiretas significativas. É importante considerar a *N. risticii* como um diagnóstico diferencial em equinos que apresentam colite, especialmente se associada a outros sinais clínicos durante o verão no Brasil. Em regiões como Botucatu (SP), surtos recentes de EME acenderam o alerta para a necessidade de vigilância clínica, controle ambiental de vetores e orientação técnica contínua aos criadores e profissionais da área. A atuação de centros universitários, como a FMVZ da UNESP, tem sido fundamental no diagnóstico, acompanhamento e prevenção da doença.

Palavras-chaves: Equinos; Surtos em Botucatu; Prevenção.

Fisioterapia preventiva como ferramenta de longevidade em cavalos atletas - Revisão de literatura.

Marya Eduarda de Souza Silva¹, Isabella Danon Martins¹, Thays Motta Campos², Sara Elisa Ribeiro Ramos Landim³, Mário dos Santos Filho⁴ & Erica Cristina Rocha Roier⁴,

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médico(a) veterinário(a) autônomo(a) – Nova Friburgo-RJ.

³Médico(a) veterinário(a) autônomo(a) – Barra Mansa-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Os cavalos atletas são submetidos a altas demandas biomecânicas que frequentemente resultam em sobrecarga do sistema musculoesquelético e, conseqüentemente, em maior risco de lesões e quedas de desempenho. A fisioterapia aplicada a equinos tem ganhado relevância nas últimas décadas, inicialmente como adaptação de técnicas humanas, sendo atualmente reconhecida como ferramenta terapêutica e preventiva essencial na medicina esportiva. Este estudo teve como objetivo revisar a literatura disponível acerca da fisioterapia preventiva em cavalos atletas, destacando modalidades utilizadas, efeitos fisiológicos e sua aplicabilidade clínica. A pesquisa bibliográfica abrangeu artigos nacionais e internacionais, incluindo trabalhos que discutem tanto a reabilitação de lesões como o papel da fisioterapia na manutenção da saúde e desempenho. Observou-se que diversas modalidades fisioterapêuticas vêm sendo aplicadas em equinos, como hidroterapia, alongamento, exercícios terapêuticos e proprioceptivos, massagem, eletroterapia (TENS), magnetoterapia, laserterapia, termoterapia, crioterapia, quiropraxia e acupuntura. A literatura demonstra que a fisioterapia atua de forma significativa na prevenção de afecções musculoesqueléticas, especialmente em tendões, ligamentos e coluna vertebral, que são as regiões mais exigidas durante a prática esportiva. Estudos destacam que o uso de exercícios terapêuticos adaptados para cavalos, baseados em princípios da fisioterapia humana, melhora a propriocepção, coordenação motora e estabilidade articular, reduzindo a ocorrência de microlesões e prevenindo recidivas. A hidroterapia, por sua vez, contribui para ganho de força muscular com menor impacto articular, sendo indicada tanto para prevenção quanto para recuperação funcional. O uso de modalidades como laser, eletroestimulação e magnetoterapia apresenta efeitos analgésicos e anti-inflamatórios, favorecendo a manutenção da integridade tecidual e permitindo maior longevidade atlética. Adicionalmente, a mobilização precoce após pequenas lesões, quando realizada de forma controlada, tem sido enfatizada como estratégia preventiva contra os efeitos deletérios da imobilização prolongada, como atrofia muscular e degeneração articular. Em contrapartida, embora haja consenso quanto aos benefícios clínicos e à crescente demanda dos proprietários por terapias complementares, ainda há escassez de estudos robustos que estabeleçam protocolos padronizados e validem cientificamente todas as técnicas utilizadas. Em síntese, a fisioterapia preventiva em equinos atletas se mostra capaz de reduzir o tempo de afastamento, minimizar recidivas, prolongar a carreira esportiva e otimizar o desempenho atlético, atendendo à crescente demanda por abordagens integrativas na medicina esportiva equina. Contudo, observa-se carência de ensaios clínicos controlados que validem cientificamente protocolos padronizados, sendo a maioria das evidências ainda fundamentada em estudos experimentais, relatos de caso ou adaptação de resultados da medicina humana.

Palavras-chave: Cavalos atletas; Fisioterapia equina; Prevenção; Reabilitação.

Fraudes em produtos de origem animal: Detecção, legislação e impactos na saúde pública.

Marcela Magno dos Reis Barcelos¹, Livia Maria Souza de Andrade², Eloisa Chaves Figueiredo¹, Caian Romero Paiva¹, Anna Júlia Brandão de Souza¹ & Mayara Ornelas Pereira³.

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras – Vassouras, RJ, Brasil.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

³Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

Resumo

A fraude em produtos de origem animal representa um sério desafio para a indústria de alimentos, autoridades regulatórias e consumidores, uma vez que compromete não apenas a integridade econômica e a confiança do mercado, mas também a saúde pública. Esse tipo de fraude pode ocorrer de diversas formas, como substituição de matérias-primas, adição de ingredientes não declarados, falsificação de rótulos e adulteração para mascarar deteriorações. A gravidade do problema está no fato de que tais práticas podem resultar na exposição do consumidor a riscos biológicos, químicos e alergênicos, além de configurar crime contra as relações de consumo. O presente trabalho foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica em bases científicas como Scielo, PubMed e Google Scholar, bem como em documentos normativos nacionais e internacionais, abrangendo publicações entre 2015 e 2024. O levantamento contemplou artigos, relatórios técnicos e legislações pertinentes com o objetivo de identificar os métodos de detecção de fraudes, as principais exigências legais e os impactos diretos e indiretos na saúde da população. Os resultados mostraram que os produtos de origem animal mais frequentemente envolvidos em fraudes são carnes, pescados, leite e derivados, sendo as práticas mais comuns a substituição de espécies animais, adição de água ou aditivos proibidos, e manipulação de informações nos rótulos. Foram identificados métodos de detecção baseados em análises físico-químicas, técnicas de biologia molecular, espectroscopia e cromatografia, além do uso de ferramentas modernas como sequenciamento de DNA e espectrometria de massas, que permitem maior precisão na identificação de adulterações. Em relação à legislação, observou-se que no Brasil a fiscalização é regida por órgãos como o MAPA e a ANVISA, enquanto internacionalmente destacam-se normas da União Europeia e da FAO/OMS. Apesar da existência de regulamentações específicas, ainda há desafios relacionados à fiscalização eficaz e à padronização global dos critérios de autenticação. A discussão evidencia que as fraudes em produtos de origem animal não apenas geram prejuízos econômicos significativos e abalam a confiança do consumidor, mas também podem desencadear graves consequências à saúde, como intoxicações, reações alérgicas e transmissão de patógenos. Além disso, ressaltou-se a importância do fortalecimento da rastreabilidade, da adoção de tecnologias emergentes e do investimento em laboratórios capacitados para detecção rápida e precisa. Conclui-se que o combate à fraude em produtos de origem animal exige uma abordagem multidisciplinar, que combine inovação científica, legislação robusta e fiscalização efetiva. O envolvimento da indústria, do governo e da comunidade científica é fundamental para mitigar riscos, garantir a qualidade e assegurar a proteção do consumidor.

Palavras-chave: Detecção; Fraude; Legislação; Produtos de origem animal; Saúde pública; Segurança alimentar;

Gamificação no ensino de virologia veterinária: Desenvolvimento de um jogo educativo em formato de palavras-cruzadas.

Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Augusto Ramos Saar¹, Gabriel Ihmaid Avelino², Ana Paula Martinez de Abreu³, Mário Tatsuo Makita³ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Sistemas de Informação - Centro Univetsitário Internacional Uninter, Curitiba-PR.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As metodologias ativas têm ganhado cada vez mais espaço nas salas de aula, tanto no ensino básico quanto no superior, por proporem uma nova forma de aquisição do conhecimento. Nesse modelo, o professor deixa de ser apenas um transmissor de informações e assume o papel de mediador, enquanto o estudante ocupa o centro do processo de aprendizagem. Isso favorece maior engajamento com o conteúdo, além de estimular competências como trabalho em equipe e resolução de problemas. Entre as práticas mais utilizadas destaca-se a gamificação, que tem demonstrado resultados significativos no aumento da participação dos alunos. Na disciplina de Virologia Veterinária, ofertada no curso de Medicina Veterinária, a diversidade de vírus e suas diferentes características frequentemente dificultam a assimilação do conteúdo. Nesse contexto, a adoção de metodologias ativas apresenta-se como estratégia eficaz para tornar o aprendizado mais dinâmico e acessível. Diante dessa necessidade, foi desenvolvido um jogo educativo em formato de site, inspirado no aplicativo *CodyCross*[®], programado no software Visual Studio Code. O recurso é estruturado em fases baseadas em palavras-cruzadas, organizadas por grupos de vírus, com níveis de dificuldade progressivos. Essa organização permite que o estudante avance gradualmente, consolidando os conhecimentos adquiridos. A construção do material teve como base a terceira edição do livro *Virologia Veterinária* (2017), do Eduardo Furtado Flores e a obra *Virologia Humana e Veterinária*, organizada por Rachel Siqueira de Queiroz Simões (2019). A partir dessas referências, foram selecionados 27 vírus principais que acometem animais domésticos. Além do jogo digital, foi elaborado um conjunto de jogos estilo palavras-cruzadas contendo resumos de cada vírus selecionado, reforçando o processo de fixação, que foi reunido em um e-book. O jogo será integrado às aulas teóricas e práticas da disciplina, funcionando como atividade complementar ao conteúdo ministrado. Ele estará disponível em um site responsivo, acessível por dispositivos móveis e computadores, permitindo seu uso tanto em sala de aula quanto fora dela. A progressão por níveis e a divisão por grupos de vírus facilitarão a organização do conteúdo, possibilitando uma aprendizagem gradual e consistente. Essa iniciativa tem como objetivo aprimorar o ensino da disciplina de Virologia Veterinária no ciclo básico do curso, contribuindo para a formação profissional dos acadêmicos. Ao dominar os conceitos fundamentais sobre vírus e suas características, os estudantes estarão mais preparados para enfrentar situações clínicas em sua futura atuação.

Palavras-chave: Aprendizagem; Educação veterinária; Jogos; Metodologias Ativas; Palavras-cruzadas; Vírus.

Gangrena gasosa em cães: Aspectos clínicos e terapêuticos de infecções por *Clostridium perfringens* – Revisão de Literatura.

Izabel de Almeida Oliveira Ogando¹, Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha¹, Juliana Barros Oliveira¹, Melissa Duarte Sobrinho¹, Milena Melucci Fonseca Siciliano¹ & Mário Tatsuo Makita².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ.

²Docente da Universidade de Vassouras - UniVassouras, Vassouras - RJ.

Resumo

A gangrena gasosa é uma infecção grave causada por diferentes espécies de *Clostridium*, bacilos Gram-positivos anaeróbios e formadores de esporos, amplamente distribuídos no solo e no trato gastrointestinal de animais. Caracteriza-se por rápida progressão clínica, necrose muscular e formação de gás nos tecidos, estando associada a elevada morbimortalidade em diversas espécies domésticas e silvestres. Embora *C. perfringens* seja a espécie mais frequentemente envolvida, outras, como *C. septicum*, *C. novyi* e *C. sordellii*, também podem estar associadas. O trabalho objetiva revisar aspectos da patogênese, tratamento e evolução clínica da gangrena gasosa em cães, com base em relatos de casos da literatura. Foi realizado levantamento bibliográfico em bases de dados, como Scielo, PubMed e buscador Google Scholar, utilizando termos “*clostridium perfringens*”, “necrosis”, “dogs” e “veterinary medicine”. Foram selecionados artigos publicados entre 2015 e 2025. A análise buscou identificar diferentes aspectos clínicos da doença, além das propostas de tratamento e os desfechos. Os estudos mostraram que a entrada desses microrganismos ocorre principalmente por meio de feridas penetrantes, fraturas expostas, injeções intramusculares contaminadas ou procedimentos cirúrgicos sem adequada assepsia. Quando o agente chega no tecido com baixa tensão de oxigênio, inicia-se rápida multiplicação e produção de exotoxinas, responsáveis pela destruição tecidual e efeitos sistêmicos. Diferentes apresentações têm sido descritas, envolvendo tanto formas gastroentéricas quanto musculoesqueléticas. A gastroenterite hemorrágica é o quadro mais comum em cães, frequentemente de forma aguda com vômito e diarreia hemorrágica. Muitos casos são fatais, com o óbito podendo ocorrer em menos de 24 horas, e nesses casos, os diagnósticos ocorrem no post-mortem. A necropsia geralmente revela gastroenterite hemorrágica e necrosante associada à infecção por *Clostridium*. Em um caso, a espécie encontrada foi *C. sordellii*, sendo relevante por demonstrar o potencial dessa espécie em causar lesões gastrointestinais fatais, mesmo na ausência de *C. perfringens*. Em outro caso, um Pastor Alemão, apresentou claudicação e edema maciço no membro pélvico esquerdo após injeção intramuscular. O diagnóstico foi de miosite necrosante causada por *C. perfringens* tipo A, confirmado por cultura e PCR. O tratamento incluiu fluidoterapia, antibioticoterapia (enrofloxacino, metronidazol, penicilina e posteriormente piperacilina/tazobactam) e cirurgia com drenagem. Após quatro semanas, o animal apresentou recuperação satisfatória. O diagnóstico deve considerar a evolução clínica rápida, os sinais locais (edema, dor, crepitação) e as alterações laboratoriais indicativas de sepse. Nos casos em que os animais não sofrem morte aguda, o diagnóstico pode ser feito por cultura bacteriana, histopatologia, imunohistoquímica, ou por testes moleculares para identificação de genes de toxinas. O sucesso terapêutico depende da intervenção precoce. O tratamento envolve suporte intensivo, antibioticoterapia de amplo espectro e, frequentemente, intervenção cirúrgica para desbridamento e drenagem. A literatura também destaca a importância da oxigenoterapia hiperbárica como adjuvante no manejo, especialmente em casos graves. Medidas de profilaxia incluem boas práticas de manejo, prevenção de traumas, higiene em feridas, procedimentos cirúrgicos sob rigorosa assepsia e, em algumas espécies, vacinação. O conhecimento acumulado a partir dos relatos de caso demonstra que a gangrena gasosa em cães, embora incomum, apresenta elevada letalidade e requer diagnóstico rápido e tratamento agressivo.

Palavras-chave: Cães; *Clostridium perfringens*; Gangrena gasosa; Infecções clostridiais; Terapêutica intensiva.

Gota úrica visceral em *Tyto alba* de vida livre no Brasil - Revisão de Literatura.

Mariana Quintanilha Eller Viana¹, Patrick Jordão Moledo Pecoraro¹, Mariana Cortes Alves¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹, Maria Fernanda Barbosa Soares¹ & Alvaro Alberto Moura de Sá Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A gota úrica visceral é uma enfermidade metabólica caracterizada pelo acúmulo de cristais de urato em órgãos internos e serosas, comumente diagnosticada apenas por meio de necropsia. Este trabalho tem como objetivo descrever os achados post mortem compatíveis com gota úrica visceral em uma coruja suindara (*Tyto alba*) de vida livre, ressaltando a importância do diagnóstico patológico e sua relevância ecológica. Durante a necropsia, observou-se presença de depósitos esbranquiçados em fígado e coração, configurando peri-hepatite e pericardite uricas, além de nefrite associada. A análise histopatológica confirmou a presença de cristais de urato, degeneração tubular renal e infiltrado inflamatório, compatíveis com os padrões lesivos já descritos em outras aves silvestres. Relatos prévios em espécies como tucano-toco (*Ramphastos toco*) e bobo-pequeno (*Puffinus puffinus*) também evidenciam lesões semelhantes, sugerindo consistência nos achados histopatológicos entre diferentes espécies. A etiologia da gota urica em aves é multifatorial, podendo envolver distúrbios nutricionais, alterações metabólicas, insuficiência renal, desidratação e intoxicações, como a causada pelo diclofenaco. Em animais de vida livre, no entanto, a determinação da causa específica é desafiadora, dada a complexidade das variáveis ambientais e alimentares. A ocorrência dessa condição em uma ave de rapina neotropical reforça a necessidade de monitoramento sanitário de populações silvestres, considerando que a gota urica pode ser indicativa de desequilíbrios ambientais e nutricionais. A necropsia, nesse contexto, mostra-se uma ferramenta fundamental tanto para o diagnóstico quanto para o entendimento da saúde populacional de espécies ameaçadas ou pouco estudadas. Estudos adicionais são recomendados para identificar fatores predisponentes específicos e aprimorar estratégias de conservação voltadas à fauna silvestre.

Palavras-chave: Aves de rapina; Gota úrica; Necropsia; Patologia aviária; *Tyto alba*; Uratos.

Hemangiossarcoma esplênico e cardíaco em cão da raça golden retriever: Relato de caso.

Ana Julia Criva da Cunha Manso¹, Emanuella de Sousa Domingos¹, Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Juliana De Amorim Penha da Silva¹, Ana Carolina de Souza Campos² & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O hemangiossarcoma (HSA) é uma neoplasia maligna de origem endotelial, agressiva e de difícil diagnóstico precoce. Este relato descreve um cão da raça Golden Retriever com envolvimento simultâneo de baço e coração, apresentando hemoperitônio secundário à ruptura esplênica e efusão pericárdica com células compatíveis com hemangiossarcoma, sugerindo metástase cardíaca. O hemangiossarcoma visceral é uma das neoplasias mais letais em cães, especialmente em raças predispostas como Golden Retriever, Pastor Alemão e Labrador. O baço é o sítio mais afetado, mas a doença frequentemente se dissemina para fígado, pulmões e coração. O átrio direito é o local cardíaco mais comum, e sua invasão pode causar efusão pericárdica e tamponamento, agravando o quadro clínico. Foi atendido um cão Golden Retriever, macho, 9 anos, apresentando letargia, síncope episódica e abdome distendido. Exames clínicos e laboratoriais foram realizados e a partir dos resultados alterados o paciente foi submetido à laparotomia exploratória com esplenectomia, após estabilização hemodinâmica. O exame histopatológico da massa esplênica confirmou hemangiossarcoma cavernoso. A presença simultânea de massa esplênica e lesão cardíaca com efusão pericárdica está descrita em até 25% dos cães com HSA (Hammer et al., 2020). A citologia do líquido pericárdico, embora nem sempre diagnóstica devido à fragilidade celular, foi compatível com HSA neste caso, fortalecendo a suspeita de metástase cardíaca. O prognóstico em situações de envolvimento esplênico e cardíaco é extremamente desfavorável. A esplenectomia pode controlar o hemoperitônio, mas não altera a evolução metastática. A quimioterapia com doxorubicina poderia prolongar a sobrevivência média para 4–6 meses, mas a presença de efusão pericárdica associada à citologia positiva agrava ainda mais o quadro (Wendelburg et al., 2015). O caso descrito demonstra a apresentação clássica e agressiva do HSA em cães, com acometimento esplênico e cardíaco. A análise da efusão pericárdica revelou células neoplásicas compatíveis com hemangiossarcoma, reforçando o caráter metastático da doença. Apesar da esplenectomia ter controlado o hemoperitônio, o prognóstico permaneceu reservado a grave, ressaltando a importância de diagnóstico precoce e da integração entre cirurgia, oncologia e cuidados paliativos.

Palavras-chave: Baço; Cão; Coração; Efusão pericárdica; Golden retriever.

Hepatite grave secundária à leptospirose canina: Relato de caso clínico.

Bruna Mattos de Lima e Silva¹, Fellipe Bonatti de Medeiros Teixeira¹, Hugo Rodrigues Dias¹, Juan Lopes Ferreira¹, Renata Fernandes Ferreira de Moraes² & **Mário dos Santos Filho**².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A leptospirose canina é uma zoonose bacteriana causada por sorovares patogênicos de *Leptospira interrogans*, transmitida principalmente pela urina de roedores e veiculada por água ou solo contaminados. A doença pode cursar com manifestações clínicas variáveis, desde quadros subclínicos até formas graves com insuficiência hepática e/ou renal aguda. A forma icterica, frequentemente associada aos sorovares *icterohaemorrhagiae* e *copenhageni*, caracteriza-se por lesão hepatocelular aguda com possível evolução para falência múltipla de órgãos. O diagnóstico precoce e o tratamento imediato são essenciais para reduzir a mortalidade. Foi atendido em clínica veterinária um cão macho, sem raça definida, quatro anos, 18 kg, sem vacinação contra leptospirose nos últimos dois anos. O tutor relatou apatia, hiporexia, vômitos, colúria e icterícia progressiva há cinco dias, além de acesso frequente a áreas alagadas e contato com roedores. No exame físico, o paciente apresentava temperatura de 39,7°C, mucosas ictericas, desidratação de 8%, dor à palpação abdominal cranial e sensibilidade hepática. O hemograma revelou leucocitose com neutrofilia (24.800/ μ L) e trombocitopenia discreta (140.000/ μ L). A bioquímica sérica demonstrou ALT: 1.280 U/L, FA: 690 U/L, bilirrubina total: 8,6 mg/dL (direta: 6,2 mg/dL), albumina: 1,9 g/dL e azotemia leve. A urinálise mostrou bilirrubinúria intensa e proteinúria moderada. A ultrassonografia evidenciou hepatomegalia difusamente hipoeoica e líquido livre abdominal moderado. Sorologia ELISA revelou títulos elevados para *L. interrogans* sorovares *icterohaemorrhagiae* e *copenhageni*. O tratamento incluiu fluidoterapia isotônica, doxiciclina (5 mg/kg VO a cada 12 h por 21 dias), amoxicilina com clavulanato nos primeiros 10 dias, hepatoprotetores (silimarina e SAME), vitamina K1 e antieméticos. O animal permaneceu internado por sete dias. Houve melhora clínica gradual a partir do quarto dia, com redução da icterícia e normalização parcial dos parâmetros bioquímicos. Após 30 dias, apresentava-se clinicamente recuperado, com ALT de 185 U/L e bilirrubina total de 0,9 mg/dL. A leptospirose pode causar lesão hepática aguda grave devido à ação direta da bactéria e à resposta inflamatória sistêmica, resultando em necrose hepatocelular, colestase e disfunção sintética. A combinação de icterícia, aumento significativo de ALT e FA, hipoalbuminemia e alterações ultrassonográficas é compatível com hepatite aguda de origem infecciosa. O histórico epidemiológico e a confirmação sorológica reforçaram o diagnóstico. O uso precoce de doxiciclina é fundamental para eliminar a fase leptospirêmica, enquanto o suporte intensivo corrige as complicações sistêmicas. A suplementação com hepatoprotetores e vitamina K1 auxilia na recuperação hepática e prevenção de hemorragias. A evolução favorável do caso foi atribuída à instituição imediata do tratamento e ao manejo hospitalar adequado. O caso relatado evidencia a gravidade da leptospirose canina na forma icterica, ressaltando a importância do reconhecimento precoce e da abordagem terapêutica intensiva. A associação de tratamento antimicrobiano específico, suporte clínico e monitoramento contínuo foi determinante para o bom prognóstico. Em regiões endêmicas, a prevenção por meio de vacinação regular e controle ambiental deve ser priorizada, tanto para proteção dos animais quanto para a saúde pública.

Palavras-chave: Hepatite grave; Icterícia; Insuficiência hepática; Leptospirose canina; Medicina veterinária.

Hidrocefalia congênita em Cães - Diagnóstico e abordagem cirúrgica: Revisão de literatura.

Helena Fiorelli de Souza¹; Isabella Cristina Galdino Furtado¹; Júlia Aléxia Fernandes Barros¹ & Mário dos Santos Filho²

¹Discente do curso de Medicina veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ - Brasil.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária. Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ - Brasil.

Resumo

A hidrocefalia congênita é uma afecção neurológica de grande relevância em cães, especialmente em raças miniaturizadas e braquicefálicas, caracterizada pelo acúmulo anormal de líquido cefalorraquiano (LCR) nos ventrículos cerebrais. Esse aumento pressórico leva à dilatação ventricular progressiva, causando compressão do parênquima cerebral e alterações neurológicas variáveis. Embora seja considerada uma condição rara, representa uma das malformações congênitas mais diagnosticadas em filhotes caninos, despertando crescente interesse na clínica de pequenos animais. O diagnóstico da hidrocefalia congênita envolve a associação entre sinais clínicos, exames de imagem e, em alguns casos, achados neurológicos complementares. Clinicamente, os cães podem apresentar comportamento anormal, andar compulsivo em círculos, convulsões, dificuldade de aprendizado, cegueira cortical e depressão de resposta a estímulos. Filhotes afetados frequentemente exibem a característica “cabeça em domo”, com fontanela aberta e proeminente. Os exames de imagem são fundamentais para confirmação diagnóstica. A ultrassonografia é um método acessível em cães jovens com fontanela aberta, permitindo a identificação de ventrículos dilatados. Contudo, a ressonância magnética e a tomografia computadorizada são os métodos de eleição, por fornecerem imagens detalhadas da dilatação ventricular, do parênquima cerebral adjacente e da obstrução de fluxo do LCR. A ressonância, permite avaliar a gravidade da lesão e planejar condutas terapêuticas. O tratamento pode ser clínico ou cirúrgico, dependendo da gravidade do quadro. O manejo clínico visa reduzir a produção de LCR e minimizar a pressão intracraniana, sendo utilizados fármacos como acetazolamida, omeprazol, furosemida e corticosteroides. Apesar de promoverem alívio temporário dos sinais clínicos, a resposta ao tratamento médico é limitada e, frequentemente, apenas paliativa. A cirurgia, por outro lado, constitui o tratamento definitivo para muitos casos. O procedimento mais utilizado é a derivação ventrículo-peritoneal (DVP), que consiste na inserção de um cateter no ventrículo lateral conectado a uma válvula unidirecional, que drena o excesso de LCR para a cavidade peritoneal, onde é reabsorvido. Essa técnica tem mostrado resultados satisfatórios, especialmente em cães jovens, com melhora significativa da função neurológica e qualidade de vida. No entanto, a cirurgia apresenta riscos e complicações importantes. Estudos de revisão sistemática apontam que entre as complicações estão a obstrução do cateter, infecção, desconexão e, em alguns casos, superdrenagem, que pode causar colapso ventricular e hemorragia subdural. Apesar disso, avanços recentes na qualidade dos materiais e na padronização da técnica têm contribuído para taxas de sucesso mais elevadas e menor índice de complicações. A escolha entre tratamento clínico e cirúrgico deve ser individualizada, considerando-se idade, gravidade do quadro, disponibilidade de recursos diagnósticos e expectativa do tutor quanto ao prognóstico. Em filhotes com sinais neurológicos progressivos, a cirurgia é, geralmente, a opção mais indicada, uma vez que proporciona maior sobrevida e recuperação funcional. Conclui-se que a hidrocefalia congênita em cães permanece um desafio diagnóstico e terapêutico na medicina veterinária. O diagnóstico precoce, baseado em exames de imagem avançados, e a intervenção cirúrgica adequada, quando indicada, representam os pilares do manejo eficaz da doença. Assim, a integração entre investigação clínica detalhada, tecnologia diagnóstica e decisão terapêutica personalizada é essencial para otimizar os resultados no tratamento dessa enfermidade.

Palavras-chave: Cirurgia; Líquido Cefalorraquiano; Prognóstico clínico; Tratamento.

Hiperparatireoidismo nutricional secundário em gecko-leopardo: Relato de caso.

Letícia Bilches Esteves Scramin¹, Ellen Caroline Costa Candido¹, Juan Lopes Ferreira¹, Raphaely Andrade Camargo¹, Sophya Vitória Esteves Rocha¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O Hiperparatireoidismo Nutricional Secundário (HPNS) ou osteodistrofia metabólica nutricional é uma enfermidade metabólica marcada pelo aumento da produção do hormônio paratireóideo (PTH), tendo sua causa relacionada majoritariamente à deficiência de cálcio e vitamina D₃, ao excesso de fósforo na dieta e à exposição inadequada à luz ultravioleta. Esta doença afeta principalmente répteis, por consequência dos fatores citados acima. Desse modo, o presente relato de caso tem por objetivos descrever os sinais clínicos e exames utilizados no diagnóstico do hiperparatireoidismo nutricional secundário, apresentar as condutas terapêuticas adotadas e seus resultados, discutir os fatores de manejo que contribuem para a ocorrência da doença e reforçar a importância da suplementação e iluminação adequadas para geckos-leopardos. Um gecko-leopardo (*Eublepharis macularius*), fêmea, com um ano e meio de idade, apresentou histórico e sinais clínicos correspondentes aos da doença. Por meio do exame físico foi possível perceber os sinais anteriormente relatados. Após a anamnese, o animal foi encaminhado à radiografia, a qual revelou diminuição da densidade óssea em todo o corpo do animal. Assim, por meio da análise do resultado do exame de imagem e do histórico do animal, o diagnóstico foi de osteodistrofia metabólica nutricional. Como tratamento foi utilizado o suplemento oral de cálcio com D₃, o qual era polvilhado sobre o alimento. A doença diagnosticada pode ser causada por diversos fatores, os quais acarretam na estimulação da secreção de PTH, o que contribui para a diminuição da densidade óssea, observada neste relato. Outrossim, esta enfermidade está profundamente associada a distúrbios nutricionais e ambientais. Desse modo, o HPNS é uma doença comum em geckos-leopardos devido aos recorrentes erros de manejo que acontecem, principalmente, pelo desconhecimento dos cuidadores. Em relação à apresentação clínica desta, ela tem como principais sinais àqueles semelhantes que causam alterações ósseas e de cálcio. Para um diagnóstico preciso, é necessária a avaliação do histórico do animal e dos sinais clínicos, a realização da radiografia e da bioquímica. Por fim, o tratamento deve basear-se na correção do manejo alimentar e suplementação e, se necessário, terapia à base de calcitonina. Assim, a partir do exposto, é possível concluir que o manejo correto, associado à suplementação adequada de cálcio e vitaminas, é fundamental para prevenir o HPNS em geckos-leopardos. Conjuntamente, a atuação do médico veterinário na orientação e conscientização dos tutores, bem como o compromisso destes em manter boas práticas, são essenciais para garantir o bem-estar da espécie em cativeiro.

Palavras-chave: *Eublepharis macularius*; Hipertireoidismo; Manejo nutricional; Osteotrofia metabólica; Répteis.

Hipoplasia de traqueia em cães braquicefálicos: Estudo retrospectivo em serviço de cardiologia veterinária.

Monique Prado Vasconcellos¹, Caroline Fernandes de Andrade Faustino¹, Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Vitória Santos de Oliveira¹, Maria Eduarda Cabral de Oliveira Murat¹, Vitória Santos de Oliveira¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A hipoplasia de traqueia é uma anomalia congênita frequente em cães braquicefálicos, caracterizada por redução uniforme do diâmetro traqueal, podendo comprometer a função respiratória e cardiovascular. Este estudo retrospectivo avaliou a prevalência, características clínicas e achados diagnósticos de cães braquicefálicos com hipoplasia traqueal atendidos em um serviço de cardiologia veterinária. A hipoplasia traqueal é descrita principalmente em raças como Bulldog Inglês, Bulldog Francês e Pug, muitas vezes associada à Síndrome Obstrutiva das Vias Aéreas dos Braquicefálicos (SOVAB). A proximidade com a cardiologia clínica decorre da sobreposição de sinais respiratórios e cardiovasculares, além da necessidade de avaliação cardiopulmonar integrada. Foram revisados prontuários de cães braquicefálicos atendidos no Serviço de Cardiologia de um hospital veterinário universitário entre janeiro de 2018 e dezembro de 2023. Incluíram-se pacientes com diagnóstico de hipoplasia traqueal confirmado por radiografia torácica ou tomografia computadorizada (TC), definido por diâmetro traqueal/diâmetro da entrada torácica $\leq 0,16$ (critérios radiográficos). Foram coletados dados de idade, sexo, raça, sinais clínicos, comorbidades, métodos diagnósticos e tratamento instituído. Dos 312 cães braquicefálicos atendidos no período, 47 (15,1%) apresentaram diagnóstico de hipoplasia traqueal. A distribuição por raça foi: Bulldog Francês (n=21; 44,7%), Bulldog Inglês (n=15; 31,9%) e Pug (n=11; 23,4%). A idade média foi 3,4 anos (variação: 6 meses–8 anos), com predomínio de machos (61,7%). Os sinais clínicos mais frequentes foram: intolerância ao exercício (78,7%), dispneia inspiratória (63,8%), tosse crônica (51,1%) e cianose episódica (17%). Em 34% dos casos, havia histórico de síncope ou colapso durante atividade física ou excitação. Comorbidades frequentes incluíram: SOVAB (n=32; 68,1%), colapso traqueal concomitante (n=9; 19,1%) e hipertensão pulmonar (n=6; 12,8%). A avaliação radiográfica identificou hipoplasia uniforme em 40 cães, enquanto 7 casos tiveram confirmação por TC, que evidenciou também broncomalácia associada em dois pacientes. No exame ecocardiográfico, 8 cães (17%) apresentaram alterações compatíveis com sobrecarga de ventrículo direito e regurgitação tricúspide leve a moderada, sugerindo impacto hemodinâmico crônico da obstrução respiratória. O manejo incluiu tratamento conservador em 41 cães, com controle de peso, uso de broncodilatadores, anti-inflamatórios e modificações ambientais. Em 6 casos, foram realizadas cirurgias corretivas para SOVAB, com melhora clínica significativa relatada pelo tutor no acompanhamento de até 12 meses. A prevalência de hipoplasia traqueal (15,1%) é semelhante à descrita em braquicefálicos atendidos em serviços especializados. A forte associação com SOVAB destaca a importância da avaliação das vias aéreas superiores, sobretudo em consultas cardiológicas, onde sinais respiratórios podem ser atribuídos apenas a causas cardíacas. Embora irreversível, a hipoplasia traqueal pode ter seus efeitos atenuados pelo tratamento de alterações concomitantes (estenose de narinas, palato mole alongado), melhorando a ventilação e reduzindo a sobrecarga cardiovascular. Alterações ecocardiográficas observadas em alguns pacientes sugerem que a hipóxia crônica decorrente da hipoplasia contribui para hipertensão pulmonar e disfunção cardíaca direita. A hipoplasia traqueal é relativamente frequente em cães braquicefálicos atendidos em cardiologia, exigindo abordagem multidisciplinar para diagnóstico e manejo. A associação com SOVAB e potenciais repercussões cardíacas reforça a importância de investigação respiratória sistemática em pacientes braquicefálicos com sinais cardiopulmonares.

Palavras-chave: Braquicefálicos; Cardiologia veterinária; Hipertensão pulmonar; Hipoplasia traqueal; Vias aéreas.

Identificação de marcadores microsatélites para o tubarão-tigre (*Galeocerdo cuvier*) utilizando sequenciamento de segunda geração e seu impacto na medicina veterinária de animais marinhos.

Mariana Quintanilha Eller Viana¹, Nicole Mattos de Souza Muniz¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹, Leandro Marques Gomes¹ & Alvaro Alberto Moura de Sá Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O tubarão-tigre (*Galeocerdo cuvier*) é um dos maiores predadores marinhos e exerce papel essencial no equilíbrio dos ecossistemas oceânicos, regulando cadeias alimentares e influenciando a saúde de populações de peixes e outros organismos. Apesar de sua ampla distribuição em regiões tropicais e subtropicais, a espécie vem sofrendo pressões crescentes devido à pesca incidental e ao comércio de seus produtos, o que torna urgente compreender sua biologia e genética para embasar estratégias de conservação. Nesse contexto, os marcadores microsatélites despontam como ferramentas poderosas para avaliar diversidade genética, conectividade populacional e padrões de migração. O presente trabalho revisa o desenvolvimento e a caracterização de microsatélites para *G. cuvier*, obtidos a partir do sequenciamento de segunda geração, ressaltando sua aplicabilidade não apenas em estudos populacionais, mas também na Medicina Veterinária de animais marinhos. Como materiais e métodos, foram analisadas amostras de DNA de indivíduos provenientes do Atlântico Ocidental, submetidas à técnica de pirosequenciamento 454, capaz de gerar um grande volume de sequências genômicas. A partir dessas sequências, foram isolados loci de microsatélites, dos quais se selecionaram os mais promissores para testes de polimorfismo. Em seguida, avaliou-se a variabilidade genética entre diferentes indivíduos, verificando tanto a taxa de amplificação quanto a diversidade encontrada. Os resultados revelaram que os marcadores desenvolvidos apresentaram elevado grau de polimorfismo, permitindo diferenciar populações e confirmando seu potencial para aplicação em estudos de estrutura genética. Além disso, observou-se que esses loci podem ser aproveitados em análises de espécies próximas, ampliando o alcance da ferramenta. A discussão evidencia que a caracterização genética de tubarões por meio de microsatélites fornece informações cruciais para compreender como as populações se conectam, como o fluxo gênico ocorre ao longo de diferentes áreas e quais são as possíveis unidades de manejo necessárias à conservação. Na Medicina Veterinária de animais marinhos, esse tipo de conhecimento também traz benefícios práticos, como o monitoramento da resiliência genética frente a doenças e mudanças ambientais, a identificação de populações vulneráveis e o suporte a programas de reprodução em cativeiro e reabilitação. Outro ponto relevante é a aplicação dos microsatélites na genética forense, permitindo identificar a origem de espécimes capturados ilegalmente e contribuindo para ações de fiscalização e combate ao comércio irregular. Assim, o sequenciamento de segunda geração se mostra um avanço significativo em relação a métodos tradicionais, pela agilidade e eficiência na identificação de loci polimórficos, além de abrir caminho para pesquisas com outras espécies marinhas de importância ecológica. Conclui-se que o desenvolvimento desses marcadores para *G. cuvier* representa não apenas uma contribuição direta para a conservação de um predador-chave, mas também um recurso estratégico para a Medicina Veterinária aplicada a animais marinhos, integrando ciência, manejo e proteção da biodiversidade oceânica.

Palavras-chave: Conservação; Elasmobrânquios; *Galeocerdo cuvier*; Genética populacional; Medicina Veterinária; Microsatélites.

Importância da higienização dos tetos das éguas no pós-parto para a saúde neonatal.

Ana Júlia Vasconcelos Rodrigues Rivello¹, Larissa de Castro Magalhães¹, Bruna Pereira Gonçalves¹, Marina Lima Gianastácio¹ & Érica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Mestrado em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Mestrado em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O período neonatal é considerado determinante para a sobrevivência e desempenho futuro do potro. Por nascerem agamaglobulinêmicos, os equinos dependem exclusivamente da transferência passiva de imunidade, fornecida pelas imunoglobulinas presentes no colostro ingerido nas primeiras horas de vida. Esse processo de absorção é altamente eficiente, mas indiscriminado, de modo que o potro é capaz de incorporar não apenas anticorpos protetores, mas também microrganismos patogênicos eventualmente presentes no ambiente ou nos tetos da égua. A primeira mamada representa, portanto, um marco imunológico essencial, sendo também um momento de vulnerabilidade caso não sejam adotadas medidas preventivas adequadas. A higienização dos tetos da égua no pós-parto imediato, antes da mamada inicial, é uma prática simples que contribui significativamente para reduzir o risco de ingestão de agentes infecciosos. Soluções antissépticas suaves, como a clorexidina diluída (0,5%), têm sido indicadas para essa finalidade, permitindo a manutenção da qualidade do colostro e a diminuição da carga microbiana. Diversos microrganismos podem estar presentes nos tetos da égua no momento do parto, atuando como fonte de contaminação para o neonato. Entre os agentes mais relatados estão *Escherichia coli*, *Klebsiella spp.*, *Enterobacter spp.*, *Streptococcus zooepidemicus*, *Staphylococcus spp.* e espécies de *Clostridium*, todos associados a quadros de septicemia, diarreia e distúrbios gastrointestinais em potros. A ingestão desses patógenos durante a primeira mamada representa um risco adicional, pois ocorre justamente no período em que o potro ainda não absorveu quantidades adequadas de imunoglobulinas do colostro. Assim, a exposição precoce a bactérias potencialmente invasivas pode comprometer a eficácia da transferência passiva de imunidade e predispor a infecções graves logo nos primeiros dias de vida. Nesse contexto, a higienização dos tetos pode ser considerada um procedimento estratégico de biossegurança, favorecendo a eficácia da imunidade passiva e a redução de casos de septicemias, diarreias e distúrbios gastrointestinais nos primeiros dias de vida. Além do benefício direto ao neonato, essa prática representa uma conduta preventiva de baixo custo, acessível a diferentes sistemas de criação e de impacto positivo sobre índices zootécnicos. Conclui-se que medidas simples, como a lavagem dos tetos, quando aplicadas de forma sistemática, possuem potencial para melhorar substancialmente a saúde neonatal equina. Tal reflexão contribui para a consolidação de protocolos de manejo que buscam aliar ciência e prática, visando resultados mais consistentes na equinocultura.

Palavras-chave: Biossegurança; Colostro; Imunidade passiva; Neonatologia equina; Potro.

Influência do DMSO na viabilidade de retalhos cutâneos randômicos e reparo de feridas cirúrgicas em ratos.

Juan Lopes Ferreira¹, Letícia Bilches Esteves Scramin¹, Hugo Rodrigues Dias¹, Bruna Mattos de Lima e Silva¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹ & Álvaro Alberto Moura dos Sá Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O DMSO (dimetilsulfóxido) é um solvente orgânico polar que promove a remoção de radicais livres, ativação ou inibição de várias enzimas. Destacando-se pelas suas propriedades antioxidantes, anti-inflamatórias e analgésicas, ampliando suas aplicações terapêuticas. O objetivo deste trabalho foi revisar e sintetizar a efetividade do dimetilsulfóxido em retalhos randômicos e sua influência em feridas cirúrgicas, procedimentos plásticos reconstrutivos e como pode contribuir para novos protocolos clínicos alternativos na Medicina Veterinária. Uma busca sistemática em PubMed, SciELO e Journal of Health Sciences foi realizada, incluindo artigos publicados entre 2004 e 2023 sobre o uso clínico do DMSO. Os estudos realizados por ALMEIDA, J.C et al. (2004), utilizaram como métodos e materiais trinta ratos machos da linhagem Wistar, distribuídos aleatoriamente em três grupos: o controle (retalho confeccionado, descolado e reposicionado ao local de origem); o simulado (retalho + solução salina 0,9%); e o experimental (retalho + DMSO 5%). Observou-se que aplicação subcutânea do solvente foi a mais vantajosa devido a sua dispersão, outras vias de administração enteral (via oral ou retal) e parenteral (intravenosa, intra-arterial e intraperitoneal) foram descartadas porque a intenção era atingir concentração da droga no sítio operatório sem a interferência da distribuição sistêmica, além de poder ser realizada uma única dose. A análise mostrou que os animais tratados tiveram menor necrose na parte distal do retalho. A avaliação dos tecidos revelou mais formação de vasos sanguíneos, menos danos nos anexos da pele e presença precoce de fibroblastos, em comparação aos outros grupos. Por outro lado, nos estudos de Parra-Marquez et al. (2023) não foi observado efeito protetor significativo com o uso de pomada tópica de DMSO em retalhos cutâneos randômicos de ratos, indicando que a eficácia do DMSO tópico pode ser limitada nesse contexto. Portanto, conclui-se que o DMSO a 5% reduziu de forma eficaz a área de necrose distal indicando uma ação benéfica sobre os retalhos cutâneos randômicos, revelando ser uma alternativa promissora em tratamento de áreas necróticas e processos inflamatórios em cirurgias restauradoras na Medicina Veterinária, embora mais estudos constantes sejam necessários para confirmar sua segurança em diferentes contextos clínicos na prática veterinária.

Palavras-chave: DMSO; Retalhos; Tratamento.

Infusão alvo-controlada e bloqueio locorregional como estratégias para estabilidade anestésica em cirurgia orofaríngea: Relato de caso.

Milena de Oliveira Cruz¹, Lara dos Santos Gomes¹, Monique Prado Vasconcellos¹, Caio da Silva Afonso¹, Daniel Sacchi de Souza² & Eduardo Butturini de Carvalho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de graduação em Medicina Veterinária- Universidade de Barra Mansa, Barra mansa – RJ.

³Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras- RJ.

Resumo

A anestesia em pacientes geriátricos e portadores de comorbidades relevantes requer protocolos individualizados, que priorizem a segurança e a estabilidade transoperatória. Esse desafio é potencializado em procedimentos que envolvem a região de cabeça e pescoço, em virtude da sua elevada sensibilidade e da proximidade com as vias aéreas, fatores que aumentam a variabilidade do plano anestésico e a necessidade de ajustes contínuos. Devido ao grande risco de oscilações hemodinâmicas, esse tipo de procedimento cirúrgico exige técnicas modernas de anestesia e analgesia locorregional. O presente relato descreve o manejo anestésico de um cão geriátrico, classificado como ASA IV, submetido à ressecção de massa em cavidade nasofaríngea em decorrência de obstrução nasal por neoformação. O paciente, canino, macho, da raça Shih-Tzu, com aproximadamente 13 anos de idade, evidenciou nos exames pré-anestésicos insuficiência discreta da valva mitral, insuficiência moderada da valva tricúspide e arritmia sinusal, além disso, apresentava histórico de dispnéia e cianose em momentos de estresse. A técnica anestésica utilizada foi a anestesia intravenosa total (TIVA) com a bomba de infusão alvo-controlada (Target-Controlled Infusion – TCI) em associação ao bloqueio locorregional. O protocolo anestésico incluiu dexmedetomidina (2 µg/kg, IV) e metadona (0,2 mg/kg, IV) como medicação pré-anestésica. A indução e manutenção foram realizadas com propofol (3 µg/mL) e citrato de fentanila (4 ng/mL) em TCI, associadas a infusão contínua de cetamina (1,2 mg/kg/h, IV) e dexmedetomidina (1 µg/kg/h, IV). Como adjuvante analgésico, realizou-se bloqueio maxilar bilateral via abordagem subzigomática com bupivacaína (0,1 mL/kg). A monitorização no transoperatório incluiu eletrocardiograma, oximetria de pulso, capnografia, pressão arterial não invasiva e temperatura. O procedimento, com duração aproximada de 45 minutos, transcorreu sem intercorrências e os parâmetros monitorados se mantiveram estáveis. A analgesia pós-operatória foi realizada com dipirona (25 mg/kg, SC) e metadona (0,2 mg/kg, SC). O paciente apresentou recuperação anestésica tranquila e não expressou sinais de dor no pós-operatório imediato. A utilização da infusão alvo-controlada na TIVA representa um avanço significativo na anestesia veterinária. Esse sistema emprega modelos farmacocinéticos e farmacodinâmicos integrados a algoritmos computacionais para ajustar automaticamente a taxa de infusão do anestésico, com base na concentração-alvo desejada de fármaco no cérebro do paciente. Essa tecnologia proporciona anestesia mais estável e segura, evitando oscilações bruscas de plano anestésico. Neste caso, a utilização da TCI foi determinante para o controle preciso da profundidade anestésica, minimizando variações hemodinâmicas por estímulos cirúrgicos. Outro ponto fundamental foi a associação com o bloqueio locorregional maxilar via abordagem subzigomática, a administração da bupivacaína promove o bloqueio da geração e da condução dos impulsos nervosos, incluindo fibras sensoriais e autonômicas, o que reduz a nocicepção no transoperatório. O sinergismo entre analgesia regional e anestesia geral controlada configura uma abordagem anestésica mais segura, promovendo melhor recuperação no pós-operatório imediato. Este relato evidencia a relevância da anestesia multimodal e destaca o potencial da TCI na medicina veterinária de pequenos animais, especialmente em pacientes de alto risco submetidos a procedimentos em cabeça e pescoço. Conclui-se que a integração entre TCI e bloqueio locorregional mostrou-se eficaz e contribui para maior estabilidade anestésica e segurança perioperatória.

Palavras-chave: Anestesia multimodal; Bomba de Infusão alvo-controlada (TCI); Bloqueio locor-regional; Cirurgia oral.

Insuficiência adrenal primária em cão com hiponatremia, hipercalemia e bradicardia relativa: relato de caso clínico.

Alice Vargas Peralta¹, Helena Bianco Rosas¹, Monique Prado Vasconcellos¹, Victoria Cristina de Almeida¹, Julia Soares Dinelli Maia² & Mario dos Santos Filho³.

¹Discente do Curso de Graduação em Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras – RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras – RJ.

³Docente Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras – RJ.

Resumo

A insuficiência adrenal primária, ou Doença de Addison, é uma condição endocrinológica rara em cães, porém potencialmente fatal se não diagnosticada e tratada precocemente. É causada, na maioria das vezes, por destruição imunomediada das glândulas adrenais, afetando a produção dos hormônios cortisol e aldosterona. A deficiência de aldosterona leva a desequilíbrios eletrolíticos importantes, como hiponatremia e hipercalemia, que podem causar colapso cardiovascular e bradicardia relativa. Os sinais clínicos são inespecíficos e intermitentes, incluindo vômitos, diarreia, letargia, anorexia, perda de peso e desidratação, dificultando o diagnóstico precoce. Em casos graves, o animal pode evoluir para colapso circulatório. O diagnóstico exige suspeita clínica baseada nos sinais apresentados, exames laboratoriais e confirmação por meio do teste de estímulo com ACTH, considerado o padrão ouro. O texto relata o caso clínico de um cão macho, sem raça definida, com cinco anos de idade, atendido após dois meses de sintomas intermitentes, como apatia, anorexia, vômitos e diarreia, com agravamento recente. O exame físico revelou um animal em estado grave, com desidratação acentuada, mucosas pálidas, hiporresponsividade, dor abdominal, bradicardia (60 bpm) e hipotermia. Os exames laboratoriais indicaram leucopenia discreta com eosinofilia, hiponatremia acentuada (118 mmol/L), hipercalemia (6,9 mmol/L), hipocloremia, aumento de ureia e creatinina, além de hipoglicemia. A relação $\text{Na}^+:\text{K}^+$ de 17 reforçou a suspeita de insuficiência adrenal. O eletrocardiograma evidenciou alterações compatíveis com distúrbios eletrolíticos graves, como ondas T apiculadas e ausência de onda P. A conduta inicial incluiu fluidoterapia com solução salina isotônica (NaCl 0,9%), dextrose a 5%, correção da hipercalemia com insulina (0,1 U/kg) e glicose, e administração de antieméticos e protetores gástricos. O teste de estímulo com ACTH confirmou o diagnóstico de Addison, com valores de cortisol basal e pós-ACTH muito abaixo do normal. A terapia de emergência com hidrocortisona intravenosa resultou em melhora rápida dos sinais clínicos e estabilização dos eletrólitos em 72 horas. Após cinco dias de internação, o animal recebeu alta com prescrição de prednisolona e fludrocortisona para reposição hormonal crônica. O acompanhamento ambulatorial mostrou boa resposta ao tratamento, com recuperação do apetite e da vitalidade. Este caso evidencia a complexidade diagnóstica da Doença de Addison, devido à sua apresentação clínica vaga e semelhante a outras patologias. No entanto, a presença de hiponatremia, hipercalemia e bradicardia relativa, especialmente em cães com sintomas gastrointestinais crônicos, deve levantar suspeita de hipoadrenocorticismismo. A bradicardia em contexto de hipovolemia, contrariando a fisiologia compensatória esperada, é um sinal clínico relevante. A rápida intervenção e o início da terapia adequada são cruciais para o prognóstico. A resposta positiva ao tratamento reforça a importância de reconhecer precocemente essa endocrinopatia rara. A Doença de Addison, embora desafiadora, tem excelente prognóstico com diagnóstico precoce, tratamento intensivo inicial e manejo crônico adequado.

Palavras-chave: Addison; Cão; Endocrinopatia; Hipercalemia; Hiponatremia; Endocrinopatia.

Intoxicação por xilitol em cão com evolução para insuficiência hepática.

Beatriz de Andrade Reis¹, Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha¹, Manuella Fonseca Mazzoto¹, Manoela Helena de Souza¹, Maria Fernanda Barbosa Soares¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

²Docente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

Resumo

O xilitol é um adoçante natural amplamente utilizado em gomas de mascar, balas, produtos dietéticos e fármacos humanos. Em cães, sua ingestão provoca liberação maciça de insulina, resultando em hipoglicemia acentuada e, em alguns casos, necrose hepática aguda. Embora a intoxicação por xilitol seja reconhecida na literatura veterinária, muitos tutores desconhecem seu risco, o que retarda o atendimento emergencial. Foi atendido um cão macho, SRD, 4 anos, 12,5 kg, trazido à clínica após ingestão estimada de 8 a 10 gomas de mascar contendo xilitol, cerca de 4 horas antes. Na chegada, apresentava apatia, tremores musculares e ataxia. A glicemia capilar era de 32 mg/dL. O hemograma não mostrava alterações significativas, mas a bioquímica evidenciava ALT levemente elevada (145 U/L; VR: 10–100 U/L). Foi iniciado tratamento imediato com infusão contínua de glicose 5% (2 mL/kg/h), associada a bolus de glicose 50% diluída para correção inicial. Após 12 horas, o paciente apresentou vômitos, icterícia e piora clínica. Nova bioquímica revelou ALT de 1.230 U/L, AST de 980 U/L, bilirrubina total de 2,5 mg/dL e tempo de protrombina prolongado. Diante da evolução para insuficiência hepática aguda, instituiu-se terapia de suporte intensivo: fluidoterapia com adição de dextrose 10%, protetores hepáticos (silimarina, S-adenosilmetionina), vitamina K1, antieméticos e monitoramento contínuo de glicemia e coagulação. O paciente permaneceu internado por 5 dias, apresentando gradativa melhora clínica e normalização parcial das enzimas hepáticas. Recebeu alta com prescrição de dieta hepática e suplementação com antioxidantes. O xilitol é altamente tóxico para cães, e pequenas doses ($\geq 0,1$ g/kg) já podem causar hipoglicemia grave; doses acima de 0,5 g/kg estão associadas a risco de insuficiência hepática. No presente caso, a ingestão elevada e o intervalo de 4 horas até o atendimento provavelmente contribuíram para a evolução hepática desfavorável. O diagnóstico baseia-se no histórico de ingestão, sinais clínicos e alterações laboratoriais. A hipoglicemia precoce e a elevação de enzimas hepáticas nas primeiras 24–48 horas são achados típicos. O tratamento deve ser instituído imediatamente, antes mesmo da confirmação laboratorial, incluindo correção da glicemia, prevenção de complicações hepáticas e suporte intensivo. Apesar da gravidade, a recuperação foi possível devido à instituição rápida de fluidoterapia com glicose, manejo agressivo das complicações e internação prolongada. O prognóstico, no entanto, é reservado em casos com disfunção hepática avançada ou coagulopatias refratárias. A intoxicação por xilitol em cães é uma emergência potencialmente fatal, exigindo reconhecimento precoce, suporte intensivo e acompanhamento laboratorial contínuo. A conscientização de tutores e médicos-veterinários sobre os riscos dessa substância é fundamental para reduzir morbimortalidade.

Palavras-chave: Cães; Hepática; Hipoglicemia; Intoxicação; Xilitol.

Leucemia Felina (FeLV) e avanços terapêuticos: Uma revisão sobre o uso do Raltegravir.

Isabella Cristina Galdino Furtado¹, Helena Fiorelli de Souza¹, Júlia Aléxia Fernandes Barros Reis¹ & Mário Tatsuo Makita².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O Vírus da Leucemia Felina (FeLV) é um retrovírus imunossupressor e oncogênico, amplamente disseminado e considerado uma das principais causas de morte entre as doenças infecciosas de gatos domésticos e selvagens. A infecção ocorre principalmente por contato íntimo e prolongado, sendo associada ao desenvolvimento de distúrbios hematológicos e mieloproliferativos, como linfomas e leucemias, além de quadros de imunossupressão que predis põem os animais a infecções oportunistas. O diagnóstico combina exames clínicos, laboratoriais e, sobretudo, testes sorológicos para detecção do antígeno viral p27, como ELISA e testes rápidos. O manejo clínico da doença é um desafio, reforçando a necessidade de terapias que controlem a progressão viral e suas complicações. Esta revisão de literatura, baseada em buscas nas bases PubMed, Google Scholar e SciELO, analisa estratégias de manejo clínico do FeLV e o potencial terapêutico do antirretroviral raltegravir. Tradicionalmente, o tratamento é sintomático, com suporte clínico para manifestações secundárias e uso de quimioterapia, como o protocolo COP (ciclofosfamida, vincristina e prednisona), em casos de neoplasias. Contudo, a replicação viral persistente limita a eficácia dessas abordagens. Nesse contexto, antirretrovirais humanos, como o raltegravir, surgem como alternativa promissora. O raltegravir é um inibidor da integrase, enzima essencial para a replicação viral por promover a integração do DNA viral ao genoma da célula hospedeira. Ao bloquear esse processo, o fármaco reduz a carga viral circulante e retarda a progressão da doença. Estudos preliminares sugerem que sua associação à quimioterapia pode potencializar a resposta clínica em gatos com linfoma associado ao FeLV, aumentando a sobrevida e a qualidade de vida. Os efeitos adversos, como alterações hematológicas e anorexia, tendem a ser manejáveis, o que torna o tratamento viável na prática clínica. Entretanto, a literatura disponível ainda se apoia em estudos com amostras reduzidas e protocolos experimentais, ressaltando a necessidade de ensaios clínicos controlados e de longo prazo para estabelecer doses seguras e padronizar protocolos terapêuticos. Em síntese, a incorporação de inibidores de integrase como o raltegravir representa uma perspectiva inovadora para o manejo da leucemia felina. Pesquisas contínuas são fundamentais para consolidar seu uso e ampliar as opções terapêuticas disponíveis na medicina veterinária.

Palavras-chave: Leucemia Felina; Quimioterapia; Raltegravir; Terapia Antirretroviral.

Leucemia mielóide aguda em um felino de 2 anos: Relato de Caso.

Manuella Fonseca Mazzoto¹, Giulia Rodrigues Rubim Kessler¹, Nicole Mattos de Souza Muniz¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

²Docente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

Resumo

A Leucemia Mielóide Aguda (LMA) é uma doença neoplásica da medula óssea associada a distúrbios clonais de células-tronco hematopoiéticas. A doença é considerada rara em felinos, mas ocorre principalmente em gatos positivos para o vírus da imunodeficiência felina (FIV) e a leucemia viral felina (FeLV). Em um estudo com 37 gatos diagnosticados com leucemia, a maioria deles era jovem e positivos para FeLV, e 56,8% tinham LMA (CRISTO et al., 2019). Foi atendida na clínica veterinária uma felina, PCB, 2 anos, 2,76kg, FeLV+, com histórico de apatia, prostração, febre, ingestão hídrica e alimentação normal. No exame físico apresentava temperatura retal de 39,7 °C, mucosas hipocoradas (+++), frequência cardíaca (134 bpm), frequência respiratória (32 mpm) e a pressão arterial sistólica era de 120 mmHg. O hemograma revelou eritrocitopenia (2,47m/mm³), anemia normocítica hipocrômica (Ht 10%), trombocitopenia (12,000 m/mm³). A bioquímica sérica evidenciou aumento somente de AST (48 U/I). O exame qualitativo PCR deu reagente ao vírus da leucemia viral felina (FeLV). Durante sua internação foram realizadas 3 transfusões sanguíneas, visando corrigir a anemia e a trombocitopenia, e de protocolo medicamentoso foi realizado Dipirona (0,08ml, via IV, cada 12h, por 5 dias), Dexametasona (0,3ml, via IV, cada 24h, por 5 dias) e Nuxcell Fel (1 medida, VO, cada 24h, por 3 dias), Ondanscetrona (0,2ml, via IV, cada 12h, por 7 dias), Acetilcisteína (0,33ml, via IV, cada 12h, por 4 dias), HEMAX 4000UI (0,25ml, via SC, cada 48h, por 15 dias), Mirtazapina (1comprimido, VO, cada 48h, por 5 dias). No mielograma foram vistas poucas espículas medulares, apresentando celularidade esperada com a idade do animal e os estoques de ferro estavam ausentes. A série mielóide se encontrava gravemente diminuída e com disgranulopoiese, com presença de neutrófilos tóxicos e em donut cells, hiposegmentação e células gigantes. A série eritróide se encontrava em quantidades aumentadas, porém com escalonamento incorreto, presença significativa dos precursores eritroides imaturos associados a diseritropoiese com células megaloblasticas, formatos nucleares anormais, assincronismos e retardos maturativos. A série megacariocítica encontra-se gravemente diminuída, com raros megacariócitos maduros, apresentando, por vezes, características de dismegacariocitopoiese com megacariócitos anões. A Leucemia Mielóide Aguda em felinos é considerada rara, porém fortemente associada à infecção pelo vírus da leucemia felina (FeLV), visto que a infecção viral agrava a imunossupressão e reduz a resposta terapêutica. Os sinais clínicos de apatia, prostração, febre e mucosas hipocoradas são inespecíficos, mas refletem o comprometimento hematopoiético característico da LMA. O hemograma evidenciou anemia severa, trombocitopenia e leucopenia, achados compatíveis com a substituição da medula óssea por células blásticas neoplásica. O mielograma foi fundamental para o diagnóstico, revelando displasia em todas as linhagens hematopoiéticas, com destaque para disgranulopoiese, diseritropoiese e dismegacariocitopoiese. A sobrevida relatada em estudos varia de poucas semanas a alguns meses, mesmo com intervenção intensiva. Essa doença em felinos, embora rara, deve ser considerada como diagnóstico diferencial em pacientes jovens, sobretudo quando positivos para FeLV e com manifestações clínicas inespecíficas associadas a citopenias múltiplas. Dessa forma, o hemograma aliado ao mielograma mostraram-se fundamentais para a caracterização das alterações hematopoiéticas e confirmação diagnóstica.

Palavras-chave: Felinos; Leucemia; Mielograma; Neoplasia; Prognóstico.

Linfoma alimentar de baixo grau em gato geriátrico com vômitos crônicos e perda de peso: Relato de caso.

Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha¹, Maria Elisia Pereira Rangel¹, Luiza Amorim Gonçalves¹, Bruna Pereira Gonçalves², Julia Soares Dinelli Maia² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O linfoma alimentar (ou gastrointestinal) é a neoplasia maligna mais frequente em gatos, especialmente em indivíduos geriátricos, e pode se apresentar de forma insidiosa, com sinais clínicos inespecíficos como vômitos intermitentes, diarreia e emagrecimento progressivo. O presente relato descreve o caso de um felino sem raça definida (SRD), macho castrado, com 11 anos de idade, atendido com histórico de vômitos frequentes há mais de três meses, hiporexia e perda ponderal acentuada. O exame físico revelou leve desidratação, escore corporal 2/5, e dor à palpação abdominal cranial. Exames laboratoriais evidenciaram linfocitose discreta, hipoproteinemia e discreta elevação de ALT. A ultrassonografia abdominal demonstrou espessamento difuso da muscular da parede de alças intestinais delgadas, especialmente jejuno e íleo, com perda da definição das camadas, além de linfonodos mesentéricos aumentados. Foi realizado aspirado por agulha fina (FNA) guiado por imagem de linfonodo mesentérico, cuja citologia revelou população linfocítica homogênea, compatível com linfoma de células pequenas. Dada a ausência de envolvimento extraintestinal evidente e o bom estado clínico geral do animal, optou-se por tratamento clínico com protocolo oral de clorambucil (0,2 mg/kg VO a cada 48 horas) e prednisolona (2 mg/kg VO ao dia, em dose decrescente). A resposta terapêutica foi favorável, com redução significativa dos vômitos e recuperação do apetite em sete dias, além de ganho de peso progressivo observado ao longo das quatro semanas seguintes. Este caso reforça a importância do diagnóstico precoce e do uso de exames de imagem e citologia na investigação de sinais gastrointestinais crônicos em felinos. O linfoma de baixo grau, apesar de maligno, pode ter evolução indolente e boa resposta terapêutica com manejo ambulatorial, especialmente quando tratado nas fases iniciais da doença. O relato também ilustra a aplicabilidade da quimioterapia oral de baixa intensidade como alternativa viável, segura e eficaz em gatos geriátricos.

Palavras-chave: Clorambucil; Gato geriátrico; Linfoma intestinal; Neoplasia felina; Prednisolona; Vômito crônico.

Mieloencefalite protozoária Equina: O papel de *Neospora hughesi* na ocorrência da doença.

Andreza Beatriz Santos Lima de Marins¹, Gustavo Vieira de Souza Barros¹, Laysa Emanuelle Ribeiro Palhares¹, Samira Aline Silva Muniz¹, Tamara Cristina Cristovam da Silva¹ & Priscilla dos Santos Nunes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A mieloencefalite protozoária equina (EPM) é uma enfermidade neurológica de grande relevância clínica na equinocultura, caracterizada por processo inflamatório e degenerativo do sistema nervoso central. Tradicionalmente, o agente mais identificado é *Sarcocystis neurona*, cujo ciclo envolve hospedeiros definitivos, como gambás (*Didelphis spp.*), e equinos como hospedeiros aberrantes. Entretanto, estudos recentes destacam *Neospora hughesi*, protozoário coccídeo intracelular da família Sarcocystidae, como responsável por casos de EPM. Dentro do gênero *Neospora*, resalta-se que *N. caninum* é mais associado a abortamentos, enquanto *N. hughesi* está relacionado principalmente a quadros de mieloencefalite. O ciclo biológico de *N. hughesi* ainda não é completamente elucidado, e seu hospedeiro definitivo permanece desconhecido, dificultando a compreensão das vias de transmissão e da manutenção ambiental do parasito. Clinicamente, a infecção manifesta-se de forma semelhante à causada por *S. neurona*, com sinais neurológicos assimétricos e multifocais, como ataxia, fraqueza, paresia e incoordenação progressiva, que podem evoluir para severa incapacidade locomotora. Macroscopicamente, as lesões são pouco evidentes, mas a histopatologia revela infiltrados mononucleares perivasculares, gliose reativa, desmielinização e degeneração neuronal. Essas alterações tornam inviável o diagnóstico apenas com base em sinais clínicos ou achados anatomopatológicos. O diagnóstico da EPM é desafiador devido à semelhança clínica entre as infecções por *S. neurona* e *N. hughesi*. A identificação precisa do agente é essencial para diagnóstico, compreensão epidemiológica e definição de medidas terapêuticas e preventivas. Testes sorológicos, como Western blot e imunofluorescência indireta, são amplamente empregados, mas sujeitos a reações cruzadas. Nesse contexto, métodos moleculares, como a PCR, apresentam maior precisão, permitindo diferenciar os agentes e esclarecer a etiologia. O diagnóstico diferencial deve incluir outras doenças neurológicas de equinos, como encefalomielite viral, traumas espinais, degenerações hereditárias e intoxicações. Fatores de risco relacionados à infecção por *N. hughesi* incluem idade avançada, imunossupressão, estresse, transporte prolongado, treinamento intenso e manejo inadequado. Além disso, aspectos genéticos ligados à resposta imune podem influenciar a manifestação clínica, de modo que muitos animais infectados permanecem em quadro subclínico. O reconhecimento crescente de *N. hughesi* como agente da EPM reforça a necessidade de expandir estudos epidemiológicos, identificar fatores de risco e estabelecer medidas preventivas específicas. Considerando que a neosporose equina pode impactar diretamente a prática clínica veterinária e o desempenho zootécnico, compreender a participação desse protozoário é essencial para o manejo correto dos casos e para estratégias de controle. Em síntese, a EPM constitui importante desafio diagnóstico e clínico. O papel emergente de *Neospora hughesi* amplia a compreensão sobre a diversidade etiológica da doença e resalta a importância de métodos moleculares e vigilância epidemiológica. Reconhecer a neosporose equina como causa relevante de mieloencefalite permite melhor abordagem diagnóstica, terapêutica e preventiva, contribuindo para a redução do impacto econômico e sanitário da enfermidade na equinocultura.

Palavras-chave: Diagnóstico diferencial; Doenças neurológicas equinas; Neosporose; *Parasitose*; *Sarcocystis neurona*.

Neoplasia e metástase pulmonar em cão: Um relato de caso.

Leonardo Canedo de Magalhães Dias¹, Pedro Henrique Christo Fernandes¹, Matheus Machado Vieira de Miranda Corrêa¹ & Leticia Patrão de Macedo Gomes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A metástase representa um dos aspectos mais desafiadores no manejo clínico de neoplasias malignas, tanto na medicina humana quanto na veterinária. Trata-se da capacidade que células tumorais têm de se desprender do tumor primário, migrar através do organismo e colonizar tecidos distantes, comprometendo de forma significativa a saúde do paciente e dificultando o tratamento. Em pequenos animais, tumores localizados em extremidades, como nos dígitos, frequentemente são subestimados no estágio inicial, o que pode atrasar o diagnóstico e permitir a progressão metastática. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico de um paciente atendido na rotina veterinária com um tumor no dígito, que evoluiu para metástase pulmonar, destacando os aspectos clínicos e terapêuticos envolvidos, além de discutir a importância do diagnóstico precoce e da avaliação oncológica completa. Foi atendido no ambulatório de clínica médica veterinária um paciente canino, macho, Pastor Alemão, 5 anos, apresentando aumento de volume no terceiro dígito da pata torácica esquerda. Após avaliação clínica e anamnese, foram solicitados exames pré-operatórios para investigação da alteração. Os exames laboratoriais revelaram apenas um quadro de anemia leve, sem alterações significativas nos demais parâmetros hematológicos ou bioquímicos. Radiografias torácicas e ultrassonografia abdominal foram realizadas com o objetivo de verificar a presença de possíveis metástases ou alterações sistêmicas que pudessem contraindicar o procedimento cirúrgico. Ambos os exames de imagem não evidenciaram alterações compatíveis com disseminação tumoral, sendo observado apenas o nódulo localizado no dígito afetado. Diante do quadro clínico e dos resultados dos exames, optou-se pela amputação cirúrgica do dedo acometido. O procedimento transcorreu sem intercorrências e a recuperação pós-operatória foi satisfatória. O animal apresentou melhora clínica significativa, retomando o apetite e apresentando bom estado geral nas semanas subsequentes. Apesar da recomendação da equipe veterinária para acompanhamento oncológico e realização de exames periódicos, a tutora optou por não dar continuidade ao acompanhamento especializado. Com o passar do tempo, o animal passou a apresentar sinais progressivos de debilidade, incluindo perda de peso acentuada, hiporexia (redução do apetite), apatia e episódios de dor intensa. Diante do agravamento do quadro clínico, novos exames foram solicitados, incluindo radiografias torácicas de controle. As imagens revelaram a presença de múltiplos nódulos pulmonares, compatíveis com metástase pulmonar, sugerindo que o tumor primário, embora aparentemente restrito ao dígito no momento da cirurgia, já havia iniciado o processo de disseminação antes da intervenção ou pouco tempo depois. Portanto, evidenciasse a importância do acompanhamento oncológico e realização dos exames de rotina.

Palavras-chave: Dígito; Exame; Oncologia; Radiografia; Tumor.

Neurocisticercose e sua relevância para a Saúde Pública: Uma revisão de literatura.

Milena Melucci F. Siciliano¹, Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha¹, Melissa Duarte Sobrinho¹, Társila Nascimento Marcelino¹, Thallys Bastos Biaggi S. Santos¹ & Fábio Sartori².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A cisticercose é uma doença parasitária de grande importância em saúde pública, caracterizada pelo seu alto potencial zoonótico. O homem é considerado o único hospedeiro definitivo, uma vez que abriga a forma adulta do parasita no intestino delgado. Apesar disso, a principal preocupação associada à enfermidade está relacionada ao desenvolvimento da neurocisticercose, condição em que as formas larvárias atingem o sistema nervoso central, resultando em manifestações clínicas de elevada gravidade. É uma zoonose de relevância mundial, com implicações diretas na saúde pública e na economia. Nos animais de produção, especialmente bovinos e suínos, a presença de cisticercos leva à condenação parcial ou total de carcaças, ocasionando prejuízos significativos à cadeia agroindustrial. No homem, a infecção ocorre principalmente pela ingestão acidental de ovos de *Taenia solium*, sendo a neurocisticercose a manifestação mais grave, caracterizada pela migração das larvas para o sistema nervoso central, onde podem provocar danos neurológicos permanentes. Estima-se que milhões de pessoas em regiões endêmicas sejam portadoras da doença, muitas vezes sem diagnóstico confirmado. Pacientes com neurocisticercose frequentemente desenvolvem epilepsia crônica e outras complicações neurológicas que reduzem a capacidade produtiva, geram afastamento do trabalho e aumentam custos para o sistema de saúde e é uma das principais causas de epilepsia adquirida em países em desenvolvimento. Apesar de sua gravidade, a neurocisticercose é classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma doença tropical negligenciada. Isso significa que recebe pouca atenção em termos de políticas públicas, pesquisa científica e investimentos para prevenção e tratamento, mesmo impactando milhões de pessoas em países de baixa e média renda. Além disso, a ingestão de carne crua ou mal-cozida contendo cisticercos de *T. saginata* ou *T. solium* resulta no desenvolvimento da forma adulta da tênia, conhecida como teníase. Nessa condição, o homem atua como hospedeiro definitivo, mantendo o ciclo do parasita e favorecendo a disseminação da cisticercose. Dessa forma, a enfermidade representa um problema de saúde pública de difícil controle, que exige medidas integradas de vigilância, educação sanitária e inspeção de produtos de origem animal. A cisticercose representa uma zoonose de grande impacto, tanto na saúde pública quanto na economia, sendo responsável por perdas na produção animal e por manifestações clínicas graves em humanos, especialmente nos casos de neurocisticercose. O homem desempenha papel central na disseminação da doença, atuando como hospedeiro definitivo da tênia. Dessa forma, o controle efetivo depende da integração de medidas preventivas, como educação sanitária, melhorias nas condições de saneamento básico, inspeção rigorosa de carnes e tratamento adequado de indivíduos infectados.

Palavras-chave: Cisticercose; Neurocisticercose; Saúde Pública; Zoonoses.

O papel do ‘bit seat’ no conforto bucal e no desempenho de equinos atletas: uma revisão de literatura.

Helena Bianco Rosas¹; Mariana Cortes Alves¹; Monique Prado Vasconcellos¹; Juliana de Amorim Penha da Silva¹; João Felipe Halfed Carraca¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras- RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras- RJ.

Resumo

A odontologia equina é uma área da medicina veterinária dedicada à promoção da saúde bucal de equídeos, independente da sua utilização. Os procedimentos odontológicos nesses animais são realizados por médicos-veterinários especializados, com o uso de instrumentos adequados e de forma cautelosa. A pesquisa baseou-se em artigos indexados no PubMed, dos quais cinco foram selecionados por sua relevância. A periodicidade ideal das avaliações dentárias varia conforme cada indivíduo, entretanto, a finalidade é comum a todos, prevenir problemas como desgaste irregular dos dentes, lesões na cavidade oral provocadas por pontas afiadas, além de dificuldades na mastigação e digestão. Entre as técnicas mais empregadas está o arredondamento dos dentes pré-molares (106, 206, 306 e 406). Esse procedimento visa proporcionar melhor encaixe da embocadura na cavidade bucal, garantindo maior conforto e bem-estar ao animal. Ressalta-se a importância de arredondar a região anterior do segundo pré-molar, evitando que os tecidos moles dos lábios sejam tracionados para trás e sofram erosões. Animais que não passam por esse ajuste odontológico tendem a apresentar dor, desconforto e reatividade à embocadura durante a montaria, especialmente quando o cavaleiro exerce força excessiva nas rédeas. Além disso, o uso de hackamores (freios sem embocadura) e de cavesons demasiadamente apertadas (narigueiras ajustadas) também pode gerar pressão sobre a gengiva e provocar dor. Antes de considerar esse procedimento, no entanto, é importante fazer uma análise completa das técnicas de montaria e da embocadura utilizada no cavalo. Em um estudo realizado, foi notado que as dimensões orais dos equinos apresentam grande variação individual, o que pode resultar em uso inadequado dos freios e comprometer o bem-estar animal. O estudo analisou medidas orais (como largura da boca, distância entre as mandíbulas, espessura da língua e largura da mandíbula inferior) em 554 cavalos e pôneis adultos. Comparou essas dimensões com o tamanho dos freios usados pelos proprietários. O objetivo foi determinar se os freios usados – frequentemente muito curtos, muito longos ou inadequadamente proporcionados – estão causando desconforto, comprimindo a língua ou aplicando pressão indevida nos “bars” (barbas) da mandíbula inferior. O estudo concluiu que muitos freios não se ajustam corretamente, podendo resultar em desconforto e prejuízo ao bem-estar, e recomendou avaliação periódica do ajuste do freio conforme o animal envelhece, além da realização de procedimentos odontológicos, como o bit seat. Cavaleiros relataram que, após a realização do procedimento, reações indesejadas na equitação – como sacudir a cabeça, elevá-la excessivamente ou resistir ao freio – foram significativamente reduzidas. Dessa forma, minimizam-se comportamentos de defesa, favorecendo a harmonia entre cavalo e cavaleiro, além do aprimoramento da performance esportiva.

Palavras-chave: Bem-estar; Equinos; Odontologia; Performance.

Obstrução uretral secundária a neoplasia prostática em cão idoso: Relato de caso.

Cecilia Torres Alves¹, Luana Lopes dos Santos¹, Luiza Tomé Faria¹, Mariana Silva de Souza¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras- RJ.

Resumo

Os cães estão entre os poucos grandes mamíferos que desenvolvem câncer de próstata de forma espontânea. Apesar disso, a incidência dessa neoplasia na espécie canina é relativamente baixa. Assim como ocorre nos humanos, os cães acometidos frequentemente apresentam metástases ósseas osteoblásticas, principalmente na pelve e na região lombar, podendo resultar em dor intensa e déficits neurológicos. Entre os sinais clínicos comuns estão perda de peso, letargia, alterações na micção e/ou defecação. O presente relato descreve o caso de um cão macho, não castrado, 11 anos de idade e 42 kg, atendido com histórico de febre, hematúria, disúria e prostração, mantendo apetite preservado. Durante o exame físico, observou-se desconforto abdominal e suspeita de obstrução uretral. Foi realizada tentativa de sondagem uretral com o objetivo de promover a desobstrução, porém sem sucesso. Durante a retirada da sonda, notou-se volumosa quantidade de sangue e coágulos, evidenciando um processo hemorrágico intraluminal importante. Diante do quadro, foi solicitado hemograma e bioquímico, onde foi observado aumento das enzimas hepáticas (ALT e FA) e no exame ultrassonográfico abdominal, o qual revelou aumento expressivo da próstata, medindo aproximadamente 7,7 cm × 5,9 cm em corte transversal, com contornos irregulares, parênquima heterogêneo e ecotextura grosseira, sem clara definição interna. As alterações eram compatíveis com neoplasia prostática, cuja expansão causava compressão extrínseca da uretra, resultando em obstrução urinária. Além disso, identificou-se a presença de estrutura nodular adjacente à próstata e espessamento irregular da parede da bexiga urinária, sugestivo de cistite concomitante, possivelmente secundária à retenção de urina e ao processo neoplásico. A obstrução urinária levou a retenção vesical aguda, dor intensa e risco de complicações sistêmicas, como azotemia pós-renal, além de possível infecção secundária do trato urinário. Considerando a idade, o sexo, o status reprodutivo e os achados de imagem, o diagnóstico presuntivo foi de carcinoma prostático, uma neoplasia maligna agressiva, com alta capacidade de invasão local e potencial metastático. O tratamento inicial foi direcionado à estabilização do paciente, controle da dor, manejo da infecção urinária e alívio da obstrução. Após confirmação diagnóstica, optou-se por iniciar protocolo de quimioterapia visando à redução do volume tumoral e à melhora da função urinária. O paciente retornou após uma semana para reavaliação ultrassonográfica, que demonstrou redução do tamanho prostático e melhora parcial do quadro obstrutivo. Apesar da resposta inicial positiva, o prognóstico permanece reservado a desfavorável, devido ao caráter invasivo do tumor, à possibilidade de recidiva e à alta taxa de metástases associadas a esse tipo de neoplasia. Este caso ressalta a importância do diagnóstico precoce e da abordagem terapêutica multimodal no câncer de próstata canino, especialmente diante de complicações graves como a obstrução uretral, que comprometem rapidamente a qualidade de vida e a sobrevida do paciente.

Palavras-chave: Cão; Neoplasia; Obstrução; Próstata; Ultrassom.

Osteomielite crônica por *Nocardia spp.* em cão imunossuprimido: Desafio diagnóstico e terapêutico.

Lana Costa de Queiroz¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, João Felipe Halfeld Carraca¹, Melissa Quintella Santinon¹, Helena Bianco Rosas¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Nocardia spp. é um gênero de actinobactérias ambientais gram-positivas, aeróbicas e filamentosas, saprófitas do solo e matéria orgânica. A nocardiose em cães é considerada rara, acometendo principalmente animais imunossuprimidos, com manifestações variando entre formas cutâneas, pulmonares e sistêmicas. A osteomielite por *Nocardia* é extremamente incomum e de difícil diagnóstico, dada a evolução insidiosa e a necessidade de cultivo especializado. O presente relato descreve um caso de osteomielite crônica em cão sob uso prolongado de imunossupressores, destacando a importância da cultura e antibiograma para o diagnóstico definitivo e o manejo clínico. Um cão macho, sem raça definida, 9 anos, foi atendido com claudicação crônica do membro pélvico esquerdo, associada a dor à manipulação do fêmur distal e leve aumento de volume regional. O histórico incluía tratamento imunossupressor contínuo com prednisolona (1 mg/kg SID) e ciclosporina devido a dermatite atópica refratária. Radiografias evidenciaram lesões osteolíticas e esclerose irregular em diáfise femoral, compatíveis com osteomielite. A biópsia óssea e o material aspirado foram encaminhados para cultura aeróbica, anaeróbica e fúngica. Após 7 dias, observou-se crescimento de colônias brancas, rugosas e fracas positivas para ácido resistente por coloração de Ziehl-Neelsen modificada. A identificação molecular por PCR confirmou *Nocardia nova*. O antibiograma demonstrou sensibilidade a trimetoprim-sulfametoxazol (TMP-SMX) e amoxicilina-clavulanato, e resistência a cefalexina. O tratamento foi instituído com TMP-SMX (15 mg/kg BID, VO) por 8 semanas, resultando em melhora clínica, regressão da dor e ausência de progressão radiográfica. A nocardiose é uma infecção oportunista que pode ocorrer em cães sob terapia imunossupressora, sendo a osteomielite uma manifestação rara e subdiagnosticada. Os sinais clínicos são inespecíficos, e o diagnóstico depende da suspeita clínica associada à cultura microbiológica específica, já que o crescimento de *Nocardia* é lento e pode ser inibido por antibióticos prévios. A diferenciação com outras causas de osteomielite, como infecções bacterianas comuns, leishmaniose ou neoplasias ósseas, é essencial. O tratamento é prolongado e depende da realização de antibiograma, uma vez que há grande variabilidade na susceptibilidade entre as espécies. O caso reforça a necessidade de atenção ao histórico de imunossupressão como fator predisponente e à coleta apropriada para cultura, com alerta ao laboratório sobre a suspeita de nocardiose. Este caso evidencia a importância de considerar a nocardiose como causa de osteomielite em cães imunossuprimidos com claudicação persistente. A realização de cultura específica e antibiograma é essencial para o diagnóstico definitivo e escolha terapêutica. O reconhecimento precoce permite tratamento eficaz e evita complicações como fraturas patológicas e disseminação sistêmica.

Palavras-chave: Cão; Diagnóstico microbiológico; Imunossupressão; Nocardiose; Osteomielite.

Osteossarcoma em ulna de *Agapornis roseicollis* com metástase pulmonar: Relato de caso.

Luana Costa Ferreira¹; Caio Fachini Lopes de Almeida¹; Mel da Matta do Carmo¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A interação entre humanos e animais é um fenômeno histórico, sendo estes utilizados em diversas áreas, como produção, pesquisa e, cada vez mais, como companhia. Nas últimas décadas, observa-se um crescimento expressivo no número de animais de estimação não convencionais, especialmente aves ornamentais e canoras. No Brasil, estima-se que existam 167,6 milhões de animais de companhia, incluindo 41,3 milhões de aves. Dentre elas, as psitacídeas do gênero *Agapornis* destacam-se por sua docilidade, comportamento social e longevidade, podendo ultrapassar os 10 anos de vida. O aumento da expectativa de vida desses animais tem refletido diretamente na casuística clínica, ressaltando a importância de investigações que ampliem o conhecimento acerca de suas enfermidades. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de osteossarcoma (OSA) de ulna com metástase pulmonar em *Agapornis roseicollis*, destacando os principais achados radiográficos, citológicos e histopatológicos que permitiram o diagnóstico definitivo. O paciente, um macho de 12 anos, apresentou histórico de prostração, hiporexia e queda da asa esquerda. Ao exame físico, foi identificado nódulo cutâneo firme, ulcerado, com alopecia periférica e central, medindo aproximadamente 1 cm no terço proximal da ulna esquerda. Radiografias evidenciaram lesão óssea agressiva, caracterizada por neoformação mineral, fratura patológica do rádio, reabsorção óssea e alterações articulares degenerativas bilaterais, além de um nódulo pulmonar compatível com possível metástase. Foi realizada punção aspirativa por agulha fina (PAAF), que revelou células fusiformes atípicas, com citoplasma basofílico, núcleo excêntrico, nucléolos evidentes e pleomorfismo celular, sugerindo osteossarcoma. Apesar da instituição de analgesia, o animal evoluiu com dispneia grave e veio a óbito dois dias após o atendimento inicial. Na necropsia, observou-se nódulo pulmonar e, no exame histopatológico, identificou-se proliferação neoplásica maligna infiltrativa de osteoblastos, formando feixes multidirecionais, matriz osteoide e condroide, além de marcante anisocitose e anisocariose, confirmando o diagnóstico de osteossarcoma com metástase pulmonar. Osteossarcomas são neoplasias ósseas malignas caracterizadas pela produção de matriz osteoide pelas células neoplásicas. São comuns em cães, mas raros em aves, onde afetam predominantemente ossos longos e apresentam comportamento localmente agressivo, com baixa taxa de metástase relatada. O presente caso é o primeiro registro em *Agapornis roseicollis* com metástase pulmonar confirmada, configurando um achado incomum na espécie. O caso relatado evidencia a importância da associação de modalidades diagnósticas, como radiografia, citologia e histopatologia, no reconhecimento de lesões ósseas agressivas em aves. Além disso, ressalta o potencial metastático do osteossarcoma, ainda que raro, e reforça a necessidade de estudos voltados à oncologia de animais exóticos, frente ao aumento da popularidade dessas espécies no cenário pet brasileiro.

Palavras-chave: Agapornis; Aves; Histopatologia; Metástase; Osteossarcoma.

Osteossarcoma mamário em cadela SRD: Relato de caso e abordagem terapêutica.

Anna Júlia Brandão de Souza¹; Cecília Torres Alves¹; Lays da Silva Mendes¹; Luana Lopes dos Santos¹; Mariana Silva de Souza¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras- RJ.

Resumo

Os tumores de mama estão entre as afecções mais frequentes em cadelas, representando importante causa de morbidade e mortalidade nessa espécie. Entretanto, dentro desse grupo, a ocorrência de osteossarcoma mamário é extremamente rara, com poucos relatos disponíveis na literatura veterinária. Esse tipo de tumor caracteriza-se por comportamento altamente agressivo, invasivo e com grande potencial metastático, o que torna seu diagnóstico e manejo clínico desafiadores. Normalmente, os carcinomas representam a maior parte das neoplasias mamárias malignas, seguidos pelos sarcomas, como fibrossarcoma e hemangiossarcoma. O osteossarcoma, por sua vez, ocorre principalmente em ossos longos, e sua apresentação extraesquelética é considerada incomum, acometendo, na maioria das vezes, tecidos moles e, mais raramente, a glândula mamária. O presente relato descreve o caso de uma cadela com diagnóstico histopatológico de osteossarcoma mamário, ressaltando a relevância clínica da identificação e tratamento dessa neoplasia. Foi atendida uma cadela sem raça definida (SRD), não castrada, com 10 anos de idade e 13,6 kg, encaminhada para realização de mastectomia parcial, preservando apenas o par mamário mais cranial, juntamente com ovariossalpingo-histerectomia (OSH). No exame físico, apresentava mucosas hipocoradas, tempo de preenchimento capilar (TPC) de 2 segundos, temperatura de 37,1°C e ausência de alterações palpáveis nos linfonodos. Como exames pré-operatórios, foram realizados ultrassonografia abdominal e radiografia torácica, sem evidências de metástases, além de hemograma, que revelou leve anemia e leucocitose, e bioquímica sérica, que não apresentou alterações significativas. O fragmento tumoral coletado foi submetido à análise histopatológica, que confirmou o diagnóstico de osteossarcoma mamário, com intensa proliferação de células mesenquimais fusiformes a ovaladas, pleomorfismo nuclear acentuado, nucléolos proeminentes, citoplasma discretamente eosinofílico e deposição de matriz osteoide neoplásica intercalada ao parênquima tumoral. Um mês após a cirurgia, a paciente iniciou protocolo quimioterápico com alternância de doxorubicina e carboplatina, associados a fármacos adjuvantes para controle de efeitos adversos. Durante os seis meses de acompanhamento, foram realizados exames hematológicos periódicos, além de monitoramento das funções renal e hepática. Ao final do tratamento, exames de imagem e bioquímica não mostraram alterações significativas; contudo, o hemograma evidenciou anemia leve, leucopenia e trombocitopenia. Foi prescrito suplemento hematopoiético (Hemolitan) e recomendado retorno para reavaliação. Importante destacar que, durante esse período, a cadela manteve boa qualidade de vida, sem sinais de recidiva local ou metástase à distância. Este relato reforça a raridade do osteossarcoma mamário em cadelas, enfatizando a necessidade do diagnóstico histopatológico definitivo para diferenciá-lo de outros tumores mesenquimais mamários. O tratamento cirúrgico associado à quimioterapia mostrou-se eficaz em estabilizar o quadro e proporcionar sobrevida com qualidade, ainda que o prognóstico seja considerado reservado. Além disso, destaca-se a importância da prevenção por meio da OSH precoce, que reduz de forma significativa o risco de desenvolvimento de tumores mamários. Contudo, casos atípicos, como este, evidenciam a relevância de consultas periódicas, exames complementares e acompanhamento contínuo, permitindo a detecção precoce e o manejo adequado de neoplasias pouco usuais.

Palavras-chave: Cadela; Diagnóstico histopatológico; Neoplasia; Osteossarcoma mamário; Quimioterapia

Ozonioterapia como estratégia complementar no tratamento do tétano em equino: Relato de caso.

Marya Eduarda de Souza Silva¹, Thays Motta Campos¹, Sara Elisa Ribeiro Ramos Landim¹, Mário dos Santos Filho² & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Potro tordilho da raça Mangalarga Marchador, de três anos de idade, sem histórico prévio de enfermidades, apresentou quadro clínico compatível com tétano após laceração profunda no membro posterior esquerdo adquirida durante transporte, sem realização imediata da profilaxia com soro antitetânico. Inicialmente, o ferimento recebeu apenas limpeza com antisséptico e curativos caseiros, sendo mantido por aproximadamente 14 dias sem acompanhamento profissional, o que favoreceu a instalação do agente etiológico *Clostridium tetani*. Quinze dias após o trauma, o animal manifestou sinais clínicos característicos, como inapetência, rigidez muscular generalizada, posição em cavalete, prolapso da terceira pálpebra, disfagia, dispneia, cauda ereta e hipersensibilidade a estímulos sonoros e luminosos, confirmando o diagnóstico clínico de tétano. O exame físico evidenciou desidratação, taquicardia, taquipneia e hipertermia, além da ferida em processo de cicatrização com secreção e odor sugestivos de contaminação bacteriana. Diante do quadro, foi instituído tratamento integrativo associando a terapêutica convencional ao uso da ozonioterapia em diferentes vias de administração. O protocolo incluiu antibioticoterapia com penicilina potássica e benzatina, administração de soro antitetânico em metade da dose usualmente recomendada, flunexina meglumine como anti-inflamatório não esteroide, além de detomidina para controle da rigidez muscular e sedação. Paralelamente, foi realizada ozonioterapia intravenosa com soro ringer lactato ozonizado durante cinco dias consecutivos, insuflação retal a cada 48 horas por cinco dias e aplicação tópica de gás ozônio diretamente na ferida, após limpeza diária com clorexidina, seguida de curativo estéril. A evolução clínica demonstrou melhora discreta após o primeiro dia, estabilização no segundo e terceiro dias e regressão significativa dos sinais clínicos a partir do quarto dia, com recuperação gradual da deambulação, redução da exposição da terceira pálpebra, diminuição da frequência respiratória, normotermia e retomada parcial da ingestão de alimentos e água. Após sete dias, observou-se remissão dos principais sinais neurológicos, permitindo ao animal abaixar a cabeça para pastar, e ao décimo dia o paciente recebeu alta clínica sem sequelas, retomando suas atividades normais de treinamento. A associação da ozonioterapia ao tratamento convencional demonstrou-se eficaz no controle da infecção, na potencialização dos efeitos do soro antitetânico mesmo em dose reduzida, no estímulo à resposta imune e na aceleração da cicatrização da ferida contaminada. Considerando que a literatura reporta taxas de mortalidade de até 80% em equinos acometidos por tétano, os resultados deste caso reforçam o papel da ozonioterapia como ferramenta adjuvante promissora, capaz de reduzir a gravidade dos sinais clínicos, diminuir a necessidade do uso intensivo de fármacos convencionais e proporcionar melhor prognóstico. Assim, este relato destaca a relevância da abordagem integrativa em grandes animais, apontando a ozonioterapia como recurso complementar de grande valor na clínica de equinos acometidos por enfermidades infecciosas graves.

Palavras-chave: Cavalo; Grandes animais; Ozonioterapia; Tétano.

Percepção de conhecimento acerca de monitorização de pequenos animais sob sedação ou anestesia por médicos veterinários no Brasil.

Larissa Magalhães de Castro¹; Isabella Danon Martins¹; Gabriele Barbosa Brandão¹; Guilherme Alexandre Soares Monteiro²; Rafaela Pradel de Carvalho² & Eduardo Butturini de Carvalho³.

¹Discente da Universidade de Vassouras, Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - MPDMV. Vassouras –RJ Brasil.

²Discente da Universidade de Vassouras, Graduação em Medicina Veterinária. Vassouras-RJ Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – MPDMV. Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A monitorização durante sedação e anestesia em pequenos animais é essencial para a segurança. A utilização de monitores multiparamétricos para mensuração de sinais fisiológicos, facilitam o registro contínuo. Contudo, pouco se sabe sobre o nível de conhecimento do médico veterinário na interpretação desses valores. Embora estudos observacionais em diversos países apontem elevada percepção de relevância da monitorização, também evidenciam lacunas no conhecimento aplicado e barreiras práticas. No Brasil, iniciativas semelhantes ainda são escassas, o que sustenta a necessidade de investigação. Este estudo teve objetivo de avaliar a autopercepção de conhecimento de médicos veterinários sobre monitorização de pequenos animais sob sedação/anestesia, contemplando oximetria de pulso (SpO₂), capnografia, eletrocardiograma (ECG), pressão arterial (PA) e temperatura. Trata-se de pesquisa transversal por questionário eletrônico, aprovada pelo CEP da Universidade de Vassouras (CAAE 88925925.6.0000.5290) e divulgada digitalmente entre 15 de junho e 21 de outubro de 2025. Participaram veterinários formados que realizam ou já realizaram sedação/anestesia em pequenos animais, com dados anônimos e TCLE assinado. Os dados parciais foram analisados por estatística descritiva. Obteve-se 123 respostas: 65% mulheres (80/123) e 35% homens (43/123), mediana de idade de 30 anos; ano de formação variou de 2000 a 2025 (mediana 2020). Quanto à atuação, 48% trabalham como anestesiistas em várias clínicas, 39,8% como clínicos gerais/outras especialidades e 4% como docentes em pós-graduação. Na autopercepção do conhecimento técnico, observou-se para ECG 57,7% intermediário (71/123), 22,8% baixo (28/123) e 19,5% avançado (24/123). Para SpO₂, 47,2% avançado, 42,3% intermediário e 10,6% baixo. Em temperatura, 66,7% avançado, 30,1% intermediário e 3,3% baixo. Para PA, 48% avançado, 43,1% intermediário e 8,9% baixo. Em capnografia, 47,2% intermediário, 28,5% avançado e 24,4% baixo. O perfil indica maioria em início-meio de carreira, com variabilidade de exposição prática e heterogeneidade de treinamento, fatores que ajudam a explicar gradientes de autopercepção. Há maior conforto com parâmetros “básicos” (temperatura, PA, SpO₂) e menor com monitorização respiratória avançada e elétrica (capnografia, ECG). Isso é relevante para a segurança, pois a capnografia é o método mais sensível para detectar hipoventilação/apneia precoces, e o ECG auxilia na identificação de arritmias e correlação hemodinâmica; assim, as lacunas recaem sobre ferramentas críticas para detecção de eventos graves. Os achados alinham-se à literatura internacional: domínio mais sólido em medidas básicas e menor em ferramentas críticas; o predomínio do “intermediário” em ECG/capnografia sugere base conceitual presente, porém não consolidada. Estudos externos indicam que formados há >15 anos monitoram mais a frequência respiratória e que centros de referência utilizam mais capnografia, sugerindo que experiência e local de atuação influenciam a autopercepção. Como implicação prática, capnografia e ECG devem ser frentes prioritárias de capacitação, por meio de treinamentos curtos e práticos, checklists e auditorias simples que fechem o ciclo de melhoria, enquanto a termometria mostra domínio consolidado e SpO₂/PA, desempenho intermediário/variável. Limitações incluem representatividade e potencial viés de auto seleção, com maior participação de interessados em anestesia. Recomendam-se estudos adicionais, com

amostra ampliada e análise da relação entre autoconhecimento e tempo de experiência, área de atuação, tempo de formação e região.

Palavras-chave: Anestesia; Autopercepção; Monitorização; Pequenos animais; Sedação; Veterinária.

Percepção de médicos veterinários sobre atenção e práticas na monitorização de pequenos animais no Brasil.

Gabriele Barbosa Brandão¹, Isabella Danon Martins¹, Larissa Magalhães de Castro¹, Rafaela Pradel²; Eduardo Butturini de Carvalho³ & Guilherme Alexandre Soares Monteiro³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A monitorização de cães e gatos durante a sedação e anestesia é um componente central da segurança do paciente, pois permite a detecção precoce de alterações cardiorrespiratórias, hemodinâmicas e térmicas e viabiliza possíveis intervenções. A intervenção anestésica deve ser entendida como um cuidado contínuo com monitorização sistemática no pré, trans e pós-operatório. O objetivo deste estudo é descrever como médicos veterinários brasileiros monitoram pequenos animais submetidos a procedimentos anestésicos dentro de ambiente hospitalar veterinário. Uma pesquisa de práticas na monitorização da sedação e anestesia de pequenos animais está sendo feita através de formulários on-line (Google forms) com TCLE (termo de consentimento livre e esclarecimento), sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Vassouras. Até a data de 21 de agosto de 2025 havia 125 respondentes, dentre eles dois foram excluídos por não aceitarem o TCLE. Totalizou-se 123 participantes de 20 estados diferentes, sendo 65% mulheres (80/123) e 35% de homens (43/123). Em relação ao hábito de registrar os dados da monitorização em ficha anestésica, 58.5% dos participantes sempre registram, enquanto 28.5% registram somente às vezes e 13% nunca fazem. Em relação aos alarmes dos monitores, 43.9% desligam os alarmes sempre que possível, 30.9% nunca mexe nas configurações dos alarmes, e 25.2% configuram os alarmes para cada perfil do paciente. Em relação a frequência da monitorização dos pacientes após uma anestesia geral, no setor de recuperação pós-anestésica, 42.3% dos animais sempre ficam sob observação de um veterinário, 26.8% às vezes ficam sob observação de um veterinário, 13.8% sempre ficam sob observação de um auxiliar, 13.0% às vezes ficam sob observação de um auxiliar e 1.6% fica sozinho em canis ou gatis de recuperação. Em relação ao uso de celulares e redes sociais 43.1% concordam parcialmente que prejudicam a atenção na monitorização, enquanto 30.1% concordam totalmente e 26.8% discordam totalmente. Em relação a solicitações de colegas de trabalho, como pegar materiais cirúrgicos durante o procedimento, 49.6% concordam parcialmente que os atos prejudicam a concentração, enquanto 40.7% concordam totalmente e 9.8% discordam totalmente. Em relação a realização de algum procedimento de anestesia geral sem monitorizar eletrocardiografia, pressão arterial e/ou oximetria, 49.6% sempre monitorou, 31.7% já realizou algum procedimento sem qualquer monitorização, e 18.7% deixaram de realizar algum tipo de monitorização. Em relação a percepção dos médicos veterinários a monitorização de seus pacientes, 48.8% concordam parcialmente que os animais estão sendo monitorados adequadamente, enquanto 42.3% acreditam que a monitorização está adequada, e 8.9% acreditam que seus pacientes não estão sendo monitorados adequadamente. As taxas de mortalidade relatadas no período perianestésico continuam sendo motivo de preocupação. Esse cenário evidencia possíveis falhas tanto na identificação prévia de fatores de risco relacionados ao procedimento quanto na monitoração adequada durante a anestesia. Apesar dos avanços alcançados na anestesiologia veterinária, os quais contribuíram para a redução da incidência de complicações, o risco associado à anestesia ainda permanece elevado. Ainda são necessárias políticas de conscientização e educação continuada para médicos veterinários, a fim de aumentar o número e a qualidade de monitorização de pequenos animais antes, durante e após o processo anestésico.

Palavras-chave: Anestesia; Monitorização; Pequenos Animais; Sedação.

Pielonefrite bacteriana com evolução para sepse em cadela idosa: Relato de caso.

Maria Clara de Souza Freitas¹, Giulia Bisighini de Barros Bella Cunha¹, Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Júlia Aléxia Fernandes Barros Reis¹, Ester Costadela do Valle & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A pielonefrite é uma infecção bacteriana do parênquima renal e pelve, geralmente secundária à ascensão de bactérias do trato urinário inferior. Este relato descreve o diagnóstico e tratamento de uma cadela idosa com pielonefrite complicada por sepse. Infecções do trato urinário superior em cães podem apresentar sinais clínicos inespecíficos e evoluir rapidamente para sepse, especialmente em animais idosos ou com comorbidades. O diagnóstico precoce é fundamental para evitar falhas terapêuticas e óbito. Foi atendida na clínica veterinária uma cadela, SRD, 12 anos, 14 kg, com histórico de apatia, anorexia e febre há 48 horas. No exame físico, apresentava temperatura retal de 40,3 °C, mucosas congestas, taquicardia (160 bpm), taquipneia (40 mpm) e sensibilidade à palpação abdominal cranial direita. A pressão arterial sistólica era de 110 mmHg (oscilométrica). O hemograma revelou leucocitose (28.500/μL) com neutrofilia e desvio à esquerda, e anemia normocítica normocrômica leve (Ht 28%). A bioquímica sérica evidenciou elevação de ureia (95 mg/dL) e creatinina (2,1 mg/dL), além de fosfatase alcalina aumentada. O exame de urina obtida por cistocentese mostrou densidade urinária de 1,020, proteinúria (++), piúria (+++) e bacteriúria (+++). A urocultura isolou *Escherichia coli* multissensível. A ultrassonografia abdominal revelou dilatação da pelve renal direita e irregularidade cortical compatível com pielonefrite, associada a moderada perda da diferenciação corticomedular. A paciente foi internada e iniciou fluidoterapia isotônica (NaCl 0,9%) para correção da desidratação estimada em 7%. A antibioticoterapia empírica inicial foi com amoxicilina + clavulanato (20 mg/kg IV q8h), posteriormente ajustada para enrofloxacino (5 mg/kg IV q24h) após resultado da cultura e teste de sensibilidade. Também foram administrados anti-inflamatório não esteroidal meloxicam (0,1 mg/kg SC q24h por 3 dias), analgesia multimodal com tramadol (3 mg/kg IV q8h) e dipirona (25 mg/kg IV q8h), além de monitoramento contínuo de parâmetros vitais e lactato sérico. Nas primeiras 24 horas, observou-se melhora do apetite, redução da temperatura para 38,9 °C e normalização da frequência cardíaca. O lactato reduziu de 3,8 mmol/L para 1,9 mmol/L. Após cinco dias de internação, a paciente apresentou remissão dos sinais clínicos, função renal estabilizada e exames laboratoriais dentro da normalidade. Recebeu alta com prescrição de enrofloxacino por mais 21 dias, dieta renal e reavaliação ultrassonográfica em 30 dias. A pielonefrite pode cursar com sinais discretos, mas deve ser considerada diante de febre persistente e dor lombar em cães. A urocultura é essencial para o diagnóstico definitivo e escolha do antibiótico adequado. A evolução para sepse aumenta o risco de mortalidade, sendo fundamental o suporte intensivo. No presente caso, a rápida instituição de terapia antimicrobiana guiada por cultura e suporte clínico possibilitou recuperação completa. A identificação precoce e o tratamento agressivo da pielonefrite são determinantes para o prognóstico em cães, especialmente quando associada à sepse. A cultura bacteriana com antibiograma é indispensável para direcionar a terapêutica e evitar resistência antimicrobiana.

Palavras-chave: Antibióticos; Cães; Pielonefrite; Sepse; Urocultura.

Pneumotórax espontâneo associado a bolhas enfisematosas em cão jovem sem comorbidades respiratórias - Relato de caso.

Victória Cristina de Almeida Menezes¹; Helena Bianco Rosas¹; Helena Costa da Silva¹; Alice Vargas Peralta¹; Mariana Cortes Alves¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras,Vassouras- RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras,Vassouras- RJ.

Resumo

Relata-se o caso de um cão macho, sem raça definida, 2 anos de idade, atendido com quadro agudo de dispneia e intolerância ao exercício, sem histórico de trauma, intoxicação ou doença pulmonar prévia. Através de exame físico, radiografia torácica e tomografia computadorizada, foi diagnosticado pneumotórax espontâneo secundário à ruptura de bolhas enfisematosas subpleurais. O caso exigiu drenagem pleural de emergência e, posteriormente, toracoscopia para remoção das lesões pulmonares. Trata-se de um caso raro, cuja apresentação atípica reforça a importância da investigação por imagem avançada em pacientes jovens com quadro respiratório súbito. O pneumotórax espontâneo é incomum em cães, especialmente quando não há trauma torácico ou histórico de doença pulmonar subjacente evidente. Em humanos, a condição pode ocorrer por ruptura de bolhas subpleurais, também chamadas de blebs. Em medicina veterinária, poucos casos similares são descritos, sendo a identificação e abordagem cirúrgica fundamentais para evitar recidivas e complicações. Um cão, SRD, macho, 2 anos, 16 kg, foi levado ao hospital veterinário com sinais súbitos de taquipneia, ortopneia e letargia. O tutor relatava início agudo dos sinais há cerca de 8 horas, após passeio rotineiro. O animal apresentava FR = 72 irpm, PA = 110 mmHg, FC = 130 bpm, mucosas hipocoradas, com som timpânico à percussão torácica bilateral e ausência de ruídos pulmonares em região dorsal. A radiografia torácica evidenciou presença de ar livre na cavidade pleural (pneumotórax bilateral), sem evidência clara de massas ou consolidações. Foi realizada toracocentese de emergência, com drenagem de 450 mL de ar, seguida de estabilização clínica. Dado o quadro sem causa identificada, optou-se por tomografia computadorizada (TC), que revelou múltiplas bolhas aéreas subpleurais (blebs) nos lobos caudal esquerdo e médio direito, compatíveis com enfisema pulmonar focal. Diante do risco de recidiva, foi realizada toracoscopia videoassistida (VATS) para remoção das áreas afetadas por blebs. A análise histopatológica do tecido pulmonar confirmou enfisema alveolar focal com ruptura de septos, sem sinais de neoplasia, granulomas ou infecção ativa. O paciente teve recuperação satisfatória e alta hospitalar em 5 dias. Foi acompanhado por 6 meses, sem recorrência do pneumotórax. O pneumotórax espontâneo primário é raro em cães e geralmente está relacionado a bolhas enfisematosas congênicas ou adquiridas. A ausência de doenças pulmonares crônicas ou trauma neste caso torna-o atípico, com provável origem idiopática ou genética. A tomografia permitiu diagnóstico preciso, sendo superior à radiografia para detectar lesões subpleurais pequenas. A toracoscopia videoassistida mostrou-se eficaz e minimamente invasiva para tratamento cirúrgico, como relatado por McAnulty & Gregory (2021), reduzindo risco de recorrência em comparação à drenagem torácica isolada. Este caso destaca a importância de incluir o pneumotórax espontâneo no diagnóstico diferencial de dispneia aguda mesmo em cães jovens, aparentemente saudáveis, e a necessidade de imagem avançada para identificação da causa.

Palavras-chave: Cão; Bolhas subpleurais (blebs); Pneumotórax espontâneo; Tomografia computadorizada; Toracoscopia videoassistida.

Produção de carne bovina: Benefícios da castração para rendimento e qualidade do produto final.

Leonardo Freire Quintanilha¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ - Brasil

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ - Brasil

Resumo

A castração dos machos foi um manejo tradicionalmente usado pelos produtores de bovinos de corte, visando evitar o efeito dos hormônios androgênicos sobre as características de carcaça e da carne, porém, vários trabalhos têm demonstrado que esses mesmos hormônios são responsáveis por maior velocidade de crescimento e melhor conversão alimentar dos animais inteiros em relação aos castrados. Este estudo de caso foi realizado em uma fazenda localizada em Paraíba do Sul/RJ, com o objetivo de avaliar e comparar o desempenho de bovinos inteiros e castrados em relação ao ganho de peso e ao rendimento de carcaça, buscando identificar qual grupo apresenta melhores resultados nesses quesitos, além de analisar a relação com a qualidade da carne produzida. A metodologia consistiu na análise de um rebanho de 70 animais com idade média de 30 meses, mestiços anelados, com o mesmo manejo nutricional. O rebanho foi dividido em 2 grupos iguais, sendo 35 bovinos inteiros e 35 bovinos castrados na idade de 12 meses. Os dados foram coletados por meio de anotações das pesagens quinzenais, avaliações visuais durante o manejo e análises visuais de amostras de carcaça após o abate. As pesagens periódicas que ocorreram a cada quinze dias, permitiram o monitoramento do ganho de peso ao longo do período experimental de 100 dias, enquanto as avaliações visuais facilitaram o acompanhamento do estado de desenvolvimento dos animais vivos. Após o abate, as amostras das carcaças foram analisadas para determinar o rendimento de carcaça e a deposição de gordura, especialmente na região do entremeio, relacionada ao marmoreio. Os resultados revelaram que, embora os bovinos inteiros apresentem maior ganho de peso ao longo do período, os bovinos castrados exibiram um melhor rendimento de carcaça. Além disso, os animais castrados demonstraram maior deposição de gordura de cobertura, especialmente na região do entremeio, o que contribuiu para uma carne de qualidade superior devido ao melhor marmoreio. Essa maior deposição de gordura desejável também foi associada a um maior rendimento de carcaça, indicando que a castração pode ser uma estratégia eficaz para produzir um produto final mais valorizado, especialmente em sistemas de produção voltados para carnes de alta qualidade. A discussão sugere que, apesar do menor ganho de peso, os bovinos castrados oferecem vantagens na qualidade da carne e eficiência na produção de carcaça. Esses fatores tornam a castração uma prática recomendada para produtores que buscam agregar valor ao seu produto, promovendo a produção de carne com melhor padrão de marmoreio e maior rentabilidade. A conclusão do estudo reforça que a castração influencia positivamente no rendimento de carcaça, contribuindo para uma produção mais eficiente e de maior valor agregado.

Palavras-chave: Desempenho; Gordura; Hormônio; Marmoreio; Monitoramento.

Pseudo-obstrução ureteral por cistite polipoide com hidronefro- se unilateral em felino: Relato de caso.

Diana Ivanov Pedroso¹; Bruna Mattos de Lima e Silva¹; Clara Marques Barros¹; Julia Soares Dinelli Maia²; Bruna Pereira Gonçalves² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As uropatias obstrutivas em felinos representam uma emergência médica frequente, sendo as causas mais comuns a urolitíase, estenoses, tampões mucosos e neoplasias. Contudo, lesões benignas como pólipos vesicais, embora raras, podem ocasionar obstrução urinária funcional por compressão mecânica dos óstios ureterais. Este relato descreve um caso de pseudo-obstrução ureteral causada por cistite polipoide em gato doméstico, com consequente hidronefroze unilateral reversível após intervenção cirúrgica conservadora. Um gato sem raça definida (SRD), macho, 9 anos, foi encaminhado com histórico de hematúria intermitente, disúria progressiva e episódios esporádicos de vocalização ao urinar. O tutor também relatou diminuição do apetite e perda de peso moderada. O exame físico revelou escore corporal 2,5/5, bexiga de consistência aumentada e sensível à palpação, e dor abdominal leve. A avaliação bioquímica evidenciou discreta elevação de ureia e creatinina séricas, com leve proteinúria no exame de urina. A ultrassonografia abdominal identificou hidroureter e hidronefroze à direita, com dilatação do ureter até a entrada na bexiga, além de espessamento focal e irregular da parede vesical dorsal, sem presença de cálculos. Diante da suspeita de obstrução parcial por estrutura intracavitária, optou-se por abordagem cirúrgica exploratória. Durante a cistotomia, foi observada formação pedunculada de aproximadamente 1,5 cm de comprimento, inserida na parede dorsal da bexiga, adjacente ao óstio ureteral direito, causando obstrução mecânica do fluxo urinário proveniente do ureter. A lesão foi completamente excisada e enviada para histopatologia, que confirmou cistite polipoide benigna, com proliferação epitelial e inflamação crônica sem características de malignidade. No pós-operatório imediato, o paciente foi mantido com analgesia (buprenorfina 0,02 mg/kg SC q8h), antibiótico profilático (cefovecina 8 mg/kg SC), e monitoramento de débito urinário. Em 24 horas, observou-se micção espontânea, com melhora progressiva dos sinais clínicos. No controle de 30 dias, a ultrassonografia demonstrou reversão completa da hidronefroze e ausência de recidiva da lesão. Este caso destaca uma causa incomum de obstrução urinária parcial e reversível em felinos, relacionada a lesão benigna vesical. A cistite polipoide deve ser incluída no diagnóstico diferencial de gatos com hematúria persistente e dilatação ureteral unilateral, especialmente na ausência de urolitíase. O diagnóstico definitivo depende da associação entre exames de imagem, avaliação cirúrgica e histopatologia. A resolução cirúrgica é curativa e o prognóstico geralmente é favorável quando a intervenção é precoce.

Palavras-chave: Cistite polipoide; Disúria; Hidronefroze felina; Pólipo vesical; Pseudo-obstrução ureteral.

Retenção de ovo em periquito-australiano (*Melopsittacus undulatus*) - Relato de caso.

Júlia de Souza Pontes Barbosa¹, Tiago Figueiredo Guedes¹, Marina Lima Gianastacio², Larissa Magalhães de Castro², Erica Cristina Rocha Roier³ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A distocia em aves, frequentemente chamada de retenção de ovo, é uma condição comum em psitacídeos de pequeno porte, sendo considerada emergência obstétrica na clínica de aves, ocasionando em lesões do sistema reprodutivo e podendo levar ao óbito. Entre os fatores predisponentes destacam-se a obesidade e um manejo alimentar inadequado, fatores diretamente relacionados ao crescimento comercial de aves ornamentais e a pouca instrução acerca das exigências nutricionais da espécie. O presente relato descreve um caso de retenção de ovo em um periquito-australiano (*M. undulatus*) fêmea, e a respectiva abordagem clínica e cirúrgica. Foi atendida em clínica veterinária uma fêmea de periquito-australiano, de 4 anos, apresentando sangramento ativo em região de cloaca e retenção de ovo. Ao exame físico observou-se mucosas normocoradas e temperatura corporal de 40°C. A ave apresentava ainda score corporal acima do ideal, com acúmulo de gordura em região de asas e peito. Através da anamnese, foi relatado que a dieta do animal consistia em um preparado de sementes, sem suplementação de outros alimentos de origem natural como frutas e leguminosas, também não contando com ração extrusada. Inicialmente foi realizado analgesia e tratamento de suporte, com aplicação de ácido tranexâmico na dose de 10 mg/kg por via intramuscular, dipirona 25mg/kg por via intramuscular, Midazolam 1mg/kg via intranasal e Meloxicam na dose de 1mg/kg via intramuscular, associado à fluidoterapia com soro Ringer-Lactato 15ml/kg subcutâneo e oxigenioterapia. Para a remoção do ovo foi realizada anestesia local da cloaca com pomada de lidocaína. Em seguida, procedeu-se à punção do ovo alojado na cloaca com auxílio de seringa acoplada a agulha hipodérmica 18G, introduzida cuidadosamente até alcançar a casca. Após a perfuração, o conteúdo foi aspirado. Foram removidos os fragmentos da casca e realizou-se sutura cloacal no padrão “bolsa de tabaco”. A recuperação pós-anestésica foi bem-sucedida, e a ave foi encaminhada para tratamento domiciliar pelo tutor. A retenção de ovo em psitacídeos está fortemente associada às condições nutricionais inadequadas e obesidade, fatores identificados neste caso. A dieta restrita a sementes é pobre em cálcio, vitaminas e aminoácidos essenciais, predispondo a distúrbios reprodutivos e metabólicos. O manejo terapêutico imediato deve priorizar analgesia, estabilização e remoção do ovo de forma minimamente invasiva, evitando trauma adicional. O prognóstico para aves em casos de distocia depende da rapidez da intervenção, do estado geral do animal e da presença de complicações, como ruptura de oviduto ou infecções secundárias. Neste caso, a intervenção precoce e identificação rápida do quadro permitiu uma recuperação satisfatória. Ressalta-se, porém, a necessidade de acompanhamento contínuo, reavaliação clínica e ajustes nutricionais para prevenir recorrência do quadro. O caso relatado reforça a importância do diagnóstico precoce e da intervenção imediata na retenção de ovo em aves. O manejo clínico e cirúrgico adequado permitiu a recuperação da paciente. Destaca-se ainda a relevância de orientar os tutores sobre a nutrição balanceada, fator determinante na saúde reprodutiva de aves ornamentais.

Palavras-chave: Aves ornamentais; Distocia; Manejo reprodutivo; Nutrição; Ornitopatologia.

Revisão crítica da histoplasmose cutânea em felinos: Novas ferramentas diagnósticas e abordagens integradas.

Gustavo Vieira de Souza Barros¹; Fernanda Cristina de Oliveira Lopes¹; Samira Aline Silva Muniz¹; Suzana Barbosa Macedo¹; Tamara Cristina Cristovam da Silva¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras- RJ.

Resumo

A histoplasmose é uma micose sistêmica causada pelo fungo dimórfico *Histoplasma capsulatum*, que acomete diferentes espécies animais, incluindo os felinos domésticos (*Felis catus*). A infecção ocorre, geralmente, por inalação de microconídios presentes no solo contaminado com fezes de aves ou morcegos, sendo mais comum em regiões tropicais e subtropicais com alta umidade e matéria orgânica em decomposição. Embora a forma respiratória seja a mais prevalente, a histoplasmose também pode se manifestar na pele, seja por disseminação hematogênica a partir do foco pulmonar ou, mais raramente, por inoculação direta do fungo na pele ou mucosas. Nos felinos, a histoplasmose cutânea se caracteriza pelo aparecimento de lesões dermatológicas como nódulos, úlceras, áreas de alopecia, crostas e feridas que não cicatrizam, geralmente localizadas na face, membros, região perineal e tronco. Em alguns casos, essas manifestações cutâneas podem ser a única evidência clínica da infecção, dificultando o diagnóstico precoce. Outras vezes, estão associadas a sinais sistêmicos, como perda de peso, apatia, febre e alterações respiratórias, indicando um quadro mais disseminado da doença. O diagnóstico da histoplasmose cutânea é baseado na associação de sinais clínicos, histórico epidemiológico e exames laboratoriais. A citologia de lesões cutâneas, especialmente por punção aspirativa ou impressão direta de úlceras, é uma das formas mais rápidas e acessíveis de identificar o agente, revelando leveduras intracelulares arredondadas, com parede espessa, geralmente fagocitadas por macrófagos. A confirmação pode ser feita por histopatologia com colorações especiais, como PAS e Giemsa, que evidenciam o fungo no tecido. Exames complementares, como cultura fúngica, PCR e testes sorológicos, são úteis, embora nem sempre disponíveis na rotina veterinária. O tratamento consiste no uso de antifúngicos sistêmicos, com destaque para o itraconazol, administrado por via oral em doses entre 5 e 10 mg/kg por um período mínimo de quatro a seis meses, podendo ser estendido conforme a resposta clínica. Em casos mais graves ou disseminados, pode-se utilizar a anfotericina B, geralmente em ambiente hospitalar, devido ao risco de efeitos adversos como nefrotoxicidade. A resposta ao tratamento costuma ser positiva, especialmente quando iniciado precocemente, porém exige acompanhamento clínico e laboratorial frequente. A histoplasmose cutânea em felinos, embora menos comum que a forma respiratória, representa uma manifestação importante e potencialmente grave da infecção por *H. capsulatum*. Seu reconhecimento clínico é fundamental para evitar diagnósticos errôneos e tratamentos inadequados, como antibioticoterapia prolongada sem sucesso. A conscientização sobre a doença, especialmente em áreas endêmicas, permite maior vigilância por parte dos tutores e profissionais. Além disso, medidas de controle ambiental, como o manejo adequado de fezes de aves e morcegos e o uso de substratos limpos, são essenciais para a prevenção da infecção. Conclui-se que a abordagem clínica da histoplasmose cutânea exige atenção multidisciplinar, reunindo conhecimento em dermatologia, infectologia e micologia veterinária para garantir um diagnóstico preciso e um tratamento eficaz.

Palavras-chave: Antifúngicos sistêmicos; Diagnóstico precoce; Felinos; *Histoplasma capsulatum*; Lesões cutâneas.

Rinite linfoplasmocitária crônica em gato com estenose nasal parcial – Relato de caso.

Victória Cristina de Almeida Menezes¹; Juliana de Amorim Penha da Silva¹; Ellen Caroline Costa Candido¹; Emanuelle Carvalho Guerra Carneiro¹; Monique Prado Vasconcellos¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente de Graduação em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ.

²Docente do curso de Mestrado em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ.

Resumo

A rinite crônica linfoplasmocitária (RCL) é uma afecção inflamatória persistente da mucosa nasal de etiologia multifatorial, frequentemente associada a alterações estruturais, como a estenose parcial das vias nasais. Este relato descreve o caso de uma gata adulta diagnosticada por rinoscopia e biópsia, com evolução clínica compatível e necessidade de manejo prolongado. A RCL é considerada uma das causas mais frequentes de espirros crônicos e secreção nasal persistente em felinos, muitas vezes confundida com infecções virais recorrentes, especialmente as causadas pelo herpesvírus felino tipo 1 (FHV-1). Sua etiologia exata permanece incerta, mas acredita-se que fatores como inflamação pós-infecção viral, disfunção mucociliar, reações de hipersensibilidade e processos imunomediados contribuam para a persistência do quadro. A condição caracteriza-se histologicamente pelo infiltrado linfoplasmocitário crônico na mucosa nasal, sem evidência de agentes infecciosos específicos. Neste caso, uma gata fêmea, sem raça definida (SRD), 5 anos de idade, pesando 3,8 kg, foi atendida com histórico de espirros diários, episódios ocasionais de epistaxe leve e secreção nasal serossanguinolenta havia cerca de sete meses. O quadro era refratário a múltiplos ciclos de antibióticos, incluindo amoxicilina-clavulanato e doxiciclina, prescritos empiricamente. Ao exame físico, a paciente apresentava secreção nasal bilateral, ruídos respiratórios altos e congestão nasal evidente à palpação facial, sem linfadenomegalia ou sinais sistêmicos relevantes. Foi realizada tomografia computadorizada de crânio, que revelou espessamento difuso da mucosa nasal bilateralmente, associado à redução acentuada do lúmen no meato nasal direito, compatível com estenose parcial. A rinoscopia mostrou mucosa hiperêmica e edemaciada, presença de exsudato mucopurulento e estreitamento anatômico no meato nasal direito, dificultando a passagem do endoscópio. Amostras de biópsia da mucosa foram coletadas para análise. O exame histopatológico demonstrou infiltrado linfoplasmocitário denso na lâmina própria, sem detecção de neoplasias, fungos ou bactérias específicas. Assim, estabeleceu-se o diagnóstico de RCL associada à estenose nasal parcial. O tratamento inicial incluiu prednisolona (1 mg/kg VO q24h) com redução gradual, irrigação nasal diária com solução salina morna e um ciclo de doxiciclina (10 mg/kg VO q24h por 21 dias), como medida adjuvante frente à possibilidade de infecção bacteriana secundária. Houve melhora clínica significativa nas primeiras três semanas, mas o retorno dos sintomas em intervalos mensais indicou necessidade de manejo intermitente com corticoides. A RCL felina é considerada incurável, mas seus sinais clínicos podem ser controlados. A estenose nasal parcial provavelmente contribuiu para a persistência da sintomatologia ao dificultar a drenagem e aeração das cavidades nasais. O diagnóstico definitivo exige exclusão de outras causas, como neoplasias (linfoma nasal), micoses (criptococose) e infecções bacterianas específicas. O manejo terapêutico envolve controle da inflamação com corticoides, irrigação nasal para higiene mecânica e tratamento de infecções secundárias quando presentes. A resposta é variável e recidivas são comuns, exigindo acompanhamento prolongado e ajustes individuais da terapia. Apesar de incurável, o manejo adequado possibilita boa qualidade de vida ao paciente, mesmo em casos com alterações anatômicas.

Palavras-chave: Corticoterapia; Estenose nasal; Felinos; Rinite crônica linfoplasmocitária; Rinoscopia.

Temperamento de receptoras e matrizes em criações de equinos.

Ana Júlia Vasconcelos Rodrigues Rivello¹; João Felipe Halfeld Carraca²; Renata Gonçalves da Fonseca Bonatti²; Ana Júlia Brandão de Souza² & Érica Cristina Rocha Roier³

¹Discente do curso de Mestrado em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Mestrado em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O período neonatal é considerado determinante para a sobrevivência e desempenho futuro do potro. A neonatologia equina corresponde aos primeiros dias de vida do potro, período crítico marcado por fragilidade fisiológica, necessidade de cuidados intensivos e, fundamental para a sobrevivência do neonato e o estabelecimento do vínculo materno-filial. Este estudo possui caráter descritivo e exploratório, fundamentado em revisão bibliográfica de artigos científicos, livros de fisiologia e reprodução equina, além de relatos de campo sobre o manejo de matrizes no período neonatal. Critérios de análise: temperamento das éguas (dóceis x agressivas), alterações hormonais no pós-parto, impactos no manejo neonatal e na descida do leite. Procedimentos: levantamento em obras de referência em fisiologia e comportamento animal, com análise comparativa entre os perfis comportamentais e sua relação com o manejo de potros. O temperamento das éguas receptoras e matrizes exerce papel determinante, influenciando diretamente o manejo, a assistência veterinária e a segurança da equipe. Éguas dóceis permitem maior facilidade na aproximação e nos procedimentos neonatais, enquanto éguas temperamentais apresentam comportamentos defensivos, dificultando intervenções essenciais, aumentando riscos de acidentes e dificultam a ingestão do colostro. Além disso, fatores hormonais como a liberação de ocitocina, prolactina e cortisol interferem no comportamento materno e na descida do leite, influenciando a aceitação do potro e a lactação. Este trabalho tem como objetivo analisar a influência do temperamento materno e da fisiologia hormonal no manejo de éguas no pós-parto, destacando estratégias de manejo que conciliem bem-estar animal, segurança e eficiência produtiva. Do ponto de vista fisiológico, o parto desencadeia alterações hormonais significativas. A ocitocina promove contrações uterinas e a ejeção do leite, enquanto a prolactina mantém a lactação. Já o cortisol, associado ao estresse, pode alterar a resposta materna, deixando a égua mais vigilante. Níveis elevados de adrenalina e noradrenalina, liberados em situações de medo, podem prejudicar a descida do leite. Portanto, compreender a interação entre comportamento materno e fisiologia hormonal é essencial para orientar práticas de manejo que assegurem o bem-estar da égua e do potro, além da segurança dos profissionais envolvidos. O temperamento das receptoras e matrizes varia de acordo com fatores genéticos, manejo e alterações hormonais próprias do parto. O manejo deve ser adaptado ao temperamento: em éguas dóceis, a aproximação é direta, facilitando os cuidados. Em éguas agressivas, recomenda-se o uso de contenções físicas e estratégias de aproximação cuidadosa para proteger os profissionais. Adicionalmente, o treinamento prévio das matrizes e receptoras, por meio de técnicas de doma racional e dessensibilização, reduz a probabilidade de comportamentos agressivos no período neonatal. O temperamento das receptoras e matrizes influencia diretamente a eficiência dos cuidados neonatais, a segurança da equipe veterinária e a sobrevivência dos potros. Enquanto as éguas dóceis favorecem o manejo, as éguas agressivas exigem protocolos específicos de contenção e intervenção. Portanto, estratégias de manejo que considerem o perfil comportamental das éguas e, respeitem os aspectos fisiológicos são indispensáveis para garantir bem-estar animal, segurança humana e maior sucesso reprodutivo.

Palavras-chave: Comportamento equino; Lactação; Neonatologia equina; Temperamento; Vínculo materno-filial.

Tratamento cirúrgico de paciente reptiliano com prolapso peniano: Relato de caso.

Mel da Matta do Carmo¹; Caio Fachini Lopes de Almeida¹; Cecilia Torres Alves¹; Helena Fiorelli de Souza¹; Luana Costa Ferreira¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A criação de jabutis tem se tornado popular por demandar menos custos e cuidados em comparação a cães e gatos. Esses répteis terrestres, pertencentes à ordem *Testudines*, são suscetíveis a doenças em cativeiro, geralmente relacionadas a falhas nutricionais e ambientais. Entre essas afecções destaca-se o prolapso peniano, caracterizado pela exteriorização persistente do pênis através da cloaca, podendo levar a ressecamento, edema, necrose e infecções secundárias. Essa condição pode ser causada por traumas, infecções, inflamações, distúrbios neurológicos, parasitismo intestinal ou impactação cloacal. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de prolapso peniano em jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*). Um macho, adulto, pesando 4 kg, foi atendido em uma clínica no noroeste fluminense com histórico de apatia e prolapso peniano, que segundo o relato da tutora havia acontecido um dia antes. Durante o exame clínico, observou-se parâmetros vitais normais, porém um prolapso peniano congesto. Diante do quadro, optou-se pela abordagem cirúrgica. O protocolo anestésico incluiu sedação com midazolam e cetamina, analgesia com tramadol e anestesia epidural intercoccígea com lidocaína. Como profilaxia, foi administrada enrofloxacin e foi realizada a antisepsia local. O procedimento consistiu na incisão dos ligamentos penianos, transfixação dos corpos cavernosos com fio absorvível sintético e remoção completa do órgão pela técnica das três pinças, seguida de sutura contínua do coto peniano. No pós-operatório imediato, foi prescrito o uso de antibiótico com enrofloxacin, anti-inflamatório (meloxicam), reposição nutricional e uso tópico de pomada cicatrizante à base de óxido de zinco e ácido cresílico. A ferida cirúrgica foi higienizada diariamente. Ao décimo dia após a cirurgia, o jabuti apresentou melhora clínica significativa, retomando comportamento ativo, ingestão de alimentos e hidratação espontânea. Após uma semana, recebeu alta médica em boas condições gerais. Esse caso evidencia a importância da intervenção cirúrgica precoce nos quadros de prolapso peniano em jabutis. Embora o tratamento conservativo seja indicado em situações menos graves, a penectomia mostrou-se eficaz e segura, proporcionando plena recuperação ao animal sem comprometer suas funções fisiológicas, já que a ausência do órgão copulador não interfere na excreção urinária. Adicionalmente, o relato reforça a relevância do manejo adequado em cativeiro, uma vez que erros de alimentação, ambiente e separação forçada durante cópula podem predispor a afecções reprodutivas graves. O procedimento realizado garantiu a preservação do bem-estar do paciente, ressaltando a necessidade de acompanhamento clínico contínuo e da adoção de práticas de manejo preventivo em quelônios mantidos fora de seu habitat natural.

Palavras-chave: Anti-inflamatório; Manejo; Penectomia; Prolapso peniano; Quelônios.

Úlcera de córnea refratária em cão da raça shih-tzu: desafio diagnóstico e terapêutico na clínica oftálmica veterinária: Relato de caso.

Maria Clara da Silva Arruda Pereira¹; Ana Clara Ferreira Brandão¹; Ana Livia Pereira Oliveira¹; Isabella Esteves Silveira¹; Karine Keller Rezende² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras – Vassouras-RJ.

²Médica Veterinária autônoma – Resende-RJ.

³Docente do curso de graduação em Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras – Vassouras-RJ.

Resumo

Úlceras corneanas representam uma das enfermidades oftálmicas mais comuns em cães, sendo particularmente frequentes em raças braquicefálicas como o Shih Tzu, nas quais a conformação anatômica favorece a exposição e fragilidade da córnea. A maioria das úlceras superficiais responde bem à terapia tópica, entretanto, em alguns casos ocorre falha na adesão do epitélio à membrana basal, caracterizando as úlceras indolentes ou refratárias, que configuram um desafio clínico e exigem abordagem diferenciada. O presente relato descreve o caso de um cão da raça Shih Tzu, macho, 10 anos, 6,1 kg, encaminhado à Clínica Escola da Universidade XYZ após quatro dias de dor ocular, blefaroespasma e epífora no olho direito, sem melhora após uso prévio de colírio antibiótico e lubrificante. Ao exame oftálmico, observou-se hiperemia conjuntival, opacidade focal corneana e úlcera superficial positiva à fluoresceína, com bordas epiteliais soltas e elevadas, compatíveis com úlcera indolente; o Teste de Schirmer e a pressão intraocular estavam dentro da normalidade. Foi realizada anestesia tópica seguida de desbridamento epitelial manual com cotonete estéril e grid superficial com agulha 25G, instituindo-se tratamento adjuvante com moxifloxacino 0,5% (q6h), atropina 1% (q12h), lubrificante com ácido hialurônico (q4h) e collar elizabetano. O paciente apresentou cicatrização completa no 12º dia, com regressão da dor ocular e discreta opacidade residual sem comprometimento visual. As úlceras indolentes, além de mais prevalentes em cães idosos e braquicefálicos, não cicatrizam adequadamente apenas com o uso de colírios devido à falha estrutural na adesão epitelial, sendo necessária a intervenção mecânica que rompa a membrana basal defeituosa e estimule a regeneração. A técnica de grid superficial, quando associada a antibióticos de última geração e suporte lubrificante, apresenta elevada taxa de sucesso, conforme evidenciado na literatura, e foi determinante para o desfecho positivo deste caso. Conclui-se que a identificação precoce do tipo de úlcera, aliada à intervenção terapêutica adequada, é essencial para a rápida reepitelização e recuperação funcional da córnea em cães predispostos, evitando complicações e recidivas.

Palavras-chave: Grid superficial; Córnea indolente; Shih-Tzu; Úlcera corneana.

Uso da aloe vera no tratamento de feridas em membros de equinos: evidências, limitações e perspectivas: Revisão de literatura.

Patrick Jordão Moledo Pecoraro¹, Mariana Quintanilha Eller Viana¹, Mariana Cortes Alves¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹, Mario dos Santos Filho² & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As feridas em membros nas porções distais em equinos apresentam desafios peculiares, incluindo cicatrização por segunda intenção, propensão a formação de Tecido de Granulação Exuberante (TGE) e atraso de epitelização, o que motiva a avaliação de adjuvantes tópicos capazes de modular o microambiente da ferida. *Aloe vera* e seu principal polissacarídeo, o acemanano, têm sido propostos como agentes cicatrizantes por suas ações anti-inflamatória, antioxidante, pró-angiogênica e estimuladora de fibroblastos e queratinócitos. Esta revisão buscou sintetizar algumas evidências disponível sobre *Aloe vera*/acemanano em feridas cutâneas de equinos e discutir sua atividade biológica e aplicabilidade clínica. Fontes consultadas incluíram PubMed/MEDLINE, SciELO e literatura veterinária especializada. Em equinos, revisões de tratamentos tópicos citam *Aloe vera* e, sobretudo, hidrogéis com acemanano entre agentes que podem favorecer reparo tecidual, ainda com poucos ensaios controlados específicos na espécie; relatos e experiências clínicas descrevem melhora de granulação e cobertura epitelial em feridas complexas, com a ressalva de variabilidade de formulações e ausência de padronização de desfechos. Um estudo clínico em asininos demonstrou benefício do gel de *Aloe vera* a 10% sobre controle em parâmetros de cicatrização, oferecendo evidência translacional relevante. Em outras espécies animais e em humanos, revisões e estudos experimentais reforçam a aplicabilidade por mecanismos como modulação de citocinas, estímulo a angiogênese e aumento de deposição de colágeno, além de possível atividade antimicrobiana, o que sustenta a hipótese de utilidade como coadjuvante em feridas equinas. Entretanto, persistem lacunas críticas como heterogeneidade de produtos (gel fresco, extratos estabilizados, acemanano purificado), dose/concentração, frequência de aplicação, comparadores ativos e métricas padronizadas (área, contração, tempo para epitelização). Diante disso, o uso de *Aloe vera*/acemanano em feridas de membros de equinos pode ser considerado adição racional em protocolos multimodais (desbridamento, ambiente úmido, controle de contaminação, bandagens adequadas), especialmente quando se objetiva modulação de inflamação e estímulo à granulação/epitelização; contudo, recomenda-se prudência, escolha de formulações estáveis e monitoramento da formação de TGE. Concluímos que a *Aloe vera* é biologicamente plausível e promissora como coadjuvante, mas a evidência clínica específica em cavalos ainda é limitada, justificando ensaios controlados randomizados com formulações padronizadas de acemanano/gel, medidas de desfecho validadas e foco em feridas distais. Este trabalho contribui delineando o estado da arte, as limitações metodológicas correntes e prioridades de pesquisa para integrar, com segurança e efetividade do *Aloe vera* às práticas de manejo de feridas em equinos.

Palavras-chave: Acemanano; Cicatrização; *Aloe vera*; Equinos; Feridas cutâneas; Membros distais.

Uso da termografia infravermelha no diagnóstico de afecções musculoesqueléticas em cães atletas.

Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha¹, Beatriz de Andrade Reis¹, Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Júlia Alexia Fernandes Barros Reis¹, Maria Clara de Souza Freitas¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A termografia infravermelha (TIV) é um método de diagnóstico por imagem não invasivo que detecta variações de temperatura na superfície corporal, traduzindo em padrões térmicos que podem refletir alterações fisiológicas ou patológicas. Em cães atletas, que estão sujeitos a esforços repetitivos e alta demanda física, o diagnóstico precoce de afecções musculoesqueléticas é essencial para prevenir lesões graves, reduzir o tempo de afastamento e preservar o desempenho esportivo. A TIV pode identificar áreas de hipertermia relacionadas a inflamação, sobrecarga ou lesões agudas, assim como áreas de hipotermia associadas a déficits circulatórios ou processos crônicos. Esta revisão sistemática investigou a aplicabilidade, acurácia e limitações da TIV na rotina de avaliação de cães atletas. Foi realizada busca nas bases de dados PubMed, Web of Science e CAB Abstracts, utilizando os descritores: “*infrared thermography*”, “*canine*” e “*musculoskeletal injuries*”. Foram incluídos estudos publicados entre janeiro de 2010 e dezembro de 2024 que correlacionaram achados termográficos com diagnósticos clínicos ou exames complementares, como radiografia, ultrassonografia ou ressonância magnética. Excluíram-se trabalhos com amostras inferiores a cinco animais, revisões narrativas e relatos de caso isolados. As informações extraídas incluíram número de animais avaliados, tipo de lesão, protocolo termográfico e comparação com métodos diagnósticos convencionais. A busca inicial identificou 32 artigos, dos quais 8 preencheram os critérios de inclusão. Os estudos analisados utilizaram TIV para avaliar tendinopatias, lesões musculares e distúrbios articulares em cães de agility, pastoreio e corrida. Em 65% dos casos, a TIV detectou alterações térmicas compatíveis com inflamação ou sobrecarga muscular antes da manifestação clínica ou palpação dolorosa. A sensibilidade variou de 78% a 92% e a especificidade de 70% a 88% quando comparada ao diagnóstico confirmado por exames de imagem convencionais. Três estudos relataram que a combinação da TIV com exame físico e ultrassonografia aumentou a acurácia diagnóstica para até 95%. As principais limitações identificadas foram a influência da temperatura e umidade ambientais, necessidade de aclimação prévia dos animais e a importância de padronizar distância e ângulo de captura das imagens. A TIV mostra potencial como ferramenta de triagem rápida para detecção de alterações musculoesqueléticas em cães atletas, permitindo intervenção precoce e redução do risco de lesões graves. Sua natureza não invasiva e ausência de radiação a tornam segura para uso repetido, inclusive em avaliações periódicas de rotina. Entretanto, sua interpretação exige treinamento específico para evitar erros decorrentes de artefatos ambientais ou de variações anatômicas individuais. Além disso, por não fornecer imagens anatômicas detalhadas, deve ser utilizada como complemento, e não substituto, de exames como a ultrassonografia musculoesquelética e a ressonância magnética. A TIV é uma ferramenta útil, segura e de rápida execução para o diagnóstico precoce de afecções musculoesqueléticas em cães atletas. Recomenda-se sua integração a protocolos de avaliação preventiva e de monitoramento de desempenho, sempre em associação com exame clínico e métodos de imagem convencionais. Novos estudos, com amostras maiores e protocolos padronizados, podem ampliar sua aplicabilidade e confiabilidade na medicina esportiva veterinária.

Palavras-chave: Cães atletas; Diagnóstico precoce; Musculoesquelético; Termografia.

Uso de antidepressivos no manejo da dor em cães: Revisão de literatura.

Fellipe Bonatti de Medeiros Teixeira¹; Ana Clara Lima de Oliveira¹; Ayssa Miranda dos Santos Ramos¹; Lavínia Alzeman Dias Delfino¹; Letícia Bilches Esteves Scramin¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A dor crônica em cães é um problema clínico de grande relevância, visto que compromete o bem-estar animal e frequentemente se mostra refratária aos tratamentos convencionais, como anti-inflamatórios não esteroidais, opioides e anticonvulsivantes. Embora esses fármacos sejam amplamente utilizados, apresentam eficácia limitada e podem causar efeitos adversos significativos. Nesse contexto, os antidepressivos, em especial os tricíclicos (TCA) e os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (SSRI), vêm sendo investigados como potenciais adjuvantes no tratamento da dor em medicina veterinária, apoiados em evidências da medicina humana e em modelos experimentais. Foi realizada uma busca sistemática em bases de dados como PubMed, Scopus, Google Scholar e periódicos veterinários nacionais, utilizando os termos “dog pain antidepressants”, “canine amitriptyline”, “fluoxetine pain”, “tricíclicos cães dor” e “SSRIs veterinary pain”. Foram incluídos artigos publicados entre 2013 e 2023 que abordassem aspectos clínicos, farmacológicos e experimentais do uso de antidepressivos em cães ou em modelos animais de dor. Estudos relevantes identificados incluíram pesquisas experimentais em roedores com dor neuropática, revisões bibliográficas nacionais sobre fármacos analgésicos e relatos de uso clínico off-label em cães. Os resultados evidenciaram que a amitriptilina e a imipramina, ambas pertencentes aos antidepressivos tricíclicos, reduziram significativamente a hipersensibilidade mecânica e térmica em modelos de neuropatia em roedores, além de apresentarem efeito ansiolítico e antidepressivo. A fluoxetina demonstrou eficácia parcial, reduzindo a hipersensibilidade mecânica e sintomas de ansiedade, mas com menor efeito sobre a dor térmica. Em cães, a literatura descreve o uso off-label da amitriptilina no manejo de dor neuropática e prurido crônico, sustentado por seu mecanismo de inibição da recaptação de serotonina e noradrenalina. SSRIs como a fluoxetina são empregados principalmente em distúrbios comportamentais, como ansiedade de separação, havendo apenas evidências indiretas de benefício no manejo da dor crônica. Apesar do potencial terapêutico, limitações importantes foram observadas. Relatos de toxicidade em cães, geralmente por ingestão acidental ou erro de dosagem, incluem sinais como sedação, tremores, ataxia e alterações cardiovasculares. Além disso, a ausência de estudos clínicos controlados em cães impede a consolidação de protocolos terapêuticos específicos. A escassez de investimentos na pesquisa veterinária, associada ao foco em fármacos já consolidados como gabapentina e pregabalina, também contribui para a lentidão no avanço das investigações. Conclui-se que os antidepressivos representam uma ferramenta promissora dentro da abordagem multimodal para a dor em cães, especialmente em quadros crônicos e neuropáticos. Embora os dados atuais sejam limitados, sua atuação sobre a nocicepção e os aspectos emocionais da dor justifica o aprofundamento das pesquisas e a realização de ensaios clínicos que confirmem sua eficácia e segurança na prática veterinária.

Palavras-chave: Amitriptilina; Antidepressivos tricíclicos; Cães; Dor crônica; Fluoxetina; SSRIs.

Uso de interferons no tratamento de retrovíroses felinas.

Isabella Cristina Galdino Furtado¹; Helena Fiorelli de Souza¹; **Júlia Aléxia Fernandes Barros Reis¹** & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O vírus da imunodeficiência felina (FIV) e o vírus da leucemia felina (FeLV) são retrovírus de distribuição global que afetam a saúde dos gatos domésticos, causando síndromes de supressão da medula óssea, neoplasias e outras doenças infecciosas secundárias. O tratamento dessas retrovíroses baseia-se no uso de medicamentos antivirais e imunomoduladores. As abordagens descritas nos estudos consistem em revisões de literatura, buscando compilar informações e evidências científicas sobre a eficácia de diferentes fármacos no tratamento e na prevenção dessas doenças. Em particular, foi realizada uma revisão sistemática que buscou evidências para o uso de protocolos de interferon alfa e ômega em gatos sintomáticos infectados por FIV e/ou FeLV. O uso de Interferon Alfa Recombinante Humano tem-se mostrado favorável na diminuição da sintomatologia clínica e no controle de infecções oportunistas, melhorando a qualidade e a expectativa de vida dos gatos. Da mesma forma, o interferon ômega recombinante felino (rFeIFN- ω) demonstrou efeitos terapêuticos significativos. Apesar de alguns medicamentos, como o AZT, apresentarem eficácia contra ambos os vírus, e outros imunomoduladores serem eficazes em gatos com FeLV, a literatura ressalta que, até o momento, não existem medicamentos antivirais específicos para uso veterinário, recorrendo-se àqueles utilizados para o vírus da imunodeficiência humana (HIV). A eficácia e segurança de alguns tratamentos ainda são incertas, com a necessidade de mais ensaios clínicos randomizados e controlados em grande escala para que os interferons possam ser recomendados com maior evidência científica. Um ponto de destaque é o tratamento oral com rFeIFN- ω para a Síndrome da Gengivoestomatite Crônica Felina (FCGS) associada ao FIV e/ou FeLV, que se mostrou uma terapia benéfica. As doenças infecciosas em felinos, somadas ao crescimento populacional desses animais, expõem a necessidade de profissionais mais atualizados e familiarizados com as diretrizes de manejo das retrovíroses felinas para que possam oferecer o melhor tratamento e, assim, aumentar a expectativa e qualidade de vida de seus pacientes.

Palavras-chave: FIV; FeLV; Gatos; Imunomoduladores; Interferon; Retrovíroses.

Uso de lactato sanguíneo como marcador prognóstico em cães com choque séptico.

Manuella Fonseca Mazzoto¹; Caroline Fernandes de Andrade Faustino¹; Jeniffer da Costa Genuíno¹; Manoela Helena de Souza¹; Yasmin Krepk Martins¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A mensuração do lactato sanguíneo é amplamente empregada na medicina humana como ferramenta para avaliação da hipóxia tecidual, perfusão sistêmica e prognóstico em pacientes críticos, especialmente em quadros de sepse e choque séptico. O lactato é um metabólito produzido predominantemente durante o metabolismo anaeróbico, sendo seu aumento no sangue frequentemente relacionado à hipoperfusão e hipóxia celular. Na medicina veterinária, o interesse pela utilização do lactato como marcador prognóstico em cães com choque séptico tem crescido, pois trata-se de um exame de rápida execução, baixo custo relativo e que fornece informações valiosas sobre a gravidade da doença e a resposta terapêutica. Esta revisão sistemática buscou sintetizar as evidências sobre a utilidade clínica e prognóstica do lactato sanguíneo nesse cenário. A pesquisa bibliográfica foi realizada nas bases PubMed, Scopus e Google Scholar, utilizando os descritores “lactate”, “dogs”, “septic shock” e “prognosis”. Foram incluídos estudos originais publicados entre 2010 e 2024, que correlacionaram valores de lactato sanguíneo com desfechos clínicos, particularmente a taxa de sobrevivência. Foram excluídos relatos de caso, revisões narrativas e estudos com amostras inferiores a 10 animais. As informações extraídas incluíram valores de corte para lactato, tempo de mensuração, métodos de análise (portátil ou laboratorial) e associação com mortalidade. A busca inicial identificou 41 estudos, sendo que 10 preencheram os critérios de inclusão. Os trabalhos analisados indicaram que valores iniciais de lactato acima de 4 mmol/L estavam fortemente associados a pior prognóstico, com mortalidade variando de 60% a 85% nesses casos. Além disso, a redução de pelo menos 20% nos níveis nas primeiras 6 horas após início do tratamento foi correlacionada com taxas de sobrevida significativamente maiores. Estudos enfatizaram a importância de mensurações seriadas, pois a normalização precoce do lactato, independentemente do valor inicial, esteve associada a prognóstico favorável. Observou-se, ainda, que cães sem redução significativa do lactato em 12 a 24 horas apresentaram evolução clínica desfavorável. O lactato sanguíneo é um marcador valioso na avaliação inicial e no acompanhamento de cães com choque séptico. Sua interpretação seriada permite não apenas estimar o prognóstico, mas também monitorar a eficácia das intervenções terapêuticas, como reposição volêmica, uso de vasopressores e antibioticoterapia. Apesar de sua utilidade, o lactato não deve ser interpretado isoladamente. Condições como convulsões, exercício intenso, insuficiência hepática e intoxicações podem elevar seus níveis independentemente de sepse. Além disso, diferenças nos métodos de aferição (analisadores portáteis versus laboratoriais) podem gerar variações nos resultados, reforçando a necessidade de padronização. A utilização do lactato como marcador de reanimação guiada pode otimizar o manejo intensivo, mas estudos multicêntricos de grande escala ainda são necessários para consolidar protocolos específicos em medicina veterinária. A mensuração seriada do lactato sanguíneo é um preditor confiável de prognóstico em cães com choque séptico, sendo recomendada como parte integrante do monitoramento em unidades de terapia intensiva veterinária. A associação com parâmetros clínicos e laboratoriais adicionais potencializa sua utilidade, permitindo decisões terapêuticas mais precisas e individualizadas.

Palavras-chave: Cães; Emergência Veterinária; Lactato; Prognóstico; Sepse.

Uso de soro hiperimune em cães com doenças virais: Revisão sistemática.

Ana Clara Lima de Oliveira¹; Ayssa Miranda dos Santos Ramos¹; Bruna Mattos de Lima e Silva¹; Lavínia Alzeman Dias Delfino¹; Letícia Bilches Esteves Scramin¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O soro hiperimune (SHI) consiste em uma forma de imunoterapia passiva obtida a partir de doadores previamente imunizados ou naturalmente expostos, com elevada concentração de anticorpos específicos capazes de neutralizar vírus e modular a resposta inflamatória do hospedeiro. Na clínica de pequenos animais, o SHI tem sido empregado sobretudo como adjuvante no manejo de viroses caninas potencialmente fatais, com destaque para a parvovirose canina (CPV-2) e a cinomose canina (CDV), nas quais a evolução rápida, a alta carga viral e a imunossupressão podem limitar a eficácia exclusiva do tratamento de suporte. O objetivo desta revisão sistemática foi sintetizar criticamente a evidência disponível acerca da eficácia, segurança, limitações e lacunas de conhecimento relacionadas ao uso do SHI em cães com doenças virais, com foco em desfechos clínicos relevantes para a tomada de decisão. Foram pesquisadas as bases PubMed, Scopus, SciELO e CAB Abstracts, no período de 2000 a 2025, utilizando descritores e combinações booleanas envolvendo *hyperimmune serum*, *antiserum*, *canine distemper*, *canine parvovirus* e *dogs*. A seleção dos estudos seguiu as diretrizes PRISMA 2020, incluindo etapas de remoção de duplicatas, triagem por títulos e resumos e leitura na íntegra. Foram incluídos estudos clínicos e observacionais que avaliaram SHI com finalidade terapêutica (isolado ou associado ao suporte padrão), em cães com diagnóstico clínico-laboratorial compatível com infecção viral. Excluíram-se relatos anedóticos sem descrição mínima de intervenção/desfechos, estudos sem confirmação diagnóstica ou com intervenções não comparáveis (p. ex., plasma não caracterizado como hiperimune). Ao final, 18 estudos atenderam aos critérios de inclusão e foram submetidos à extração padronizada de dados, contemplando: características da população (idade, gravidade, tempo de evolução), via e momento de administração do SHI, terapias concomitantes e desfechos (mortalidade, tempo de internação, resolução de sinais, marcadores hematológicos, progressão neurológica e eventos adversos). De modo geral, os achados sugerem benefício clínico mais consistente na parvovirose quando o SHI é administrado precocemente, especialmente nas primeiras fases da doença e em conjunto com fluidoterapia, antieméticos, analgesia, suporte nutricional e manejo de sepse/enterite bacteriana secundária. Nesses cenários, diversos estudos apontaram tendência à redução de mortalidade e/ou encurtamento do curso clínico, embora a heterogeneidade metodológica (diferenças de dose, via, título de anticorpos, critérios de gravidade e comparadores) limite a realização de metanálise e reduza a certeza global da evidência. Para a cinomose, os resultados foram menos uniformes: há indicação de possível melhora clínica quando empregado em estágios iniciais e predominantemente sistêmicos, porém não há comprovação robusta de eficácia em casos com manifestação neurológica estabelecida, nos quais a patogênese envolve desmielinização, inflamação persistente e barreiras à penetração de anticorpos no sistema nervoso central. Quanto à segurança, os eventos adversos descritos foram, em sua maioria, compatíveis com reações infusionais/hipersensibilidade e variaram conforme origem do produto, padronização e monitoramento, reforçando a necessidade de protocolos assistenciais e farmacovigilância. Conclui-se que o SHI é uma estratégia promissora como terapia adjuvante, sobretudo na CPV-2, mas ainda carece de padronização (título mínimo, dose, via, janela terapêutica) e de ensaios clínicos controlados, multicêntricos e com desfechos clínicos bem definidos, especialmente para CDV e apresentações neurológicas.

Palavras-chave: Cães; Cinomose; Doenças virais; Parvovirose; Soro hiperimune.

Utilização da miltefosina no tratamento de leishmaniose canina: Revisão de literatura.

Fabiana Alves Ezidio¹; Thaynná Kelly de Souza¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discentes do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A leishmaniose na América do Sul é uma doença infecciosa, multifacetada, causada por várias espécies de *Leishmania* e, consequentemente, com aspectos clínico-epidemiológicos variados. O objetivo deste resumo é descrever o uso do fármaco miltefosina como parte do tratamento dessa enfermidade abordando suas características farmacológicas, mecanismo de ação, efeitos adversos, precauções no momento de utilização, dosagem a ser empregada e os impactos do tratamento. Foram utilizados como fontes bibliográficas artigos científicos em bases de dados indexadas. O tratamento de cães comprovadamente diagnosticados com leishmaniose visceral é permitido desde 2016, conforme a Nota Técnica Conjunta nº 001/2016 – MAPA/MS, vinculada à Portaria Interministerial nº 1.426 de 11 de julho de 2008, onde o único fármaco leishmanicida permitido autenticado é o Milteforan® (miltefosina), que é uma droga classificada como antitumoral, da classe das alquifosfocolinas, tendo como composto químico a hexadecil 2 (trimetil azanium) fosfato de atila ou hexadecilfosfocolina. Apesar de seu mecanismo de ação ainda não estar bem elucidado, atua como análoga de fosfolípidos, principalmente na inibição da síntese da membrana celular do parasita e na interrupção das vias de sinalização celulares presentes nessa membrana, causando apoptose, além de possuir propriedades imunomoduladoras. Esse medicamento permite, assim, a inibição do crescimento de formas promastigotas e provocando a morte das formas amastigotas, resultando em elevada atividade leishmanicida. É completamente absorvida pelo trato gastrointestinal, com biodisponibilidade absoluta de 94% em cães e atinge concentração máxima entre um período de 4 a 48 horas, com meia-vida de 159 horas para a eliminação. Os efeitos adversos ocorrem no trato gastrointestinal e são vômitos, diarreia e inapetência, mas apenas nos primeiros dias de tratamento. Pode aumentar os níveis sanguíneos de transaminases e elevar os de uréia e creatinina. Não deve ser administrado em fêmeas prenhas ou lactantes pelo efeito teratogênico. Não possui excreção renal, sendo parcialmente excretada pelas fezes. A dosagem é de 2mg/kg, via oral, a cada 24 horas, por 28 dias, sendo importante na manipulação utilizar luvas, manter armazenado em local apropriado, evitar contato com as mucosas e não deixar ser manuseado por crianças ou mulheres grávidas. A miltefosina contribui para a melhora clínica do animal, diminuição da carga parasitária e consequentemente, redução da infectividade dos cães reservatórios dos parasitas para os vetores, porém, a resistência está cada vez mais frequente e, muitas vezes, pode ser remetida a um desenvolvimento natural do indivíduo. Para aumentar a efetividade do tratamento, utiliza-se terapias combinadas para potencializar o espectro de atividade e a eficácia terapêutica. A escolha do protocolo baseia-se no estadiamento da doença. Conclui-se por tanto que, a miltefosina representa um avanço no tratamento da leishmaniose visceral canina por seu efeito leishmanicida, boa absorção oral e impacto positivo na redução da carga parasitária e da infectividade dos cães, consolidando-se como uma importante ferramenta terapêutica no controle da enfermidade.

Palavras-chave: Bactérias; Infecção; Mortalidade; Saúde Única; Zoonose.

Utilização do tacrolimus tópico 0,1% para tratamento de lúpus eritematoso discóide em cão: Relato de caso.

Lays da Silva Mendes¹; Anna Júlia Brandão de Souza¹; Caio da Silva Afonso¹; Lucas Pereira de Moura Jorge¹; Yasmin Severo Pullig Sad Coelho¹ & Raphaela Fernandes Coelho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Resumo

O lúpus eritematoso discóide (LED) é uma doença dermatológica imunomediada, caracterizada por resposta autoimune contra componentes da pele, resultando em lesões cutâneas relativamente benignas quando comparadas ao lúpus eritematoso sistêmico (LES). Trata-se da segunda dermatopatia autoimune mais comum em cães, apresentando-se predominantemente no plano nasal, embora possa estender-se para a ponte nasal, regiões perioculares, pavilhão auricular, junções mucocutâneas e, em casos menos frequentes, membros distais. As manifestações clínicas típicas incluem eritema, despigmentação, erosão, ulceração e crostas, frequentemente exacerbadas pela exposição à radiação ultravioleta. O diagnóstico é baseado em achados clínicos e complementado por exames laboratoriais e histopatológicos, que geralmente evidenciam infiltrado linfocítico rico em plasmócitos, degeneração hidrópica da camada basal, espessamento da membrana basal e presença de células epidermais degeneradas. O tratamento consiste em medidas de proteção contra radiação ultravioleta e no uso de agentes imunossupressores ou imunomoduladores, entre os quais corticosteroides tópicos e sistêmicos têm sido mais empregados. O presente trabalho tem por objetivo relatar a eficácia do tratamento com tacrolimus tópico em um cão, macho, sem raça definida, com 8 anos de idade, atendido no setor de dermatologia de um Hospital Veterinário na cidade de Vassouras (RJ). O paciente apresentava lesões ulceradas, crostas e despigmentação do plano nasal. Foi realizado exame diferencial para leishmaniose, com resultado negativo, e exame histopatológico, que confirmou o diagnóstico de lúpus eritematoso discóide. Além do LED, o animal apresentava quadro de hiperadrenocorticismismo iatrogênico em decorrência do uso contínuo de glicocorticoide. O tratamento instituído consistiu na aplicação de uma fina camada de tacrolimus tópico 0,1% a cada 12 horas na área afetada, com avaliações semanais durante um mês. Após esse período, observou-se regressão da despigmentação e desaparecimento das crostas. Com a melhora clínica, a administração do tacrolimus foi gradualmente reduzida até alcançar a frequência de uma aplicação a cada 4 dias. Paralelamente, o uso do glicocorticoide foi suspenso no início do tratamento com o imunomodulador tópico. A resposta clínica foi satisfatória, com regressão das lesões ulceradas e crostosas e manutenção apenas da área despigmentada, considerada uma alteração estética sem impacto na qualidade de vida, e não havia sinais compatíveis com hiperadrenocorticismismo iatrogênico. Nesse contexto, a escolha do tacrolimus tópico demonstrou-se vantajosa, visto que o fármaco atua como imunomodulador por meio da inibição da calcineurina, reduzindo a ativação de linfócitos T e a produção de citocinas pró-inflamatórias, sem apresentar os mesmos riscos sistêmicos associados à corticoterapia. Relatos prévios na literatura já apontam o tacrolimus como alternativa eficaz no manejo do LED canino, principalmente em casos refratários ou na impossibilidade de manutenção com corticosteroides. Além disso, a suspensão do glicocorticoide reduziu os sinais compatíveis com o hiperadrenocorticismismo iatrogênico, corroborando os benefícios da substituição terapêutica. Dessa forma, o caso descrito reforça o potencial do tacrolimus tópico como opção terapêutica segura e eficaz no tratamento do LED em cães, especialmente quando o uso prolongado de corticosteroides representa risco para o paciente, contribuindo para a melhora da qualidade de vida e do bem-estar animal.

Palavras-chave: Canino; Dermatopatia autoimune; Lúpus eritematoso discoide; Tacrolimus; Tratamento.

Glossário de Termos Técnicos

1. **Acantose Nigricans:** Alteração cutânea caracterizada por hiperpigmentação e espessamento da pele, frequentemente associada a distúrbios endócrinos.
2. **Acidose Ruminal:** Distúrbio metabólico caracterizado pela queda do pH no rúmen, geralmente causada por dietas ricas em carboidratos facilmente fermentáveis.
3. **Adenoma Sebáceo:** Tumor benigno que se origina nas glândulas sebáceas, comum em cães e frequentemente assintomático.
4. **Análise Retrospectiva:** Estudo baseado na revisão de dados coletados previamente, com o objetivo de identificar padrões ou correlações em condições clínicas ou epidemiológicas.
5. **Arritmia Ventricular:** Alteração no ritmo normal do coração, originada nos ventrículos, podendo levar a comprometimento da circulação sanguínea.
6. **Artrose:** Doença degenerativa das articulações que causa dor e rigidez, comum em cães idosos.
7. **Babesia canis:** Protozoário intraeritrocitário que causa babesiose em cães, caracterizada por anemia, febre e icterícia.
8. **Bradycardia:** Frequência cardíaca abaixo do normal, podendo indicar condições como intoxicações, doenças cardíacas ou efeitos colaterais de medicamentos.
9. **Bronquite Crônica:** Doença inflamatória persistente das vias aéreas inferiores em cães, levando a tosse crônica e dificuldade respiratória.
10. **Cetoacidose Diabética:** Complicação grave do Diabetes mellitus, caracterizada por hiperglicemia, cetonemia e acidose metabólica.
11. **Cistinúria:** Distúrbio hereditário que causa a formação de pedras nos rins ou na bexiga devido ao acúmulo de cistina.
12. **Cisto:** Lesão encapsulada contendo líquido ou material semi-sólido, comum em diversos tecidos e órgãos.
13. **Colapso de Traqueia:** Condição que afeta principalmente cães de raças pequenas, caracterizada pelo estreitamento das vias aéreas devido ao enfraquecimento das cartilagens traqueais.
14. **Diagnóstico Diferencial:** Processo de identificação de uma doença específica entre várias possíveis, baseado na exclusão sistemática de hipóteses.
15. **Diabetes Insipidus:** Distúrbio endócrino que afeta a capacidade dos rins de concentrar a urina, resultando em poliúria e polidipsia.
16. **Dirofilariose:** Doença parasitária causada pelo *Dirofilaria immitis*, transmitida por mosquitos e que afeta o coração e os pulmões de cães.
17. **Eletrocardiografia (ECG):** Técnica de registro da atividade elétrica do coração, usada para identificar anormalidades no ritmo ou condução cardíaca.

18. **Estenose Aórtica:** Obstrução da válvula aórtica que restringe o fluxo sanguíneo do coração para a aorta, frequentemente detectada em cães.
19. **Fenazopiridina:** Medicamento utilizado no manejo de sintomas urinários, mas que pode causar toxicidade renal quando usado de forma inadequada.
20. **Fatores de Risco:** Condições ou características que aumentam a probabilidade de desenvolvimento de uma doença ou complicação clínica.
21. **Histopatologia:** Estudo das alterações estruturais e funcionais nos tecidos devido a doenças, analisadas ao microscópio.
22. **Hiperestesia Felina:** Síndrome caracterizada por hipersensibilidade cutânea, episódios de lambedura compulsiva e comportamento anormal em gatos.
23. **Hipertermia Maligna:** Resposta hipermetabólica a determinados anestésicos ou estresse, resultando em aumento rápido da temperatura corporal.
24. **Hifema Ocular:** Acúmulo de sangue na câmara anterior do olho, geralmente associado a traumas, infecções ou doenças sistêmicas.
25. **Infecção Eritrocitária:** Infecção que afeta os glóbulos vermelhos, frequentemente associada a agentes como Babesia ou Mycoplasma.
26. **Injúria Renal Aguda (IRA):** Declínio súbito na função renal, frequentemente associado a toxicidade, infecções ou alterações hemodinâmicas.
27. **Intervenção de Emergência:** Ação clínica rápida destinada a estabilizar condições críticas ou potencialmente fatais.
28. **Intoxicação por Metais:** Condição tóxica resultante da exposição excessiva a metais pesados, como chumbo ou zinco, afetando múltiplos sistemas orgânicos.
29. **Lúpus Eritematoso Sistêmico:** Doença autoimune que pode afetar diversos sistemas do corpo, incluindo pele, articulações e órgãos internos.
30. **Manejo Clínico:** Conjunto de procedimentos terapêuticos e de suporte aplicados para tratar ou controlar uma condição clínica.
31. **Melanoma:** Tipo de câncer originado nos melanócitos, células responsáveis pela pigmentação, podendo afetar pele e outros tecidos.
32. **Miocardiopatia Dilatada:** Doença do músculo cardíaco que resulta em câmaras cardíacas dilatadas e função de bombeamento reduzida.
33. **Neoplasia:** Crescimento anormal de células, resultando em tumores, que podem ser benignos ou malignos.
34. **Peritonite Infecciosa Felina (PIF):** Doença viral fatal em gatos, causada pelo coronavírus felino, com manifestações efusivas ou não efusivas.

- 35. **Pneumonia por Aspiração:** Infecção pulmonar resultante da entrada de materiais sólidos ou líquidos no trato respiratório.
- 36. **Poliartrite:** Inflamação de múltiplas articulações, frequentemente associada a doenças autoimunes ou infecciosas.
- 37. **Pólipo Nasal:** Crescimento benigno na cavidade nasal ou nasofaringe, geralmente associado a obstrução respiratória em gatos.
- 38. **Prevenção:** Medidas tomadas para evitar o aparecimento ou progressão de doenças em indivíduos ou populações.
- 39. **Rúmen:** Primeiro compartimento do sistema digestivo dos ruminantes, responsável pela fermentação microbiana dos alimentos.
- 40. **Show do Milhão Histológico:** Atividade lúdica e interativa desenvolvida para facilitar o aprendizado da histologia veterinária.
- 41. **Síndrome de Fissura Palatina:** Condição congênita ou adquirida caracterizada pela comunicação anormal entre a cavidade oral e nasal.
- 42. **Síndrome Vasoplégica:** Condição caracterizada por vasodilatação extrema e hipotensão, frequentemente associada a complicações cirúrgicas ou infecciosas.
- 43. **Tabapuã:** Raça de gado zebuino adaptada ao Brasil, conhecida por sua rusticidade e tolerância a condições tropicais.
- 44. **Traqueomalácia:** Condição que enfraquece as paredes traqueais, muitas vezes relacionada ao colapso de traqueia em cães.
- 45. **Tromboembolismo:** Obstrução de vasos sanguíneos por coágulos que se deslocaram de outro local no corpo, comumente visto em doenças como PIF ou cardiopatias.
- 46. **Ultrassom Doppler:** Técnica avançada de ultrassonografia que avalia o fluxo sanguíneo em tempo real, útil no diagnóstico de anormalidades vasculares.
- 47. **Zoonose:** Doença transmissível entre animais e seres humanos, podendo ser de origem viral, bacteriana, parasitária ou fúngica.

Posfácio

A realização deste evento científico representa um marco importante para a graduação em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, ao evidenciar a força do protagonismo estudantil por meio da atuação do Centro Acadêmico. Essa iniciativa demonstrou que, quando apoiada institucionalmente, a graduação tem o potencial de promover ciência, integrar saberes e estimular a formação de profissionais mais críticos, reflexivos e comprometidos com a profissão.

O apoio da Coordenação do Curso de Medicina Veterinária foi fundamental para estruturar e consolidar esta ação, garantindo que a proposta se transformasse em um espaço de aprendizado, troca e fortalecimento acadêmico.

A parceria com o Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária ampliou o alcance do evento, estabelecendo um elo entre graduação e pós-graduação. Essa integração possibilitou o compartilhamento de experiências, saberes e perspectivas, criando um ambiente de diálogo científico que contribuiu para a formação acadêmica e para a consolidação de uma rede de colaboração institucional.

Assim, este evento deixa como legado a reafirmação da importância da união entre estudantes, docentes e pesquisadores, em um esforço coletivo que fortalece a Medicina Veterinária e abre caminhos para um futuro acadêmico cada vez mais ético, inovador e transformador.

Sobre os Autores



Ana Paula Martinez de Abreu Possui graduação em Medicina Veterinária pela UFRRJ (2000–2005), residência em Patologia Clínica Veterinária pela Universidade Estácio de Sá (2005–2007), mestrado em Biologia Animal (2007–2009) e doutorado em Ciências Veterinárias (2016–2020) pela UFRRJ, com pesquisa em *Trypanosoma* spp. Foi professora da Universidade Severino Sombra (2008–2017), onde coordenou o curso de Medicina Veterinária, e coordenadora da Faculdade de Ciências Médicas de Maricá (2018–2024). Desde 2019 é professora do Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária e, atualmente, coordenadora do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras. Atua em Patologia Clínica Veterinária, com experiência em pequenos animais, animais selvagens, bioquímica, hematologia, parasitologia, hemoparasitoses e citologia.



Érica Cristina Rocha Roier Possui graduação em Medicina Veterinária pela UFRRJ (1999–2004), residência em Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais (2006), mestrado em Clínica Médica e Cirurgia (2007) e doutorado em Ciências Veterinárias, área de Sanidade Animal (2011), todos pela UFRRJ. Tem experiência em Clínica e Cirurgia de Grandes Animais, com ênfase em equinos, atuando principalmente em Medicina Interna Equina, Medicina Preventiva, Hemoparasitoses e Medicina Integrativa. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade de Vassouras e Coordenadora do Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária.



Mário dos Santos Filho Possui graduação em Zootecnia e Medicina Veterinária pela UFRRJ, com ênfase em Reprodução, Nutrição, Conservação de espécies e Clínica Médica de Animais de Companhia. Concluiu pós-graduação em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais (Instituto Qualittas-UCB), residência em Cardiologia e Doenças Respiratórias de Pequenos Animais (UFRRJ), mestrado em Ciências Clínicas e doutorado em Medicina Veterinária (Ciências Clínicas) pela UFRRJ, com foco em cardiologia e doenças respiratórias. Atua como preceptor de Cardiologia, Doenças Respiratórias e Clínica Médica no Hospital Veterinário da UFRRJ. Atualmente é Vice-Coordenador do Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras.



UNIVERSIDADE DE
vassouras